

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

*Presidente*

Luiz Inácio Lula da Silva

*Ministro da Cultura*

Gilberto Gil Moreira

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

*Presidente*

Muniz Sodré de Araújo Cabral

*Diretoria Executiva*

Célia Portella

*Coordenação-Geral do Livro e da Leitura*

Elmer C. Barbosa

*Coordenação-Geral de Pesquisa e Edição*

Oscar Manoel da Costa Gonçalves

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

*Reitor*

Aloísio Teixeira

*Vice-Reitora*

Sylvia Vargas

EDITORA UFRJ

*Diretor*

Carlos Nelson Coutinho

*Coordenadora de Edição de Textos*

Lina Stuart

*Coordenadora de Produção*

Janise Duarte

# O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAIANOS

NINA RODRIGUES

Fac-simile dos artigos publicados na *Revista Brasileira* em 1896 e 1897

Apresentação e notas

Yvonne Maggie

Peter Fry

Rio de Janeiro  
2006

Rubiana Porto  
- 2009 -

Tradução

*Estela dos Santos Abreu*

Revisão

*Maria Teresa Kopschitz de Barros*

Projeto gráfico e capa

*Maurício Moraes Silva*

Ilustração da capa

*Fotografia publicada na Revista Kosmos, ano 1, n. 8, agosto de 1904*

Reprodução fotográfica

*Claudio de Carvalho Xavier*

Rodrigues, Nina, 1862-1906.

O animismo fetichista dos negros baianos / Raimundo Nina Rodrigues; apresentação e notas Yvonne Maggie, Peter Fry. Ed. fac-símile. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional / Editora UFRJ, 2006.

140 p. 22,7 x 15 cm.

Fac-símile de artigos publicados na *Revista Brasileira* em 1896 e 1897.

ISBN- 85-333-0445-5

ISBN- 9788533304451

1. Fetichismo – Bahia. 2. Negros – Bahia – Religião. 3. Bahia – Religião – Influências africanas. I. Fry, Peter, 1941. II. Maggie, Yvonne. III. Biblioteca Nacional (Brasil) / UFRJ. II. Título.

CDD- 299.6098142

## Sumário

Nota dos organizadores .....	7
Apresentação .....	9
Referências bibliográficas .....	22
O animismo fetichista dos negros baianos .....	27
Parte I – Etnografia	
Capítulo I – Zoologia fetichista dos áfrico-baianos .....	31
Capítulo I – Zoologia fetichista dos áfrico-baianos (continuação) .....	38
Capítulo II – Liturgia fetichista dos áfrico-baianos .....	50
Capítulo II – Liturgia fetichista dos áfrico-baianos (continuação) .....	62
Capítulo III – Feitiço, vaticínio, estado de possessão, oráculos fetichistas .....	69
Capítulo III – Feitiço, vaticínio, estado de possessão, oráculos fetichistas (continuação) .....	84
Capítulo IV – Cerimônias do culto fetichista: candomblés, sacrifícios, ritos funerários .....	93
Ilusões da catequese no Brasil .....	107
Notas .....	122
Anexos .....	135
<i>Avertissement</i> .....	135
Advertência .....	136
<i>Introduction</i> .....	136
Introdução .....	138

Tradução

*Estela dos Santos Abreu*

Revisão

*Maria Teresa Kopschitz de Barros*

Projeto gráfico e capa

*Maurício Moraes Silva*

Ilustração da capa

*Fotografia publicada na Revista Kosmos, ano 1, n. 8, agosto de 1904*

Reprodução fotográfica

*Claudio de Carvalho Xavier*

Rodrigues, Nina, 1862-1906.

O animismo fetichista dos negros baianos / Raimundo Nina Rodrigues; apresentação e notas Yvonne Maggie, Peter Fry. Ed. fac-símile. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional / Editora UFRJ, 2006.

140 p. 22,7 x 15 cm.

Fac-símile de artigos publicados na *Revista Brasileira* em 1896 e 1897.

ISBN- 85-333-0445-5

ISBN- 9788533304451

1. Fetichismo – Bahia. 2. Negros – Bahia – Religião. 3. Bahia – Religião – Influências africanas. I. Fry, Peter, 1941. II. Maggie, Yvonne. III. Biblioteca Nacional (Brasil) / UFRJ. II. Título.

CDD- 299.6098142

## Sumário

Nota dos organizadores .....	7
Apresentação .....	9
Referências bibliográficas .....	22
O animismo fetichista dos negros baianos .....	27
Parte I – Etnografia	
Capítulo I – Zoologia fetichista dos áfrico-baianos .....	31
Capítulo I – Zoologia fetichista dos áfrico-baianos (continuação) .....	38
Capítulo II – Liturgia fetichista dos áfrico-baianos .....	50
Capítulo II – Liturgia fetichista dos áfrico-baianos (continuação) .....	62
Capítulo III – Feitiço, vaticínio, estado de possessão, oráculos fetichistas .....	69
Capítulo III – Feitiço, vaticínio, estado de possessão, oráculos fetichistas (continuação) .....	84
Capítulo IV – Cerimônias do culto fetichista: candomblés, sacrifícios, ritos funerários .....	93
Ilusões da catequese no Brasil .....	107
Notas .....	122
Anexos .....	135
<i>Avertissement</i> .....	135
Advertência .....	136
<i>Introduction</i> .....	136
Introdução .....	138

## Nota dos organizadores

Ao longo do ano de 1896, Raimundo Nina Rodrigues publicou na *Revista Brasileira* quatro capítulos intitulados "O animismo fetichista dos negros baianos". Um ano mais tarde, publicou mais um artigo, "Ilusões da catequese no Brasil", no qual anunciava a edição de todos esses artigos em forma de livro, o que aconteceu em 1900 com a publicação em língua francesa sob o título *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*. O autor dedicou a edição à Société Médico-Psychologique de Paris, da qual era membro associado estrangeiro. Imaginamos que com isso quisesse atingir um público internacional, com o qual dialogava.

Em 1935, os artigos da *Revista Brasileira* foram coligidos e publicados por Artur Ramos em uma edição anotada que se tornou a mais conhecida entre nós (Rodrigues, 1935). Ramos escreveu um prefácio com uma pequena história do livro e de sua importância, atualizou a grafia portuguesa e acrescentou trechos da versão em francês, intercalados (sem tradução), ao texto original.

A presente edição marca o centenário da morte de Raimundo Nina Rodrigues, que faleceu no dia 17 de julho de 1906, com apenas 43 anos, no Nouvel Hotel em Paris. Apresentamos a versão original dos artigos da *Revista Brasileira* em fac-símile. Assim fazendo, conservamos a fonte e a ortografia originais. A estética do texto, sua forma, é uma lembrança constante da época de sua produção. Por meio desse artifício como que ritual, esperamos que o leitor possa se sentir transportado, pelo menos um pouco, para a experiência etnográfica vivida pelo autor.

Cotejando as três edições anteriores – os artigos da *Revista Brasileira*, a versão em francês (VF) e a edição de 1935 de Artur Ramos –, incluímos notas que procuram elucidar eventuais diferenças entre as três edições e incorporamos, também nas notas, os trechos que Nina Rodrigues acrescentou à versão em francês.

Como diz a nota do autor no início da VF, essa edição contém erros ortográficos e de impressão que procuramos corrigir. Decidimos, no entanto, manter as diversas grafias dos termos religiosos, porque, nesse caso, não se podia distinguir se era erro do tipógrafo ou desejo do autor de sublinhar as várias formas em que se podem escrever os nomes dos orixás, por exemplo. Com a ajuda de um amigo, como afirma em uma nota, NR fez a versão para o francês e transformou os artigos, já publicados na *Revista Brasileira*, em livro, redefiniu parágrafos, retirou trechos e incluiu outros para dar ao todo da obra uma feição mais acabada.

Nesta edição a advertência e a introdução que NR faz na VF, aqui presentes nos anexos, assim como outros trechos que o autor nela acrescentou, foram transcritos em francês e traduzidos por Estela dos Santos Abreu.

As imagens reproduzidas neste livro são fotografias publicadas no artigo de NR, “As belas artes nos colonos pretos do Brasil”, *Revista Kosmos* ano 1, n. 8, agosto de 1904.

Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 2006

Yvonne Maggie  
Peter Fry

## Apresentação

Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) é quase sempre lembrado como o fundador da antropologia brasileira, transmissor e elaborador das teorias do determinismo biológico de sua época, sobretudo da criminologia italiana de Lombroso, Garofalo e Ferri (Corrêa, 1998). É pouco lembrado por seus trabalhos mais descritivos, em especial *O animismo fetichista dos negros baianos*.

Um ano depois da publicação em francês de *O animismo fetichista dos negros baianos* (Rodrigues, 1900), o antropólogo francês Marcel Mauss escreveu uma pequena resenha da “elegante monografia” de NR na revista *L'Année Sociologique*. Elogiou sua descrição detalhada da “liturgia fetichista”: “Transplantados para fora de seu país natal, que é, na grande maioria, a nação ioruba, os negros, atualmente católicos, da Bahia e de seus arredores, oferecem um conjunto de cultos e crenças de caráter verdadeiramente extraordinário” (Mauss, 1900-1901, p. 224-225).

À primeira vista, encontramos-nos diante de um paradoxo. Como foi possível Marcel Mauss, um dos fundadores da antropologia moderna em oposição ao racismo dito científico, elogiar a obra de um seguidor teórico de Cesare Lombroso? O paradoxo é apenas aparente. Como mostrou Thomas Kuhn (1977), os paradigmas científicos agüentam muita contradição até serem substituídos por outros. Os dados etnográficos apresentados por NR contradizem a teoria do determinismo biológico. Que NR não tenha chegado a questionar o paradigma no qual tinha construído sua carreira não deve nos surpreender. E não é o único antropólogo cuja etnografia em muito supera sua teoria. Bronislaw Malinowski, por exemplo, foi brilhante etnógrafo e intérprete da vida

trobriandesa, mas teoricamente ingênuo e simplista (Firth, 1963; Durham, 1978).

O texto *O animismo fetichista dos negros baianos* é salpicado de frases que revelam os pressupostos racialistas do autor, que fala da “incapacidade psíquica das raças inferiores para as elevadas abstrações do monoteísmo” (p. 27);<sup>1</sup> dos “espíritos simples, incultos e supersticiosos como os dos negros” (p. 72); do “meio inculto do terreiro de Plácido” (p. 72); do “estado mental da raça negra” (p. 84); do “fraco desenvolvimento intelectual dos negros africanos” (p. 90); e do “fundo supersticioso da raça branca” (p. 107). Mas essa conceituação não impede o autor de ouvir e de levar a sério seus interlocutores. *O animismo fetichista dos negros baianos* é uma etnografia detalhada e verossímil da religião afro-brasileira, e seu autor, talvez o primeiro etnógrafo do Brasil urbano. Marcel Mauss tinha razão em afirmar que NR dava boas informações sobre a liturgia fetichista. O médico maranhense, que lecionava medicina legal na Faculdade de Medicina da Bahia, descreveu pela primeira vez as religiões de origem africana com imensa riqueza de detalhes. Ao falar dos terreiros, de suas sacerdotisas, dos orixás e dos rituais aos quais assistiu, NR descreveu também, pela primeira vez, a crença que, na sua interpretação, unia senhores e escravos, brancos e negros, africanos e crioulos.

Antes de *O animismo fetichista dos negros baianos*, a religião afro-brasileira aparecia aqui e ali na crônica jornalística e também em muitos processos criminais que puniam aqueles que “praticavam a magia e seus sortilégios para despertar sentimentos de ódio ou amor e subjugar a credulidade pública”, como rezava o Código Penal de 1890. Basta olharmos os jornais da época para vermos notícias sobre feiticeros e feitiçarias que andavam à solta pelas cidades.<sup>2</sup> As notícias e os relatos nos processos criminais assim como os romances desse período se fixavam naquilo que a lei proibia, ou seja, a feitiçaria e o uso de poderes sobrenaturais para praticar o mal. A magia e a feitiçaria apareciam tanto na crônica jornalística quanto nos romances, envergonhadamente, e como práticas que deviam ser extirpadas da nossa sociedade.

<sup>1</sup> As páginas indicadas em todas as situações se referem às páginas do presente livro. Todas as citações estão na grafia atual.

<sup>2</sup> Sobre os processos criminais e notícias de jornal ver Maggie, 1992; Couceiro, 2005 e Sampaio, 2003.

O que distingue então a percepção de NR daquela dos jornalistas e romancistas? A estratégia narrativa de NR é construída de forma a *provar* que tudo o que estava sendo dito foi visto por ele mesmo ou relatado por uma testemunha ocular: um velho africano ou uma velha africana; uma mestiça que vivia no terreiro; ou o velho feiticero. Todos esses personagens reais, como mãe Livaldina, Tecla, a cartomante Josefina, as iniciandas Fausta e Olímpia, a famosa mãe-de-santo Júlia do Gantois e a cabocla da calçada do Bonfim, são chamados para atestar a veracidade e a autoridade do antropólogo.

NR não tratou apenas da magia e da feitiçaria, ou daquilo que era feito às escondidas e que fascinava os romancistas do século XIX. Surgem em suas descrições as cerimônias religiosas, a vida cotidiana nos terreiros que ficavam em locais “ermos e de acesso difícil”, o que não lhe parecia obra do acaso. Assim, pela primeira vez na literatura brasileira, encontramos descritas em grande detalhe as casas na estrada do Rio Vermelho, a Casa Branca do Engenho Velho, o Gantois e o terreiro do Garcia, que serão considerados depois como os autênticos terreiros nagôs da Bahia. Mas não só estes famosos terreiros são descritos. O terreiro de São Loureiro, o terreiro de Isabel e ainda a Bica de São Pedro aparecem para demonstrar a complexidade de práticas e crenças, além da ortodoxia nagô dos grandes terreiros.

A narrativa de NR privilegia sempre a descrição detalhada de casos concretos, sejam eles os terreiros em si – o Gantois em particular –, sejam os rituais regulares ou a feitura de santo. Notável nesse sentido é a etnografia detalhada da feitura de Olímpia, que se alongou por alguns dias no terreiro de Tecla na presença de vários outros pais e mães-de-santo africanos.

No entanto, NR fez muito mais do que descrever os candomblés da Bahia de sua época: estabeleceu formas de compreender esse fenômeno que permeou a escrita de todos que o seguiram. Estabeleceu os temas e as questões que fascinam estudiosos até hoje. Formou o campo dos estudos da religiosidade afro-brasileira. São três os temas fundamentais: a distinção entre africanos “sudaneses” e “bantos”, que se manifestará na exaltação dos terreiros considerados autenticamente ioruba, ou nagô; o sincretismo religioso; e a constatação da generalização das crenças africanas na sociedade baiana, inclusive na sua “elite”.

### Classificando os baianos e seus terreiros

NR reconhece duas principais formas religiosas de origem africana na Bahia, a dos iorubanos e a dos "negros convertidos ao islamismo que se chamam, entre si, de *musulims*, mas a quem os outros chamam, por menosprezo, parece, de *maãs*" (p. 33-34). Entre estes, a dos iorubanos domina: "Na Bahia, a religião dos iorubanos é sem dúvida muito mais importante, já pela generalização a quase todos os africanos, já pela adesão dos negros crioulos e mestiços, já pela forma ruidosa de seu culto externo" (p. 38).

Interessado em entender as causas da predominância do culto iorubano, NR sugere a vantagem numérica dos iorubanos, sua relativa riqueza e sua capacidade de "manter estreitas relações comerciais entre a antiga província da Bahia com a cidade africana de Lagos, como ainda ocorre hoje" (p. 108).

Depois, as viagens constantes para a África, com navegação e relações comerciais diretas como ainda hoje existem, facilitaram a reimportação de crenças e práticas, porventura um momento esquecidas ou adulteradas. Conheço muitas negras que têm feito diversas viagens à África e lá se têm demorado mais ou menos tempo. Da África recebem elas *cauris* *vivi* (noz de cola) e muitos outros objetos do culto. (p. 108)

Conclui que "o fetichismo africano, organizado em culto mais ou menos completo, ainda hoje persiste na Bahia tal como existe na África" (p. 103).

NR, em consonância com o pensamento de sua época, dividia os africanos em duas categorias, os "sudaneses" dos atuais países Nigéria e Benin (entre eles os ioruba) e os "bantos", habitantes do centro e do sul do continente. Consideravam-se os sudaneses física e culturalmente superiores aos bantos. Diz NR: "Realmente, a julgar pelos autores que pude consultar, o fetichismo dos bantos é muito mais simples e rudimentar do que o dos negros da África Ocidental" (p. 104).

Atribuir superioridade aos iorubas em relação aos "bantos" revela o evolucionismo de NR corrente na época. Além disso, a noção de autenticidade implica, evidentemente, seu oposto: a deturpação que

resultaria na perda da tradição entre os descendentes "miscigenados" dos africanos.

Para o negro crioulo e para o mestiço, que não receberam a influência tão direta da educação de pais africanos, que deles se foram segregando pela ignorância da língua e maior convivência com os outros elementos da população mesclada e heterogênea do estado, as práticas fetichistas e a mitologia africana vão degenerando da sua pureza primitiva, gradualmente sendo esquecidas e abastardadas, ao mesmo tempo que se transfere para os santos católicos a adoração fetichista de que eram objeto os *orixás*. (p. 108)

Há uma ironia nessa história, pois o terreiro de Gantois, tido hoje em dia como dos mais autenticamente nagôs, foi visto pelo menos por um dos informantes de NR como lugar de "gente da terra". Nas palavras dele:

A distinção entre *candomblés* africanos e *candomblés* nacionais é hoje geralmente conhecida. Um dia inquiri de uma velhinha africana que assistia de longe as danças sagradas de Gantois, se ela não tinha santo e por que não ia dançar. Respondeu-me que o seu terreiro era de gente da Costa (africanos) e ficava no bairro de Santo Antônio; que o terreiro de Gantois era terreiro de gente da terra (crioulos e mulatas). Conheço diversos pais e mães-de-terreiro crioulos. E, quer no Gantois, quer nos outros terreiros desta cidade e do interior, tenho visto entre os iniciados mulatos e mestiços de todos os sangues. Os mais inteligentes, atilados e bem-relacionados fazem-se *angans*; os outros são filhos de santo ou outras dignidades inferiores. (p. 109)

A distinção entre terreiros "africanos" e "nacionais", que Nina reporta como "bem conhecida" em sua época, permeia toda a literatura subsequente sobre as religiões afro-brasileiras, desde Ruth Landes (2002) e Edison Carneiro (1964), passando por Roger Bastide (1971; 2001). Até hoje, o debate continua acirradíssimo sobre as origens e significados da "autenticidade nagô".

Beatriz Góis Dantas argumentou que os intelectuais (começando com NR) tiveram um papel muito importante na consolidação desta superioridade, resumindo nos terreiros considerados mais "puros" e acres-

centando sua autoridade etnográfica às reivindicações de seus "nativos" (Dantas, 1988). Ordep Serra, temeroso de que a análise de Dantas minimizasse a agência dos pais e mães-de-santo nesse processo, retomou as interpretações de NR, enfatizando, sobretudo, a manutenção e o fortalecimento das relações entre os religiosos baianos e seus congêneres na África (Serra, 1995). Mais recentemente, J. R. Matory enfatizou ainda mais a agência dos pais e mães-de-santo *negros*, reduzindo muito a importância dos intelectuais, agora racializados como "Euro-Brazilians" (Matory, 2005, p. 383). Uma análise mais nuançada e equilibrada é a de Stephan Palmié (2005), que vê a participação dos pais e mães-de-santo e de intelectuais de diversas origens na formação da "pureza nagô" como elemento importante na construção da noção de uma nação ioruba na virada do século XX. Enquanto o reverendo Samuel Johnson estabeleceu as pedras fundamentais de uma nação *mitã* iorubana no Estado da Nigéria, os pais e mães-de-santo brasileiros, aliados a seus colegas na África, constroem uma nação iorubana *candomblecista* na Bahia. Como os protagonistas deste processo (sobretudo Martiniano de Bonfim) foram os principais informantes dos antropólogos, a noção da pureza do candomblé iorubano adquiriu o selo autenticador da "ciência". NR foi, então, precursor de uma longa linhagem de antropólogos que, sendo personagens das histórias que contaram, contribuíram, à sua maneira, para as configurações atuais das religiões de matriz africana.

### O sincretismo

Em sua descrição dos diversos orixás cultuados nos terreiros que visitou, NR contemplou a correspondência entre esses e os santos católicos. Aqui de novo vemos as sementes de toda discussão posterior sobre o encontro entre as cosmologias católicas e africanas (Ferretti, 1995; 1999). Em primeiro lugar, NR sugere uma homologia entre os santos e os orixás. Traduzir "orixá" pela palavra "santo", ele sugere, "deve ter ajudado e facilitado muitíssimo a fusão das crenças fetichistas do negro

com o catolicismo que lhe foi ensinado no Brasil" (1995). Em ambos os casos, há um "politeísmo" subsumido por um monoteísmo abrangente.

E sobre essa correspondência, NR externa uma posição que é muito semelhante à de alguns pais e mães-de-santo de nossa época, que argumentam que se trata menos de uma fusão e mais de uma pertença simultânea às suas religiões.

Nos negros africanos que ainda existem neste estado, e nos filhos que os africanos libertos puderam educar como entenderam, a conversão religiosa não fez mais do que justapor as exterioridades muito mal compreendidas do culto católico às suas crenças e práticas fetichistas que em nada se modificaram. Concebem os seus santos ou *oritár* e os santos católicos como de categoria igual, embora perfeitamente distintos. (p. 108)

O mito de origem mais repetido sobre os primórdios do candomblé é de que os escravos resistiram à perseguição de sua religião, "escondendo" os orixás atrás dos santos católicos para enganar seus senhores. NR não fala de "resistência". Fala de condescendência:

Abriçados na ignorância geral da língua que eles falam e na facilidade com que, para condescender com os senhores, os africanos escravizados, se declaravam e aparentavam convertidos ao catolicismo, as práticas fetichistas puderam manter-se entre eles até hoje quase tão extremas de mescla como na África. (p. 108)

Condescendência, salvo melhor juízo, é algo praticado pelos situacionalmente dominantes. Ao utilizar este conceito, NR insinua que, no campo religioso pelo menos, os escravos exerceram poder sobre seus senhores. É possível, pois esta é a grande "revelação" de *O animismo fetichista dos negros baianos*. A crença no feitiço não era exclusiva dos negros, era de todos os baianos, inclusive de sua elite, não por condescendência dos poderosos, mas pelo poder religioso dos politicamente fracos, ou seja, dos próprios negros.

### As crenças são de todos

No final do século XIX, afirma NR, os baianos de todas as cores (com exceção de alguns "espíritos superiores e esclarecidos") comungavam com as crenças africanas.

Só a ciência oficial, na superficialidade e dogmatismo do ensino, poderia persistir em afirmar ainda hoje que a população baiana é na sua totalidade uma população monoteísta cristã. Esta afirmação havia de implicar ou o desprezo sistemático no cálculo dos dois terços de negros africanos e seus mestiços que são a grande maioria da população, ou a ingenuidade da nesciência vulgar que se submete cegamente às exterioridades de uma aparência que o exame mais superficial mostra ilusória e enganadora. (p. 27)

Mas não se creia que só negros e ignorantes freqüentem os terreiros e *candomblés* em busca de tratamento aos seus males. Todos nós médicos sabemos a freqüência com que os doentes, à revelia do assistente, ou despedindo-o sob o pretexto mais fútil, vão se entregar aos cuidados dos feiticeros, vão se tratar com *folhas do mato*, no eufemismo da frase consagrada. (p. 68)

### Diz NR:

[...] pode-se afirmar que na Bahia todas as classes, mesmo a dita superior, estão aptas a se *tornarem negras*. O número dos brancos, mulatos e indivíduos de todas as cores e matizes que vão consultar os negros feiticeros nas suas aflições, nas suas desgraças, dos que crêem publicamente no poder sobrenatural dos talismãs e feitiços, dos que, em muito maior número, zombam deles em público, mas ocultamente os ouvem, os consultam, esse número seria incalculável se não fosse mais simples dizer de um modo geral que é a população em massa, à exceção de uma pequena minoria de espíritos superiores e esclarecidos que têm a noção verdadeira do valor exato dessas manifestações psicológicas. (p. 116)

Certamente, NR não foi o primeiro escritor a perceber que as crenças afro-brasileiras eram gerais na sociedade brasileira. No clássico *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, não poderia ser mais clara a crença da "alta sociedade" numa religião que, mesmo assim, era vista como "imoral" e "supersticiosa":

E não era só a gente do povo que dava crédito às feitiçarias; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam às vezes comprar venturas e felicidades pelo cômodo preço da prática de algumas imoralidades e superstições. ([1852] 1969, p. 124, parágrafo 108)

O fundador do romance brasileiro, Joaquim Manuel de Macedo, já falava sobre o fascínio da elite com "as fantasias pavorosas" dos escravos em seu livro *As vítimas algezes*:

No Brasil a gente livre mais rude nega, como faz a civilizada, a mão e o tratamento fraternal ao escravo; mas adotou e conserva as fantasias pavorosas, as superstições dos miseros africanos, entre os quais avulta por mais perigosa a crença no feitiço. ([1869] 1988, p. 74)

Nem mesmo ao patrono da Academia Brasileira de Letras esteve ausente a descrição de magias e cartomancias. No romance *Estai e Jacó*, Machado de Assis descreve a visita de Natividade, a mãe dos gêmeos, a uma cabocla, que reinava dando consultas, na ladeira do morro do Castelo. No conto *A cartomante*, em uma cena céptica e irônica, Machado de Assis leva o leitor a ver toda a rudeza da crença em poderes sobrenaturais.

Em sua etnografia, NR fala de personagens reais para sofisticar sua análise da relação entre "o fetichismo dos negros baianos" e a sociedade baiana mais ampla. Descreve, por exemplo, como o terreiro da mãe-de-santo Isabel instalou uma loja de roupas para que suas clientes abastadas pudessem consultá-la sem serem suspeitas de se envolverem com o *candomblé*.

O número em que elas avoltam ali sobre a mesa fúrida da feiteira, bem indica a riqueza da clientela e a extensão da crença nas virtudes

do feitiço. Mas esta clientela não se recruta sempre nas negras boçais e ignorantes, senão mesmo na melhor sociedade da terra. Para levantar as suspeitas que possam recair sobre as damas de qualidade que a queiram consultar, a mãe do terreiro fez instalar na sala principal da casa, bem em evidência, uma loja de modista. (p. 65)

Sua análise do papel dos ogãs é até mais interessante, porque se trata de uma posição em nada invisível ou disfarçada. Homens muitas vezes poderosos, os ogãs tiveram funções importantes como providenciar e matar animais sacrificiais e proteger os seus terreiros contra possíveis incursões policiais.

Seria um erro acreditar que o cargo de *ogã* seja espinhoso e pouco ambicionado. O poder dos pais-de-terreiro sobre os crentes é quase ilimitado, e já em serviços domésticos ou de qualquer ordem, já na satisfação de desejos licenciosos, os *ogãs* se recompensam de sobra da proteção que dispensam aos feiteiros. Em todo o caso, esta proteção é real e efetiva. As proibições policiais mais terminantes e rigorosas desfazem-se por encanto diante dos recursos e empenhos que os *ogãs* põem em ação. (p. 55)

Mas também gozavam de privilégios, e em troca de sua proteção mundana ganhavam a proteção dos orixás. NR nos sugere que importantes políticos procuraram os terreiros não apenas para angariar popularidade e votos, mas pela segurança "espiritual" que ofereciam.

A moia é sempre o interesse eleitoral, que neste país faz de tudo catavento e nas grandes influências políticas vão eles buscar os seus melhores protetores. Sei de um senador e chefe político local que se tem constituído protetor-chefe dos *ogãs* e pais-de-terreiro. É acrescentado aos interesses materiais e diretos, a crença supersticiosa nas práticas fetichistas por parte de pessoas influentes, e poder-se-á fazer uma idéia do grau de proteção indireta de que hoje podem dispor os feiteiros. (p. 55)

A respeito da relação entre a política e o candomblé, NR ainda narra duas situações reveladoras:

E que não é de todo falso o boato que com insistência correu aqui há tempos, de que alguém não se resolvera a aceitar a presidência da província e mais tarde a pasta de ministro, sem prévia audiência de uma cartomante mãe-de-terreiro, prova a oferta que Isabel me fez, dos préstimos dos seus fetiches para o caso de eu pretender ser senador! (p. 65)

A outra situação a que se refere NR é uma disputa política acirrada:

Quando, em dias de abril de 1895, as lutas políticas das facções partidárias deste estado chegaram a uma tensão tal que a toda hora se esperava o rompimento da guerra civil, apazada para o dia da abertura do parlamento estadual, a população desta cidade, justamente sobressaltada e em parte em franco êxodo, foi um dia informada de que na porta do edifício das câmaras, amanheceria deposto um grande feitiço ou *coisa feita*. (p. 119)

O comentário de NR revela sua compreensão sociológica desse evento num rasgo de relativização tão caro à antropologia moderna:

A imprensa diária meteu o caso a ridículo sem se lembrar de que era aquele um modo de intervenção da população fetichista da cidade, tão lógico e legítimo na sua manifestação sociológica, quanto era natural a intervenção do digno prelado arquidiocesano que, conferenciando com os chefes dos dois grupos litigantes, procurava restabelecer a paz e a concórdia na família baiana. (Idem)

O que pode deixar o leitor contemporâneo um tanto perplexo é que NR, apesar de ter mostrado que todos os baianos, ricos e pobres, negros, mulatos e brancos, aderem à cosmologia iorubana, continua interpretando essas crenças em razão de uma suposta mentalidade específica dos negros africanos. NR mantém sua fé na cosmologia racialista, prestando menos atenção à universalização da *crença* nos orixás e

concentrando-se no *transe*. O transe verdadeiro, segundo NR, é, isto sim, dos negros. Além de caracterizar os rituais que se aproximam mais ou menos da África, ou são vistos como mais ou menos autenticamente africanos, NR faz a distinção tão bem conhecida de transe verdadeiro e transe falso, associando-os à maior ou à menor parcela de africanidade:

Parece que na África esta qualidade de cair em estado de santo é uma prerrogativa dos feiticeros, ou, pelo menos, de um pequeno número de privilegiados. Aqui, na Bahia, porém, não é assim. Quase todos os filhos e filhas-de-santo são susceptíveis de uma manifestação desta natureza, e só como exceção o fato não se dará. Tenho ouvido africanos duvidarem desses estados de santo tão fáceis e freqüentes e atribuí-los à farsa e fingimento dos pais-de-terreiro crioulos, porque afirmam todos que, quando se manifesta um santo preparado com todas as regras e preceitos africanos, a alienação mental e as desordens motoras são violentíssimas, e não têm os caracteres dos ligeiros desmaios das manifestações da maior parte dos santos preparados pelos crioulos. (p. 70)

O transe verdadeiro e o transe falso aparecem ainda na fala da diretora de um grupo espírita e mãe-de-terreiro situado no Bom Gosto da Calçada do Bonfim. Essa mulher, “mestiça quase branca e que se diz cabocla (mestiça de índio)” afirmou para NR:

[...] que os negros ou indivíduos que têm sangue de negro são mais fáceis de cair de santo do que os brancos. Grande como é o número de médiuns sobre que ela tem experimentado, a sua opinião tem autoridade neste particular. (p. 121)

Na narrativa de NR, então, o candomblé aparece ora como “africano/negro”, ora como “baiano”; africano por suas origens e pela liderança de negros que recebem os orixás em transe; baiano pelo fato de sua cosmologia ter permeado a sociedade como um todo (“todas as classes, mesmo a dita superior, estão aptas, a *se tornarem negras*” (p. 116)), afetando outras formas religiosas (espiritismo, catolicismo) e fazendo que todos pudessem participar, ou como membros de terreiros ou como consulentes eventuais.

Desde NR, esta ambigüidade tem sido ora enfatizada ora ignorada pela antropologia. Alguns autores colocaram sua ênfase na africanidade (Bastide, 1961; Luz, 1983; 1995; Santos, 1993; Verger, 1995; 1999), enquanto outros preferiram salientar sua “brasilidade” (Fry, 1976; Dantas, 1988; Maggie, 1992; 2001). Fora do campo da antropologia, a mesma preocupação se evidencia. Enquanto alguns líderes religiosos insistem em que o candomblé é de todos e que o sincretismo é positivo, outros continuam trilhando o caminho da “pureza nagô”, desde os mais afamados pais e mães-de-santo da Bahia, liderados por mãe Stella de Oxossi, ialorixá do Ilé Axé Opô Afonjá, até terreiros mais recentes de São Paulo, que experimentam um processo contínuo de re-africanização (Prandi, 1991). O que fortalece esse processo é a consolidação de uma rede mundial de pais e mães-de-santo da África, da Europa e do Novo Mundo que se manifesta em uma série de congressos mundiais de tradição da cultura ioruba desde 1981 (Cruz, 2006).

Mas vamos deixar para o leitor a tarefa muito agradável de ler o próprio NR, que nesta pequena monografia nos ensina a escutar com muito cuidado não apenas sua voz, mas as vozes das pessoas que conversaram com ele. Só com essa escuta muito fina é que NR conseguiu ser, paradoxalmente, ao mesmo tempo tão frágil em seus argumentos teóricos e tão rico em desvendar questões que nos fascinam até hoje.

Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 2006

Yvonne Maggie  
Peter Fry

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Manuel António de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. (Edição original *Correio Mercantil*, seção "Pacotilha", Rio de Janeiro, junho de 1852 a 31 de julho de 1853.)

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1961.

\_\_\_\_\_. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).

\_\_\_\_\_. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001[1961].

CARNEIRO, Edison. *Ladinos e crioulos: estudos sobre o negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade*. Bragança Paulista: Edusf 1998.

COUCEIRO, Luiz Alberto. *Pai gavião e a Coroa da Salvação: dois casos de feitiçaria no sudeste escravista (1854 - 1870)*. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

CRUZ, Robson. *Raça e nação segundo a afro-religiosidade: o caso do 9º Congresso Mundial de Tradição de Cultura Iorubá*. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, Goiânia: ABA, 2006.

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A reconstrução da realidade: um estudo sobre a obra etnográfica de Malinowski*. São Paulo: Ática, 1978.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo. Estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: Edusp, 1995.

\_\_\_\_\_. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. In: C. Caroso e J. Bacelar (org.). *Faces da tradição afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

FIRTH, Raymond Edmund. *Man and Culture: An Evaluation of the Work of Bronislaw Malinowski*. London: Routledge & Kegan Paul, 1963.

FRY, Peter. *Feijoada e soul food: notas sobre símbolos étnicos e nacionais*. *Ensaio de Opinião*, v. 4, 1976.

KUHN, Thomas Samuel. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra e ideologia do recalcque*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

\_\_\_\_\_. *Agadô: dinâmica da civilização africana-brasileira*. Salvador: Universidade Federal da Bahia Centro Editorial e Didático. Sociedade de Estudos da Cultura Negra, 1995.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas algózes*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988 [1869].

MACHADO DE ASSIS, Joaquim M. *Essai e Jacó*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979 [1904]. (Obras completas, v. 3)

\_\_\_\_\_. *A cartomante*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979 [1882]. (Obras completas, v. 2)

MAGGIE, Yvonne. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, 1992.

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001[1975].

MATORY, James Lorand. *Black Atlantic Religion: Tradition, Transnationalism, and Matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2005.

MAUSS, Marcel. Nina Rodrigues. L'animisme fétichiste des nègres de Bahia. Bahia, *L'Année Sociologique*, v. 5, p. 224-225, 1901.

PALMIÉ, Stephan. The Cultural Work of Yoruba-Globalization. In: T. Falola (ed.). *Christianity and Social Change in Africa. Essays in Honor of John Peel*. Chapel Hill: Carolina Academic Press, 2005. p. 43-81.

PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1991.

RODRIGUES, Raimundo Nina. O animismo fetichista dos negros baianos. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: Sociedade – Revista Brasileira, 1896.

\_\_\_\_\_. O animismo fetichista dos negros baianos. Parte I. Etnografia. Capítulo I. Zoologia fetichista dos áfrico-baianos. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: Sociedade – Revista Brasileira, 1896.

\_\_\_\_\_. O animismo fetichista dos negros baianos. Capítulo I. Zoologia fetichista dos áfrico-baianos (continuação). *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: Sociedade – Revista Brasileira, 1896.

\_\_\_\_\_. O animismo fetichista dos negros baianos. Capítulo II. Liturgia fetichista dos áfrico-baianos. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: Sociedade – Revista Brasileira, 1896.

\_\_\_\_\_. O animismo fetichista dos negros baianos. Capítulo II. Liturgia fetichista dos áfrico-baianos (continuação). *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: Sociedade – Revista Brasileira, 1896.

\_\_\_\_\_. O animismo fetichista dos negros baianos. Capítulo III. Feitiço, vaticínio, estado de possessão, oráculos fetichistas. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: Sociedade – Revista Brasileira, 1896.

\_\_\_\_\_. O animismo fetichista dos negros baianos. Capítulo III. Feitiço, vaticínio, estado de possessão, oráculos fetichistas (continuação). *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: Sociedade – Revista Brasileira, 1896.

\_\_\_\_\_. O animismo fetichista dos negros baianos. Capítulo IV. Cerimônias do culto fetichista: candomblés, sacrifícios, ritos funerários. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: Sociedade – Revista Brasileira, 1896.

\_\_\_\_\_. Ilusões da catequese no Brasil. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: Sociedade – Revista Brasileira, 1897.

\_\_\_\_\_. *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*. Salvador: Reis & Comp. Éditeurs, 1900.

\_\_\_\_\_. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Prefácio e notas de Artur Ramos, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

SAMPAIO, Gabriela. *A história do feiticiero Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial*. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em história) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte*. Petrópolis: Vozes, 1993.

SERRA, Ordep. *Águas do rei*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, Koinonia, 1995.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns*. São Paulo: Edusp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ewé: uso de plantas na sociedade iorubá*. São Paulo: Odebrecht, 1995.

# O ANIMISMO FETICHISTA

## DOS NEGROS BAHIANOS

Só a sciencia official, na superficialidade e dogmatismo do ensino, poderia persistir em affirmar ainda hoje que a população bahiana é na sua totalidade uma população monotheista christã. Esta affirmação havia de implicar ou o desprezo systematico no calculo dos dois terços de negros africanos e seus mestiços que são a grande maioria da população, ou a ingenuidade da sciencia vulgar que se submete cegamente ás exterioridades de uma apparencia que o exame mais superficial mostra illusoria e enganadora.

A previsão de que não devia ser assim decorre do conhecimento das condições mentaes que exige a adopção de esda crença religiosa, junto a incapacidade psychica das raças inferiores para as elevadas abstracções do monotheismo. Mas, no caso vertente invocar esta illação como prova seria incidir fatalmente em grosseira petição de principio, pois a affirmação em contrario pretende nada menos do que ter aqui fóros de uma derrogação tacita e formal áquella conclusão inductiva dos estados ethnographicos. E só a observação documentada, tão minuciosa e severa como pede a natureza delicada do assumpto, deverá falar, em ultima instancia, pró ou contra a procedencia e applicação do principio, pró ou contra a sua impugnação.

Por mais de uma vez, no exercicio do magisterio, as exigencias da analyse psychologica, em materia de phreniatria medico-legal, me tem levado a experimentar as difficuldades que esta controversia

crêa na pratica, onde sempre os factos se revelam em contradicta formal das afirmações infundadas da sciencia official. E, empenhado assim em bem precisar a natureza e forma do sentimento religioso dos negros bahianos, procurei estudar os factos com a maxima isenção e imparcialidade, consumindo tempo e esforço em uma observação que já vai proseguida attentamente para quasi cinco annos. O animo estrictamente scientifico em que tinham sido concebidas estas perquirições em busca de uma solução a serio problema de ethologia pratica, mal comportaria a declaração prévia de que nada tiveram ou têm de commum com as controversas em que se debatem « os metaphysicos da materia e os do espirito. »

Nos dominios do cognoscível, o sentimento religioso é um dado psychologico positivo, que em nada presuppõe as animosidades que se dispensam deístas e atheístas.

A persistencia do fetichismo africano como expressão do sentimento religioso dos negros bahianos e seus mestiços, é facto que as exterioridades do culto catholico aparentemente adoptado por elles não conseguiram disfarçar nem nas associações hybridas que com esse culto largamente estabeleceu o fetichismo, nem ainda nas praticas genuinas da feitiçaria africana, que ao lado do culto christão por ali vegeta exuberante e valida. A existencia na Bahia de crenças fetichistas tão profundas, de praticas tão regularmente constituidas como as da Africa; não occultas e disfarçadas, mas vivendo à plena luz do dia, de uma vida que tem arrhas de legalidade nas licenças policiaes para as grandes festas annuas ou *caudomés*; que conta com a tolerancia da opinião publica manifestada na naturalidade com que a imprensa diaria dá conta dessas reuniões como si se tratasse de qualquer facto da nossa vida normal; a existencia de praticas que estendem a sua acção a espheras muito mais amplas do que aquellas em que se geraram; de crenças que são adoptadas e seguidas pelas *soi-disant* classes civilizadas, mercê já das alianças contrahidas com o culto catholico, já do consorcio firmado com as praticas espiritas; esta existencia, assim vivida e multiforme, é coisa que está no animo publico e no pleno conhecimento de todos.

Mas o rigor e a precisão de observações que pretendem cunho e valor scientificos não podem tolerar que se constituam de simples referencias informações em que na melhor hypothese, mesmo

inconscientemente, ou muito se pôde adular, ou muito se pôde acrescentar de empréstimo. A materia não pede só authenticidade e precisão, requer ainda referencias positivas a factos individuados por forma a se tornarem susceptiveis, em qualquer momento, de verificação e exame por parte dos interessados em contestal-os. Sem duvida, obstaculos e embaraços de toda a sorte se levantam em opposição a uma interpretação justa e recta de factos desta natureza, aqui mais do que em toda a parte. « Mesmo consagrando a isso muito tempo e cuidados, diz Tylor,<sup>1</sup> não é sempre facil obter dos selvagens informações sobre a sua theologia. De ordinario, elles se esforçam para subtrair ao estrangeiro indiscreto e desdenhoso os detalhes do seu culto, todo o conhecimento dos seus deuses, que parecem, como seus adoradores, temer perante o homem branco e ante o seu deus mais poderoso ». Sobre não conhecermos a sua lingua, a escravidão devia exagerar no negro africano essa tendencia natural dos selvagens a occultar as suas crenças.

A convicção de que a conversão religiosa é uma simples questão de boa vontade, e de que nada seria mais facil do que cancellar as crenças do negro á força de castigos para substituil-as pelas crenças do branco, vinha talhada de molde a satisfazer os interesses do senhor, justificando como verdadeira scção meritória todas as violencias empregadas para convertel-os á fé christã. Bem diferente do ardor da cathochezia eram, todavia, as causas que instigavam mais de perto as violencias dos senhores ou seus prepostos contra as praticas fetichistas do negro escravo.

O meio do feitiço como represalia pelos maus tratos e castigos que lhe eram infligidos, em primetro lugar; o temor supersticioso de praticas cabalisticas de character mysterioso e desconhecido; em segundo o receio, aliás bem fundado, de que as praticas e festas religiosas viessem obstar a regularidade do trabalho e justificassem a vadiagem; em terceiro a colubição propotente do poder do senhor que não admittia no negro outra vontade que não fosse a sua, tães foram os verdadeiros motivos por que, mesmo quando se concedeu licença aos negros para se divertirem ao som monotonos do batuque, os *caudomés* eram, de continuo, dissolvidos pela violencia, os santuarios violados e os fetichos destruidos. Mesmo liberto, o negro

<sup>1</sup> E. B. Tylor, *La civilisation primitive*, Paris, 1876, 1<sup>o</sup> vol. pag. 489.

não podia encontrar na lei protecção e amparo para a livre manifestação das suas crenças, durante o regimen da escravidão, porque a lei tinha então a missão de manter esse regimen. A pretexto de que os *condemidos* eram um motivo constante de conflictos e vicia de facto, que se convertiam em fôco de desenfreada devassidão e licença, a policia prohibia severamente, e de vez em quando dava-lhe casso, os *condemidos* das cidades, que pela sua natureza e sóda deviam estar mais a coberto do que os dos engenhos, da acção directa dos senhores de escravos.

De tudo isto resultou que, obrigados á vida inteira, a dissimular e a occultar a sua fé e as suas praticas religiosas, subsistam ainda hoje na memoria do negro e subsistirá por largo tempo a lembrança das perseguições de que foram victimas nas suas crenças, intimamente associada no seu espirito ao temor de confessal-as e dar explicações a respeito. Muito recente ainda, como é, a extincção da escravidão, os pontífices fetichistas são ainda pela maior parte velhos africanos que todos foram escravos. Como causa não menos poderosa da reserva e do mysterio dos negros concorre com estas o interesse dos feiticeiros no acrescimo de prestigio que lhes vem desse segredo. A fé dos crentes e a credulidade dos supersticiosos são rudes e proveitosamente exploradas pelos feiticeiros: divulgar as suas praticas seria destituil-os do prestigio do desconhecido com grave detrimento da influencia que exercem.

Com estas causas multiplas que entendem com a dificuldade de conhecer, collidem outras que se referem á dificuldade de interpretar o sentido e a fórma das praticas fetichistas, grandemente modificadas pelo meio. Transportadas ao sólo americano, sottopostas pela violencia da escravidão ao catholicismo, imposto e ensinado officialmente, diluido o elemento africano num grande meio social de composição heterogenea, forçosa e infallivelmente a pureza das praticas e rituaes africanos terá desaparecido, substituida por praticas e crenças mestiçadas. Inteiro e puro só devemos encontrar o sentimento que anima as suas crenças, tão fetichista quando dellas são objecto as pedras, as arvores, os bustos da Costa, como quando se dirigem aos muitos santos do catholicismo.

No exame e na analyse deste sentimento, tal como elle se revela e sobrevive nos negros que se incorporaram á população brasileira, tal como elle está actuando grandemente em todas as manifestações

da nossa vida particular e publica, puzemos a mira deste estudo que pretende deduzir delles leis e principios sociologicos, geralmente despercebidas ou ignoradas. Para leval-o a cabo me auxiliaram com igual efficacia a lingua portugueza que hoje todos falam e a profissão medica que exerço. Duplamente me serviu esta, inspirando e estreitando a confiança mais intima do clinico, multiplicando as observações e creando oportunidade de examinal-as á vontade.

Menos do que buscar a phylogenese africana do nosso fetichismo negro e indagar até onde se mantiveram puras as praticas e crenças religiosas importadas, é aquelle o meu intento.

Mas a obrigação de demonstrar que o fetichismo africano domina na Bahia, que é aqui a expressão genuina do sentimento religioso do negro e da grande maioria dos seus mestiços, e que não é um simples accidente occasional desta ou daquela aggremsião esporadica de negros supersticiosos ou impostores, obriga-me, nas descrições que se seguem — premissa das conclusões terminaes —, a descer a detalhes e minudencias que em outras circunstancias bem poderiam ser omitidas em beneficio da clareza e concisão.

## I PARTE

### Ethnographia

#### CAPITULO I

##### ZOOLOGIA FETICHISTA DOS AFRICO-BAIANOS

Não era licito esperar que os negros podessem ter na America grande uniformidade nas suas crenças religiosas. O trafico negroiro transportava indistinctamente para o Brazil filhos de grande numero de tribus ou nações africanas. E como todos esses grupos, nas fórmas variadissimas das suas idéas religiosas, iam desde o fetichismo mais estreito e grosseiro até os limites das generalizações polytheistas, seguo-se naturalmente que assim multiplas e diversificadas deviam vir com elles as crenças dos seus maiores.

No entanto, causas pouco estudadas, mas por vezes facilmente presumíveis, fizeram com que em certas regiões do novo mundo como que predominasse sobre todas uma modalidade fetichista especial. Assim nos Estados Unidos e nas Antilhas com o culto das serpentes dos Dahomanos, assim na Bahia com a mythologia de Jorubá.

A esta mythologia predominante adherem por ventura praticas e crenças de outras nações africanas menos importantes, como no pantheon romano ou no dos turcos se abrigavam sob o mesmo tecto os deuses nacionaes e os das nações vencidas.

Este ou aquelle africano isolado, trabalhando de feiticeiro por conta propria, sem aspiração de prosolytismo, existe certamente por ahí como representante esporadico de uma tribu que não lhe mandou nem companheiros para os infortúnios da escravidão, nem ainda sectarios das crenças em que juntamente commungavam na patria primitiva.

Dentre as causas que mais devem ter contribuido para essa preferéncia, sobressaem com certeza a predominancia em numero e a precedéncia na aquisição de riquezas ou da liberdade, deste ou daquelle grupo africano especial. Assim, ou porque o numero de escravos importados de Jorubá para a Bahia fosse maior, ou porque os filhos desta nação mais cedo se libertassem e tivessem adquirido recursos pecuniarios, ou porque mais estreitas se tivessem mantido as relações commerciaes directas da antiga provincia com a cidade africana de Lagos, como ainda hoje existem, ou por todas estas causas reunidas, o que é exacto é que o fetichismo africano na Bahia tem por fórma principal a desta nação e é a servida pela sua lingua.<sup>1</sup>

Uma vez organizado o culto, facilmente se comprehende que, de preferéncia ao culto catholico de que nada ou pouco podiam

<sup>1</sup> Há aqui na Bahia diversos negros que aprenderam em Lagos a ler e a escrever a lingua Jorubá. Não me tendo vindo até agora a grammatica e o dictionario Jorubano Ingles, que de Lagos mandei buscar, a traducção e a orthographia das palavras Jorubanas empregadas neste trabalho, vão como me foram ensinadas por um moço negro, de pais africanos, que por muitos annos residia em Lagos. O acento tónico das palavras em rigor pôde ser figurado com os acentos da lingua portugueza. Convém subter apenas para a pronuncia que o acento inferior ou cedilha do S dá-lhe o som de çã ou x. Assim, *Orisa, Sangô, Eia, Oumunré, Iso-osi, Sapanan*, etc., pronunciam-se *omrisá, sangô, éia, oumumuré, azere, sapanan*. Nas obras francezas, a palavra *Sangô* vem escripta como se pronuncia: *Shangô* em umas, *Changô* em outras.

comprehender, houvessem os negros de outras nações e procedéncias adoptado como sua essa religião africana, que estava mais ao alcance da sua intelligencia rudimentar, e mais de accordo com o seu modo de sentir.

Lamento não ter podido consultar a obra do missionario Bowen sobre a religião de Jorubá, além de verificar até onde as crenças, praticas e rituaes seguidos na Bahia se conformam com as daquella nação e por onde nessas crenças e ritos se revelam as idéas religiosas de outras tribus, quiçá mais atrezadas ainda, que aqui na Bahia a ellas se converteram.

Curtas como são as citações desse trabalho na obra de Tylor, de onde o conheço, apenas puderam me confirmar a informação de negros viajados em Africa, de que a concepção theologica que predomina na Bahia é a dos Jorubanos. Affirmar dessas concepção que é fetichista é dizer pouco, porque o termo fetichismo, como qualificativo geral das crenças africanas, tem hoje uma accepção perdemais comprehensiva que mal se presta a qualificar as nuanças existentes nas modalidades pouco discriminadas do animismo primitivo.

A distincção de A. Lefèvre<sup>1</sup> em anthropismo, animismo diffuso e animismo condensado me parece susceptível de uma applicação mais precisa. Pôde-se affirmar assim que o anthropismo, isto é, « a repercussão instinctiva da sensação que leva o homem a dotar os objectos ambientes duma vontade analoga à sua », si existe, como é provavel, nos negros bahianos, deve ser a excepção. Apenas como uma sobrevivéncia encontrei-o talvez associado ás concepções de um fetichismo mais elevado. A fórma por excelléncia do fetichismo do africo-bahiano é o animismo diffuso, isto é, « a attribuição a cada ser e a cada coisa, de um double, fantasma, espirito, alma, independente do corpo onde faz sua resistencia momentanea ». Mas é ainda incontestavel que para os mais intelligentea, para os mestioços do espirito sinão do corpo d'aqui ou já vindos de Africa, a religiosidade attinge ás ruínas do polytheismo.

Com fórma de culto organizado, acreditado que só existem na Bahia a religião dos Jerubanos e Jehús, a que chamam vulgarmente religião dos negros de *sude* ou de *andomé*, e a religião dos negros convertidos ao islamismo que se chamam entre si do *muamé*,

<sup>1</sup> André Lefèvre, *La Religion*, Paris, 1882, pag. 69.

mas a quem os outros chamam, por menosprezo, parece, de malês.

Os malês ou *musulmãs* bahaianos que professam um islamismo mais ou menos impregnado de praticas fetichistas, constituem hoje uma pequena minoria dos Africanos do estado e não têm conseguido transmitir as suas crenças aos creoulos seus descendentes. Um velho africano, pequeno negociante e sacerdote da sua confissão religiosa, me explicava que a religião dos negros de aqui e mesmo a dos catholicos são muito mais facéis, divertidas e atrahentes do que a dos *musulmãs*, que se impõem uma vida severa, adstricta á observancia de principios religiosos que não toleram festas e bebedeiras. Por isso, dizia-me elle, mesmo os filhos dos malês têm pouca tendéncia a seguir as crenças dos seus maiores e uma vez emancipados abraçam facilmente ou a religião jorubana ou o catholicismo.

Os malês constituem uma sociedade africana inteiramente á parte, que se faz salientar pela reserva da sua vida íntima, pela observancia mais ou menos fiel dos seus preceitos de fé, pela crença num deus superior e pela inadmissão de imagens ou idoles no seu culto. Passam, porém, por crentes fervorosos de talismans, *grí-gris* etc., e por consummados feiticieiros. Talvez a seu modo de vida não contribua pouco para o temor que em geral as suas sociedades inspiram nos outros negros, que os têm por conhecedores de altas processos magicos e feiticieiros. Por acaso os objectos e apparatus de precissão dos europeus não constituem em Africa outras tantas provas da superioridade dos feiticieiros brancos? Um negro creoulo, sorvente da Faculdade de Medicina, me declarou que, apesar de catholico convencido e de não erer em santos africanos, nem em *carombés*, respeitava muito as feitiçarias dos malês, de que sempre pedia a Deus que o livrasse.

O qualificativo *malé* lembra talvez o de *malinkés* empregado pelos Mandingas que são tambem musulmanos. E o velho sacerdote *musulmã* me confirma que a maior parte dos malês bahaianos são de Hausá. Esta nação africana foi outrora muito poderosa neste estado e constituiu uma sociedade tão fortemente arregimentada sobre a base religiosa que poute por diversas vezes promover graves e extensas sedições de escravos. E' muito instructiva a este respeito a parte do chefe de policia de então, Dr. Francisco

Gonçalves Martins, depois Visconde de S. Lourenço, ao presidente da provincia, sobre a ultima insurreição dos malês na noite de 24 para 25 de janeiro de 1835. O seguinte extracto dessa peça official dá uma idéa precisa da organização religiosa dos *musulmãs*. «... a insurreição estava tramada de muito tempo, com um segredo inviolavel e debaixo de um plano superior ao que deviamos esperar de sua brutalidade e ignorancia. Em geral vão quasi todos sabendo ler e escrever em caracteres desconhecidos, que se assemelham ao arabe, usado entre os Uesá (Hausá), que figuram terem hoje combinado com os Nagós. Esta nação (Hausá) em outro tempo foi a que se insurgiu nesta provincia por varias vezes, sendo depois substituida pelos Nagós. Existem mestres que dão lições e tratavam de organizar a insurreição, na qual entravam muitos forros africanos e africanos. Tem sido encontrados muitos livros, alguns dos quaes dizem ser preceitos religiosos tirados de misturas de seitas principalmente do Alcorão. O certo é que a religião tinha sua parte na sublevação e os chefes faziam persuadir aos miseraveis que certos papéis (evidentemente talismans, *grí-gris*) os livrariam da morte, d'onde vem encontrar-se nos corpos mortos grande porção dos ditos, e nas vestimentas ricas e exquissitas que figuram pertencer aos chefes e que foram achadas em algumas buscas.»

Ainda hoje existem no Archivo Publico os documentos apprehendidos a que se referia o chefe de policia. Não é improvavel que estejam escriptos em arabe, pois o velho sacerdote *musulmã* confiou-me que a religião foi propagada principalmente por negros sacerdotes musulmanos vindos da Africa ou por libertos que lá voltaram a passio e dos quaes muitos tinham ido a Mecca em perigrinação religiosa. Referiram-me no Archivo Publico que negros malês, convidados para decifrar os documentos, declararam que a maior parte delles apenas dizem respeito a preceitos religiosos. E isso é mais que provavel porque se sabe que versetos do Corão, escriptos em pedacinhos de papel e trazidos em amuletos ao pescoço, constituem um *grí-grí* muito estimado entre os negros musulmanos. Um delles recusou-se, porém, a traduzir um dos documentos, allegando que o não poderia fazer sem prévia autorização do chefe da seita.

As medidas severas tomadas pelo governo, entre as quaes figura a deportação para a Africa de todos os malês libertos, a repressão,

milhas vezes cruel e deshumana, das autoridades provinciais, não só reduziram a um mínimo insignificante o numero dos negros mahometanos, como tornaram ainda mais reservadas as suas praticas religiosas. Deixaram apenas, me dizia um velho *malé*, aquillo em que ninguém pôde tocar, a fé que está no coração.

Reservadas como são ainda hoje as suas praticas religiosas, não tenho conseguido verificar até onde está conservada a religião mahometana. O velho sacerdote *musubi* se limitou a mostrar-me um volume do antigo testamento e a me indicar o Corão traduzido em portuguez o existente nas nossas livrarias, que, me affirmou elle, tem aqui grande extracção. Observam, disse-me elle, os preceitos ali indicados até onde o consentem as autoridades civis e ecclesiasticas, e as leis do país. No entanto, apesar da condição de escravos, dos privilegios da antiga religião do Estado, das perseguições que se seguiram aos movimentos sediciosos dos Africanos, o islamismo, no dizer de diversos *malés*, conta grande numero de conversões, até mesmo de escravos de sacerdotes catholicos, que nem sempre davam o exemplo da cordura e de pureza de costumes, que delles se devia esperar.

NINA RODRIGUES

(Continua)



Peça do culto de Ochum

# O ANIMISMO FETICHISTA<sup>1</sup>

## DOS NEGROS BAHIANOS

### CAPÍTULO I

#### ECOLOGIA FETICHISTA DOS AFRIQUO-BAHIANOS

(Continuação)

Na Bahia, a religião dos Jorubanos é sem dúvida muito mais importante, já pela generalização a qual todas as africanas, já pela adesão dos negros creoulos e mestiços, já pela forma ruidosa do seu culto externo. Bowen observa que a doutrina idolatra de Jurubá parece copiada da forma e dos costumes do governo civil. Assim como só ha um rei na nação, só ha um Deus no universo, *Olorun* ou *Olorung*; e assim como para se aproximar do rei é indispensavel a intervenção dos cortesãos, assim também o homem para chegar a Deus deve recorrer a intenção dos *Orisás*, ou divindades inferiores. E, si Deus não precisa de sacrificios, porque não precisa de nada, os *Orisás*, como os homens, de bom grado aceitam carneiros, pombos, etc.

Posto que eu tenha encontrado Africanos que não conhecem *Olorun*, posto que a maior parte dos creoulos não pareçam conhecê-lo, em regra os africanos e uma boa parte dos creoulos bahianos sabem perfeitamente que *Olorun* é o deus do céu. Acredito que dos poucos Africanos que desconhecem *Olorun*, uns devem ser apenas

<sup>1</sup> Veja a *Revista* de 15 de abril.

### O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS 165

Jorubanos ignorantes, outros serão negros de outras crenças fetichistas convertidas aqui á religião de Jurubá. Quanto aos creoulos o principal motivo porque em geral desconhecem *Olorun* é a identificação de um dos *Orisás* com Christo.

Assim também é indispensavel estabelecer distincção no conceito que se fazem de *Olorun* aquelles que reconhecem sua existencia. Os muçulmanos o identificam com Allah. Os creoulos e em geral os negros educados no ensino catholico tendem a confundil-o com o Deus dos christãos.

Na rua ou largo da Baixa dos Sapateiros nesta cidade existe um açougue de um negro creoulo, onde se lê a seguinte inscripção Jurubá: *Ko si odu Kan aji Olorun*, que me foi assim traduzida á letra: *Não ha um rei como Deus, ou igual a Deus*. Mas como que para afirmar a influencia do islamismo e do christianismo no conceito que de *Olorun* se faz na Bahia a mesma inscripção está reproduzida em uma das paredes da sala do açougue, encimada por uma cruz e pelo titulo *O Alufá*.<sup>1</sup> O dono do açougue não é malé, ao contrario é influente em um dos mais importantes *terreiros* desta cidade.

Não sei até que ponto se terá verificado na Africa si nesta concepção de *Olorun*, Deus creador, sem representação em ídolo ou imagem, sem culto ou adoração, entra ou não uma influencia qualquer do islamismo, nas relações já antigas da Africa Occidental com os mahometanos. No entanto, a verdadeira origem de *Olorun* deve ter sido a divinização fetichista da abobada celeste, do céu. Como fazia Riié a respeito do *Nyalekpan*, da nação Oji, se pôde afirmar de *Olorun* que: « as idéas que se fazem (os negros) desse Deus como espirito supremo são obscuras e incertas; muitas vezes o confundem com a abobada celeste e com o mundo superior que fica além do alcance dos homens (Tylor). »

Tenho encontrado Africanos incapazes de fazer esta distincção e em todo o caso a idéa que todos têm de *Olorun* é sempre muito vaga e indistincta. Como em Jurubá, *Olorun* não tem na Bahia culto especial, nem imagem que o represente. E esta falta de representação material não deve influir pouco para que tanto o desconhecem mesmo os Africanos.

<sup>1</sup> *Alufá* chamam os muçulmans aos doutores da religião mahometana.

Abaixo de *Olorun* para os Jorubanos, independente de *Olorun* para muita dos Africanos convertidos e em geral para os creoulos, existe uma grande serie de deuses, os *Orisás*, pela maior parte talvez de constituição chimerica, formando uma mythologia complexa em que se sentem ainda bem discriminados a litholatria, a phylolatria, o animismo primitivo em todas as suas manifestações emfim.

14 A traducção da palavra *Orisá* por *Santo* devia concorrer poderosamente para facilitar a fusão das crenças feticistas do negro com o catholicismo que lhe ensinaram no Brazil. Entre os *Santos* ou *Orisás* tem a primazia *Obatalá*, tambem chamado *Orisa-lá* (deus grande, superior ou primeiro): divindade que exerce um papel salientissimo na religião dos negros desta cidade. Para os Jorubanos, *Obatalá* é uma divindade hermaphrodita e representa a potencia reproductora de natureza. Entre nós, concebem-no com uma pessoa já muito velha, de pés quasi atrophiados de ter andado por todas as terras a presidir e distribuir a fecundidade. Figuram-no por meio de conchas ou *ouris* e terra ou limo verde, dentro da area circumscripta por um circulo de chumbo, no fundo de uma tigola de louça branca, de tampa. E' de crer que este conjunto represente ou symbolize a riqueza nos *ouris* que é a moeda dos africanos, a fertilidade da terra no limo, e as applicações industriaes do metal no ar de chumbo. Esta divindade, assim materializada na sua representação torna-se mais accessivel á comprehensão dos negros e d'ahi a sua tendencia a supplantar *Olorun*, que aliás constitue uma concepção mais elevada e abstructa.

15 Em ordem de importancia numa concepção mythologica, devemos mencionar em seguida o *Orisá Esé* divindade adversa ou pouco propicia aos homens. *Esé*, *Bari* ou *Elegbara*, é um santo ou orisá que os afro-bahianos têm grande tendencia a confundir com o diabo. Tenho ouvido mesmo de negros africanos que todos os santos podem se servir de *Esé* para mandar tentar ou perseguir a uma pessoa. Em uma altercação qualquer de negros em que quasi sempre levantam uma celeuma enorme pelo motivo mais futil, não é raro entre nós, ouvir-se gritar pelos mais prudentes: Fulano olha *Esé*! Precisamente como diriam velhas beatas: olha a tentação do demônio! No entanto sou levado a crer que esta identificação é apenas o producto de uma influencia do ensino catholico. *Esé* é um orisá ou

santo como os outros, tem a sua confraria especial e seus adoradores. No templo ou terreiro do Gatais, o primeiro dia da grande festa é consagrado a *Esé*.

O dualismo dos negros é, pois, ainda o dualismo rudimentar dos selvagens, e *Esé* não passa de uma divindade má ou pouco benevola com os homens. *Esé* tem como idolo ou fetiche um holo de argilla amassada com sangue de ave, azeite de dendê e infusão de plantas sagradas. Tem a pretensão de representar uma cabeça, cujos olhos e bocca são figurados por tres buzios ou *ouris*, implantados na massa antes que ella se tenha solidificado. Sem o menor fundamento quanto a appareça, vi comparar um desses fetiches a uma caveira de cavallo.

Provavelmente pelas relações que guardava a principio com *Olorun*, o céu-deus, *Sangô*, o deus do trovão, salienta-se na religião jorubana como uma das figuras mythologicas mais proeminentes. *Sangô* seria tambem chamado *Dandabá*, isto é, o emissor das pedras de raio, que durante as tempestades elle arremessa sobre a terra.

A divinização do trovão é coisa tão frequente e natural em todas as mythologias, em mais de um paiz africano vêm-se referencia tão precisas a *Sangô*, deus do trovão, que não é daa mais provaveis a origem chimerica que missionarios protestantes attribuem a *Sangô*. Não obstante, um moço creulo que por longos annos residiu em Lagos, traduziu-me de um livro de ensino da lingua jorubá,<sup>1</sup> a historia do rei *Sangô*, tal como é ali narrada por um mestre-escola negro, já convertido ao protestantismo. *Sangô* teria sido o primeiro rei de Jorubá, de alta fama já na arte bollica, já na arte da grande magia. Taes progressos fizeram, porém, dois discipulos seus que, receiosos de ser excedido, *Sangô* resolveu desfazer-se delles. Mas um dos seus discipulos perdeno os seus intentos e tendo vindo em artes magicas ao seu collega e ao proprio *Sangô*, intimou o rei a abandonar o throno no prazo de cinco dias, uma semana dos Jorubanos e Jobás. A conselho dos seus ministros, *Sangô* resolveu retirar-se para ver se ainda era possivel resistir. Mas traido e abandonado por todos, enforcou-se em caminho. O facto amotinou o povo e para justificar-se da traição commettida, os ministros fizeram-no passar

<sup>1</sup> *Essé hiku akereji ti olo Jorubá* (Quarto livro de leitura em lingua jorubana).

por se ter convertido em um deus. Então para dar ao povo uma prova positiva desta allegação, os ministros prepararam as coisas de modo que por algum tempo havia sempre coincidência entre uma chuva qualquer e o incendio de uma casa em cuja proximidade haviam feito enterrar previamente uma pedra de raio. Para logo corriam os ministros a explicar que o incendio, como provava a pedra de raio, tinha sido ateiado pelo deus *Sangô* como castigo de se andar dizendo que elle se tinha enforcado e não se havia convertido em deus.

O meteorito ou pedra de raio, segundo parece, é tido na Africa por objecto sagrado e como tal venerado. Entre nós, porém, o meteorito não é sómente um objecto sagrado, mas o idolo-fetichê do proprio *Sangô* e como tal adorado.

No culto de *Sangô* ha ainda um tosco idolo de madeira esculpido em uma especie de haule mais ou menos enfeitado. Mas este idolo é tido apenas por um ornamento e ha mesmo templos ou *terreiros* em que não se encontra. Em todo o caso, a adoração é dirigida directamente ao meteorito. Neste ponto são categoricas as informações que colhi. O Santo ou *orixá* é a pedra do raio em que, como me explicava uma negra, o santo está encantado. *Sangô* é assim a manifestação mais clara da litholatria bahiana.

Não ha templo ou *terreiro*, não ha capella fetichista na Bahia, onde não se encontre este santo. De tamanho muito variavel, parece que os meteoristas maiores que eu vi, foram os do Gantais. Na casa de Livaldina, uma sacerdotissa ou mãe de *terreiro*, a pedra é um pouco menor que um punho e está collocada dentro de um prato de barro vidrado. Esta mãe de *terreiro* pediu-me que aoprassse sobre o fetichê afim de não me succeder alguma desgraça. No *terreiro* do Garcia, Izabel tem diversos meteoritos ou *Sangôs* sobre a mesa de advinhação. *Yianasa* e *Ovua* mulheres do *Sangô* também são divinizadas e adoradas sob a fórma de meteoritos.

Por *Oké*, mostrou-me Livaldina outra pedra da mesma natureza, que apenas se distinguia das precedentes por uma faixa branca devida a um veio mineral de cor differente.

Mas a litholatria africana não se limita a estas manifestações. Ha ainda pelos campos pedras sagradas que de ordinario tiram a sua procedencia divina das dimensões ou da irregularidade do fórmas. Tenho noticia precisa da existencia de muitas pedras desta

natureza, mas pessoalmente conheço uma das mais curiosas. Esta pedra conhecida sobre o nome de *Pedra de Ova*, e adorada como fetichê, fica a meio caminho entre os engenhos d'Agua e de Baixo, no municipio de S. Francisco. De fórma de parallelepipedo irregular e collocada na encosta de um valle, à margem da estrada, a pedra tem a face voltada para o sul, enterrada no solo até quasi o meio, mas a face do norte, com mais de dois metros de altura, está toda descoberta. A pedra tem mais de tres metros de comprimento e apresenta na face do norte uma escavação ou entalhe natural que se estende até à face superior. Sobre esta pedra encontram-se de continuo vestigios ou restos de sacrificios, sangue, penas de aves, conchas mariinhas, etc. A primeira vez que fui visitá-la, fiquei surpreendido de encontrar sobre a pedra um ham punhal dentro de uma bainha de couro com guarnição de metal, perfeitamente conservado. Os laivos de ferrugem que se começavam a formar indicavam bem que ali tinha sido depositado havia poucos dias ainda. A veneração supersticiosa de que é objecto a pedra tornava pouco provavel que tivesse ficado por esquecimento, pois ninguém se atimaria a descansar ali o punhal. E, procurando a explicação do facto, pude apurar que se havia de tratar de um simples acto votivo. Alguns dias antes, em um engenho proximo, onde a mãe de *terreiro* é devotada a *Ova* se tinha dado uma tentativa de homicidio, de que resultou um ferimento penetrante no thorax, feito a punhal. O estado do doente se tinha aggravado e a policia procurava ou fingia procurar capturar o criminoso que se havia occultado. A principio supuz que estava ali a explicação do facto, que o punhal da *Pedra de Ova* era provavelmente o punhal homicida e que a sua exposição ali importava o pedido da interseção do fetichê. Mas a supposição só em parte era verdadeira. O punhal pertencia a um negro casado que tentara assassinar com elle a propria esposa e fora ali collocado por ordem de *Ova*, que naquelles dias se tinha manifestado à mãe de *terreiro*.

Tempo depois, no dia seguinte ao de uma iniciação, fui encontrar a *Pedra de Ova* toda enfeitada de ramos e cercada de postes engrinalhados de murta, com restos de lanternas que se tinham acendido durante a noite anterior. Sobre a pedra, ao longo do todo a sua face superior, tinham despejado um fio um açcã batido.

Diversos negros e outras pessoas me garantiram com accento de profunda convicção que a *Pedra de Ogun* tem sido vista por varias vezes sob a fórma de um homem vestido de vermelho e empunhando uma grande espada. No entanto, um pai de ferreiro a quem ouvi aqui a respeito da *Pedra de Ogun* me observou que nessa denominação vai com certeza um engano manifesto, devido talvez ao pouco conhecimento que na localidade têm da mythologia jorubana. *Ogun*, deus da guerra, tem como attributo o ferro e não podia ter uma pedra. Qualquer objecto de ferro pôde ser adorado como *Ogun*, contanto que tenha sido consagrado pelo feticheiro. Nos diferentes terreiros tenho-me visto sob as formas mais variadas, mas sempre de ferro e tendo como ornatos e attributos objectos de ferro.

23 | Parece no entanto, que *Ogun* é ainda o deus das lutas e vias de facto, pois um velho africano me dizia, naturalmente em sentido figurado, que *Ogun* é quem abre o caminho para *Esá*.

*Sopona*, *Wari-icari*, *Afômas* ou *Omosolo*, deus ou santo da varíola, é um outro exemplo da divinização de entidades abstractas. *Sopona* só attende ou respeita a sua mãe *Iyabagi* (a vacina?). O idolo fetiche de *Sopona* é uma especie de vassoura de piassaba, cuja base se enfeita de diversas modas, especialmente com buzios ou *carriús*.

Os *carriús*, a moda africana, tem saliente papel nas crenças e no culto feticheiro. Não servem só para adivinhações e sorte: é ornamento de grande estima e entra na confecção dos fetiches. Já vimos *Orisa-lá* representado por conchas ou buzios dentro duma tigela de louça branca.

*Dadá*, tal como o vi no *Péji*, santuario de Isabel, é constituído por um tecido de buzios, revestindo completamente uma especie de funil que me pareceu constituído pela metade superior de uma cabeça cortada horizontalmente. Presas as conchas por uma das extremidades, a superfície do idolo fica toda eriçada de pequenas pontas, que são as extremidades livres dos buzios. De um e outro lado do gargallo da cabeça ou funil está embutido no tecido de buzios um pequeno fragmento do espelho ordinario. Perguntou-me Isabel si eu via bem a minha imagem no espelho e lhe respondendo affirmativamente, explicou-me que as pessoas que não conseguem ver a sua imagem no espelho estão prestes a morrer. Avalio os serviços relevantes que ha de ter prestado o idolo ás suas predições porque a

inclinação dos espelhos é tal que, conforme a posição dada ao idolo, torna-se muito facil ou muito difficil a uma pessoa de pé, ver nelles a sua imagem. Da circumferencia inferior do funil ou cabeça pendem longas fitas, a modo de pernas.

*Oso-osi* é tido por um deus caçador e notavel caminheiro. Representam-se por um arco a cuja parte média se prende por uma móla uma pequena flecha. Fica assim o deus symbolizado pela arma de que se servia.

*Yé-was-já*, ou a mãe d'agua, é uma criação mythologica que symboliza a hydrolatria primitiva. De uma pedra marinha ou fluvial preparam o fetiche, mas em geral a concepção de *Yé-was-já* confunde-se com o mytho da sereia de que se torna uma simples variante. No *Péji* de Isabel, que tem entre outros *Yé-man-já* como seu santo, a pedra fetiche se acha sobre a mesa, mas na parede, em tosco desenho, *Yé-man-já* está representado sob a forma classica de uma mulher com cauda de peixe. Numerosas fontes e regatos têm reputação de lugares sagrados e são como tais de grande veneração. Outra divinização de phenomenos aquosos ou meteoricos é a do arco-iris, *Omsaxoré*, *orisi* ou santo muito popular tambem.

A phylolatria africana na Bahia parece ter ainda uma concepção dupla. A arvore pôde ser um verdadeiro fetiche animado ou ao contrario representar apenas a moradia ou o altar de um santo. A gamelleira (*Acas religioza?*), arvore abundante neste estado é o typo da planta-deus. Sob o nome de *Irôco* é ella objecto de um culto fervoroso.

→ Mais de uma mãe de terreiro me tem conjurado a não deixar nunca que seja abutida uma gamelleira em terreno que me pertença, pois esse sacrificio tem sido occasião de grandes infortunia para muita gente. Na estrada que vai do engenho de Baixo no Engenho Guahyba, propriedades da familia dos barões de S. Francisco, existe uma vetusta gamelleira que é o *Irôco* da população local o objecto de vivaz adoração feticheira. O viandante que por ali passa deacobre-se respeitoso e faz signal de heijal-a de longe. Ninguem ousaria tocar-lha. Contam em fórma de lenda que em épocas idas um senhor do engenho daquellas mediações ordenara a escravo seu que fosse dorribar a arvore. Replizou-lhe o escravo, humilde mas resolutu, que preferia o castigo de duxentos açoites de que estava ameaçado, a tocar sigger no *Irôco*. E outro escravo, de mais

coragem, que se animara a praticar aquelle sacrilégio caiu fulminado no primeiro golpe de machado, correndo da incisão feita no tronco, sangue vivo em vez de latex. Sempre é verdade que tendo o actual proprietario do engenho ordenado, por experiencia, que a arvore fosse abatida, ninguém se quiz prestar a esse trabalho, allegando que o engenho desabaria desde que se consummasse o sacrilégio.

Em torno do tronco do soborbo vegetal, encontrei vestígios de sacrificios, conchas marinhas, quartinhas de barro com agua, etc. Razes e galhos secos, que ninguém se atreve a retirar para lenha, juncam em profusão a area que sombrea magestosa coma. E a lenha não é ali de facil obtenção.

Nos arbustos que cercam o tronco muita gente tem visto alta noite bruxolear fraca luz que se extingue pela madrugada. E um mulato, que não tem santo e pretende ser bom christão, me confessa sem embargo que já um dia havia sido obrigado a retroceder de um caminho, por lhe ter tomado a frente, proximo de um *Iróco*, grande cão negro, de olhos vermelhos coruscantes. Aqui claramente a arvore animada é o proprio deus ou santo. E ainda agora um negro que voltou da Africa me confirma que já foi testemunha desta emissão de sangue de um *Iróco*.

25

Mas, de ordinario, as arvores são antes altares ou residencias temporarias dos deuses. No Gantais, á direita do barracão, existem muitas arvores sagradas. Em uma area cercada de palmas de coqueiro, em dois planos distinctos, porque desse lado o terreno cai em brusca ladeira, encontram-se cinco arvores sagradas, duas no primeiro plano e tres no segundo. O *ogou* que ali me conduziu, mostrou-me o lugar onde se tinha feito o sacrificio de carneiro a *Oso-osi*, e bem assim ali estavam as quartinhas de agua do santo, meio enterradas no solo. Durante a festa, de dias em dias, substitue-se a agua e a comida. No ultimo *condombé* que ali houve tinha sido feito um sacrificio de aves a *Sapouan*, junto de uma imbaubeira, proximo ao barracão. Pennas de gallinhas, azeite de dendê cobriam o tronco até certa altura, no pé haviam quartinhas de agua e pratos de comidas.

Estas arvores com certeza não são consideradas deuses. Quando eu indagava si, durante o tempo que o *terreiro* não funciona e fica quasi abandonado, não ha perigo de que ali entre alguém e derribe uma das arvores sagradas, elles explicavam-me que estando

o santo presente não ha receio de que possa quem quer que seja ter a idéa de abatel-as, e só se poderia fazel-o si o santo livremente o consentisse e para isso se retirasse da arvore.

Em um *terreiro* do interior do estado em que eu estranhava não encontrar vestígios do culto prestados aos vegetaes, disseram-me que esse culto tinha cessado porque havia fallecido no anno anterior o velho africano que sabia chamar os santos nas arvores e nunca tinha querido fazer discipulos.

Estes factos demonstram que bem podia ter razão Darwin e Lubbock, quando o primeiro, a proposito da arvore angrada do *Wallúcha*, observava que era mais provavel que os Patagões vissem nella um altar do que o proprio deus como pensam os gascchos. Rialle pensa com Lubbock que os gascchos devem ter mais razão do que Darwin, visto que a distincção deve ser muito delicada para um Patagão. E' bem possivel todavia que a arvore seja a um tempo uma e outra coisa.

26

No entanto, em regra geral não se pôde dizer que os *africo-baianos* confundam os seus santos, quasi idolos e algumas vezes verdadeiros idolos, com o feitiço, *gri-gri* ou *jujú*. Já o presidente de Brosses estabelecia implicitamente esta distincção entre os povos feticistas quando dizia que se devia estender o qualificativo de feticistas « ainda aquelles povos para os quaes os objectos desta especie (*gri-gri*) são menos deuses propriamente ditos do que coisas dotadas de uma virtude divina, oráculos, amuletos, e talismans preservativos. »

27

No animismo diffuso dos nossos negros, em manifesta transição para o animismo condensado, os seus santos ou orixás menos se aproximam do *gri-gri* do que do idolo, pois, como observa Tyler, considerado do ponto de vista da incarnação dos espiritos, o idolo deve reunir em si os caracteres de um retrato e de um fetiche.

A concepção theologica dos *africo-baianos* corresponde rigorosamente á doutrina da idolatria da Africa Occidental, tal como a formulou Waitz. « O deus mesmo é inviaivel; mas o negro, arrebatado pelo seus sentimentos devotos e sobretudo pela sua imaginação viva, quer ter um objecto visivel que elle possa adorar. Deseja poder contemplar o deus que elle adora e por isso busca realizar em madeira ou em argilla a idéa que se faz delle. Ora, si o sacerdote que o deus inspira e de que se apodera muitas vezes, consagra esta imagem a esse deus, segue-se quasi naturalmente que o deus pôde ir residir na

imagem em virtude da consagração especial que lhe foi feita e deste modo o culto das imagens torna-se bastante comprehensível. Deuham percebeu que elle excitava profundas desconfianças e se expunha a certos perigos quando tirava o retrato de um homem. O negro receta, com effeito, que, em virtude de certas artes magicas uma parte da alma do homem vivo seja absorvida pelo retrato. Os idolos não são, como pensa Bosman, imagens dos deuses, mas simplesmente objectos em que o Deus gosta de vir habitar e que ao mesmo tempo e mostram aos seus adoradores debaixo de uma forma material. Aliás nada obriga o Deus a morar constantemente no idolo; entra e sai d'elle, ou antes acha-se ahí sempre presente mas com maior ou menor intensidade».

Tal é precisamente a idéa que os nossos negros fazem dos santos da Costa. A pedra, o ferro, os buzios etc, só se tornam santos por força de intervenção do sacerdote.

Um Africano a quem eu perguntava si *Oya* não era um simples objecto de ferro, replica-me: sim, um simples pedaço daquelle tribo de bond, que ali está, é ou pôde ser *Oya*, mas somente depois que o pai do *ferreiro* o tiver preparado.

Assim, a sua crença inabalavel nos processos de encantação ou magia, o prestigio extraordinario do fetiche *coisa-feita na gri-gri*, todas essas manifestações de um animismo inferior, não excluem, ao contrario coexistem com adopção de uma mythologia já bem complexa.

Que o seu *Orum* como todos os deuses que representam o céu, seja pura e simplesmente um fetiche, que elle se confunda com a abobada celeste e se explique a sua superioridade sobre os outros fetiches, apenas pelas dimensões e extensão do firmamento; ainda assim esta concepção mais elevada não deve ser confundida com o fetichismo inferior. Referindo-se ao culto do céu e da terra, Rialle<sup>1</sup> se pronuncia por esta forma: «As manifestações religiosas que vamos estudar, bem que pertencendo ainda ao fetichismo nos aproximam muito sensivelmente do polytheismo, e servem, por assim dizer, de transição intellectui da humanidade. E' preciso um desenvolvimento mental assaz consideravel para conceber o conjunto da abobada celeste e para se fazer uma idéa da qualquer mastia solida sobre que nos agitamos.»

(Continua)

NINA RODRIGUES

<sup>1</sup> Girard de Rialle, *La mythologie comparée*, tome I<sup>er</sup>. Paris, 1878 pag. 178



Cofre de Yemanjá  
(de frente e aberto)

# O ANIMISMO FETICHISTA\*

## DOS NEGROS BAHIANOS

### CAPÍTULO II

#### LITURGA FETICHISTA DOS AFRICO-BAHIANOS

O culto fetichista jorubano dos negros e mestiços tem na Bahia uma fôrma exterior complexa, brilhante e ruidosa. Possuem nas cidades, situadas nos arrabaldes, templos especiaes ( terreiros ) para as grandes festas annuaes, e pequenos oratorios ou capellas, nas casas particulares, para as festas ordinarias e as orações de durante o anno. Na capital existe um numero crescido de terreiros que, num minimo exaggerado, calculo de quinze a vinte entre grandes e pequenos. Não consegui obter informação sobre o numero exacto de terreiros existentes nos arrabaldes desta cidade.

A algumas pessoas ouvi que se elevava a quarenta ou cincoenta, calculo que me parece excessivo, embora só na estrada do Rio Vermelho saiba eu da existencia de seis principaes. Estão entre estes tres dos mais afamados, o do Gantais, o do Engenho Velho e o do Garcia. É quasi impossivel calcular o numero dos oratorios particulares. Na opinião, que não creio exaggerada, dos chefes a quem consultei, esse numero deve elevar-se a milhares. No interior do estado, quer nas cidades e villas, quer nos engenhos e outros estabelecimentos ruracs, o numero dos terreiros e oratorios é avultadissimo.

\* Veja a *Revista* de 15 de abril e de 1 de maio.

Citam-me como notaveis pelo numero e pela importancia dos *conduables* as cidades de Cachoeira e Santo Amaro, centros principaes que foram da grande lavoura escrava.

No municipio de S. Francisco tive occasião de observar pessoalmente. Não ha ali um só engenho dos muitos que se agglomeram no municipio, que não tenha o seu pequeno terreiro. A mais das vezes, ali se confundem elles com os oratorios particulares, e só nas residencias das mães ou pais de terreiro, estes existem com maior desenvolvimento.

Todavia, na capital, nem sempre o terreiro é a residencia do padre fetichista, que neste caso tem o domicilio dentro da cidade. O terreiro é então um sitio, chácara ou roça, alugada ou arrendada para a grande festa que se faz uma vez no anno. No Gantais, por exemplo, no intervallo das festas, o terreiro é apenas guardado por alguém que lá se deixa morando. Este terreiro do Gantais pôde servir de modelo para uma idéa exacta do que é um templo fetichista na Bahia, assim como em que consiste o *conduable*, a grande festa annual. Tira elle o nome francez do antigo proprietario da chácara em que funciona, e fica a quasi meio caminho do arrabalde do Rio Vermelho. Situado no alto de uma collina muito á prumo, o accesso a partir da linha de bonds que passa no valle, se faz por uma vereda sinuosa e ingrime, protegida em certa altura de degraus tallados no solo.

A procura de lugares ermos e de accesso difficil não parece obra de mero acaso. Tive occasião de visitar com amigos um *conduable* no alto de um outeiro e em um recanto onde foi impenticavel o accesso á cavallo, e ainda difficil com botas de montaria como estavamos. Em baixo, no valle onde ficava o engenho, chegava mal e abafado o som do *batacaxé*, mas quando saímos á meia noite com esplendido luar e galgamos os outeiros vizinhos, fortes e vibrantes nos chegava o som que por longo tempo ouviamos ainda como si vizinho fosse. O sitio ermo e recondito, as horas mortas da noite, a monotonia grave e triste da musica rude e da melopéa africana, o caracter ontravagante e estranho das danças religiosas, tudo concorria ali para dar no conjunto um cunho de poesia selvagem e mysteriosa que devia falar profundamente ao espirito acanhado e insulto de uma raça supersticiosa em extremo.

No Gantais, o terreiro funciona num barracão, coberto de telha, e de paredes de tupa, que flca no centro de uma clareira ou roçado.

sombreado de algumas arvores frondosas. Toda a metade anterior da casa constitue uma grande sala de dança, sem outro soalho que não seja o sólo nu e húmido; toda a parte posterior, dividida ao meio por um corredor, se subdivide em pequenos aposentos ou quartinhos em que os hábitos do negro para logo se revelam. É um especimen o quarto particular onde trabalha a filha da mãe de terreiro e onde tenho estado por diversas vezes. Sem ordem, ali se encontram na mais indoscriptível promiscuidade, tabolviros de cereaes, frutas e ervas, garrafas e tigelas de azeite de dendê, pratos com moquécas, e outros preparados africanos, pimentas, condimentos, etc. De encontro a uma das paredes está um armario tosco de madeira onde se guarda roupa e a vezes comestiveis. Do lado opposto uma mesa velha e mal acopiada, tendo em cima garrafas de vinho, de azeite de dendê, copos, calcos, pratos com comida, etc. Junto desta mesa, sentada em uma cadeira, na ultima festa, a rapariga bordava uma tira de pellica vermelha com pequenos buzios brancos da Costa. O giras que constitue o fôrro do aposento, serve ao mesmo tempo de despensa. O ultimo dos quartinhos, à esquerda, é o santuario, o *Peji*, o *Jarô-Orisá*<sup>1</sup>, a igreja propriamente dita. É a casa-feticho dos viajantes europeus. Para se ir ter a elle, segue-se um outro corredor transversal mais estreito, dividido parcialmente por duas meias paredes oppostas, em fórma de tabiques collocados um em seguida ao outro e de cada lado do corredor, de sorte a constituir um verdadeiro zig-zague. Esta disposição tem por fim obstar que de fóra se possa acompanhar com a vista a pessoa que entra, ao mesmo tempo que fica assim disfarçada a unica porta de entrada do santuario. É este um quarto escuro e sem janelas. De dia, reina ali uma claridade duvidosa que parece provir de alguma telha de vidro, encoberta pelo fôrro de panno branco, pouco espesso e ordinario, que serve de docel a todo o quarto. De noite illumina-se fraca luz de uma lamparina de kerosene e por vezes algumas velas. Por occasião de *caudembês* como sempre o tenho visto, a parede do fundo fica occupada por um grande leito de vinhatico de casa, sobre o qual existe grande quantidade de vestes. As outras tres paredes ficam cobertas de adornos e vestimentas de santos, de cores e fórmas variadissimas, desde a seda e o velludo custoso mais ou menos

<sup>1</sup> Aposento, ou quarto de santo (*orisá*).

usado, até a chita barata. Faixas bordadas de buzios, voltas collossaes de contas e missangas, enfeites diversos se encontram por ali, presos e suspensos á menor saliencia das paredes, ás guarnições do leito, a pregos fincados nos umbraes da porta e um pouco por toda a parte. São os paramentos sacerdotaes, é o guarda-roupa dos santos. Quasi ao rez do chão, de encontro á parede fronteira ao leito, está o altar, degraus, pequena parede ou muro, de uns trinta centímetros de alto, mais ou menos largo, sobre o qual estão collocados os fetiches ou idolos. No chão em frente a elles, enchendo quasi todo o quarto, se acham as offerendas, consistindo substancialmente em alimento e agua. Panelas, pratos de louça ou de barro, tigelas, bacias, vasos de todos os formatos, para a comida; potes e sobretudo quartinhos para agua.

Todos os *Pejis* ou santuarios fetichistas que tenho visto, pouco ou nada differem deste, a não ser nas proporções e na riqueza. Em casa de Livaldina, outra mãe de terreiro, o *Peji* é o seu quarto de dormir, pois, — me explicou, — já está muito velha e não tem marido ou amante. A vida conjugal seria inadmissivel naquelle recinto. Na parte anterior do aposento, está o leito de Livaldina. A parte posterior, subdividida por uma meia parede, tem à esquerda a guarda-roupa que nos dias ordinarios está guardada em malas ou baúes, mas esta secção tem ainda honras de despensa. A direita está o oratorio, no fundo e em baixo o altar com os fetiches, em cima, á guisa de docel, um pedaço quadrado de panno branco, suspenso por cordões atados aos quatro angulos. No alto da entrada desta divisaão, está pendurado em uma corda que vem do tecto, o instrumento de *Oyá*, pequeno tambor, todo bordado e enfeitado. No *Peji* de Thecla, que vive amasiada, não ha enma. É ainda um quarto sem janelas, com o altar, as caixas e malas da guarda-roupa. No de Garcia, ha, além do altar, dos cabides para collocar as vestimentas nos dias de festas, dos potes, quartinhos, etc., a mesa de adivinhação onde a mãe do terreiro lança os dados. Sobre esta mesa está um pequeno nicho com duas imagens de S. Cosme e S. Damião, e em torno muitos fetiches. Na gaveta da mesa existe um sem numero de fetiches, preparados ou curados pela mãe de terreiro.

Armadas para a festa, todas estas *jarô-orisás* representam o typo descripto no do Gantala. No entanto, estas são verdadeiros templos, onde além dos santos do feticheiro ou sacerdote se encontram

os santos de outras dignidades do culto fetichista. Si, porém, assim o proforem, os donos dos santos ou fetiches podem tê-los em oratórios particulares em suas casas. Qualquer prateleira, banco ou pequeno altar, no canto da sala, ou por via de regra, do aposento mais recôndito, serve perfeitamente. Mas o terreiro de Gantais não conta sómente a barracão em que está o santuario. Por traz e no lado dele, outras casinhas e dependencias se têm construido. Logo em seguida está um recinto ou pateo coberto onde á noite se guardam os animaes dos sacrificios, que durante o dia ficam presos ás arvores da clareira. Deste se passa para um outro pateo onde se abrem e preparam os animaes sacrificados. Junto está ainda a cozinha. Do lado direito ficam pequenas construcções ligeiras que se destinam a santos que não devem ou não podem permanecer no santuario commum, e á residencia temporaria deste ou daquele dignatario. Proximo estão finalmente diversas arvores sagradas em torno de cujos troncos veem-se os restos dos sacrificios.

A palavra *terreiro* tem evidentemente duas significações distinctas: nome do sitio, lugar ou casa onde reside o chefe e se celebram as festas religiosas, e qualifica a jurisdicção de um pontífice fetichista que della toma o titulo de *pai ou mãe do terreiro*.

Em certos pontos da Africa, no Gabon particularmente, cabeha ainda o nome de *oungas oungungas, oungungas, oungungas*, encontro eu em obras francezas. Na Bahia o termo tem, porém, significação propria. O *oungas* ou o *oungas*, porque cada confraria de um santo pôde ter o seu *oungas*, são os responsáveis e protectores do *caudabê*. A perseguição de que eram alvo os *caudabê* e a ma fama em que são tidos os feticheiros, tornavam uma necessidade a procura de protectores fortes e poderosos que garantissem a tolerancia da policia. A estes protectores que podem ser iniciados ou não, mas que ou acreditam na feitiçaria, ou têm um interesse qualquer nos *caudabê*, dão elles em recompensa o titulo e as honras de *oungas*.

Os *oungas* têm obrigações limitadas e direitos muito amplios. Além da protecção dispensada devem fazer ao seu santo presentes de animaes para as festas e sacrificios. Têm direitos a comprimentos especificos dos filhos de santo, a serem ouvidas nas deliberações do terreiro, a saírem todos os santos e o terreiro em seu favor, no caso que estejam ameaçados de alguma offensa ou desgraça, etc.

Seria um erro acreditar que o cargo de *oungas* seja espinhoso e pouco ambicionado. O poder dos pais de terreiro sobre os crentes é quasi illimitado, e já em serviços domesticos ou de qualquer ordem, já na satisfação de desejos licenciosos, os *oungas* se recompensam de sobra da protecção que dispensam aos feticheiros. Em todo o caso, esta protecção é real e effectiva. As prohibições policiaes mais terminantes e rigorosas desfazem-se por eucanto diante dos recursos e empenhos que os *oungas* põem em acção. A mole é sempre o interesse eleitoral, que neste pais faz de tudo o que avante e nas grandes influencias politicas vão elles buscar os seus melhores protectores. Sei de um senador e chefe politico local que se tem constituído protector-chefe dos *oungas* e pais de terreiro. E acrescenta-se aos interesses materiaes e directos, a crença supersticiosa nas praticas fetichistas por parte de pessoas influentes, e poder-se-á fazer uma idea do grau de protecção indirecta de que hoje podem dispor os feticheiros.

O *pai ou mãe do terreiro* é a um tempo pontífice e feticheiro, funcções pouco distinctas e enrelatas. Como sacerdote, preside e dirige as festas do culto exterior, e organiza uma especie de confraria ou collegio particular de iniciados. Nas suas funcções sacerdotaes, tem auxiliares e subalternos. Quasi sempre trabalham juntos pai e mãe de terreiro, mas não podem ainda prescindir de outras dignidades. Assim, entre outras, o regente da orchestra, cuja alta funcção sacerdotal é invocar ou chamar o santo nas danças; um outro dignatario que invoca ou chama o santo nas arvores, e finalmente o mestre dos sacrificios que sabe escolher, matar e preparar os animaes destinados ao sacrificio.

A escolha para estes differentes cargos é feita á sorte ou por meio de buxios, ou então por declaração oral de algum santo manifestado. Para a investidura no grau supremo de pontífice ou feticheiro a designação da sorte é muitas vezes illudida pela usurpação, ou a avocação espontanea dessa qualidade por parte de algum individuo um pouco instruido das praticas fetichistas. Não parece que a transmissão hereditaria destas funcções seja de rigor. Assim me garantem, e a propria rapariga me declarou, que a filha de Julia, mãe do terreiro de Gantais, não será a successora de sua mãe. No entanto, apesar desta informação, note que quasi todos os pais e mães de terreiro que conheço, com poucas excepções, são filhas

de Africanos que tinham sido também feiticeiros ou pais de terreiro. Mas, em todo o caso, todas estas dignidades sacerdotais do culto fetichista saem da ordem ou confraria dos filhos de santo.

São denominados filhos de santo as pessoas que, preparadas por iniciação especial, são votadas ao culto de um ou mais santos fetichistas. Cada confraria ou collegio se distingue por preceitos especificos relativos á alimentação, ás vestimentas, aos deveres religiosos peculiares no culto deste ou daquelle santo ou orixá. A prohibição de alimentar-se de carne de certos animaes sempre ou em dias marcados da semana, é uma praxe muito seguida e que lembra o tabu de certas raças inferiores. As vestes variam tambem de santo a santo. *Oubatalá* requer vestimenta toda branca, com grossas voltas de contas brancas, cor de leite, em torno do pescoço e dos pulsos, a modo de braceletes ou pulseiras. *Songô*, vestimenta branca e vermelha e voltas de contas brancas e vermelhas alternadas. *Yemanjá*, contas brancas translucidas. *Oxá*, vestes brancas, e contas amarellas. *Opá*, pulseiras de aro de ferro, ou de finas cadeias do mesmo metal. *Suguaná*, voltas e pulseiras de pequenas rodellas pretas de coquilho ou de uma materia prima semelhante ao couro. *Dilé*, contas azues. E assim por diante, para os outros santos ou orixás. Este vestuario é tão constante que facilmente se distinguem por elle os iniciados de cada confraria. O conhecimento da significação das vestimentas de santo me foi de grande auxilio nas minhas observações. Mas o ritual não exige que o iniciado traga sempre os seus distinctivos de confraria. O porte apenas é de rigor nos dias da semana consagrados aos diversos santos. O mais importante destes dias é a sexta-feira, consagrada a *Oubatalá*. No dia do santo o iniciado lava as quartilhas, renova a agua sagrada e pôde mesmo fazer offertas de maior significação.

A iniciação nas confrarias demanda um processo muito complicado e sempre longo. Relativamente anodyno entre nós, parece que na Africa se impõem provas e rigores por demais severos. Aqui na Bahia, toda a pessoa que deseja ter santo ou que encontra um objecto que suppõe ser fetiche, vai consultar o pai do terreiro que, por meio de buziço ou de dados, lhe diz qual o santo é, e ao mesmo tempo lhe designa o pai ou mãe do terreiro que tem de preparar o fetiche e dirigir a iniciação. Outras vezes, o proprio aspirante em estado de possessão do santo, ou ainda terceiros nomeo

estado, fazem as declarações que são tomadas pelo feiticeiro. A feitura do santo comprehende duas operações distinctas, mas que se completam, a preparação do fetiche e a iniciação ou consagração do seu possuidor. A preparação ou lavagem do fetiche é coisa bem complicada em que o pai do terreiro põe toda a sua sciencia, toda a sua pericia. Para o santo *Songô*, disse-me a mãe de terreiro do Garcia, que é preciso collocar a pedra de raio, que ha de ser o fetiche, em um baulho de azeite de cheiro dentro de um vaso de barro vidrado, e d'ali que elle sai para ser levado pelo feiticeiro, em infusão de plantas sagradas, e sob a invocação magica de orações especiaes, acompanhadas de gestos cabalisticos. Para *Yemanjá*, a pedra é deitada em mel de abelhas, ou em um acaçá batido, em que, me garante elle, se formam, no fim de algum tempo, lindas estrias vermelhas e verdes muito curiosas. Assim para os outros santos, sempre segundo um ritual especial. Conhecido o santo e designado o pai ou mãe do terreiro que o tem de fazer, o iniciado prepara o seu enxoval, ou antes o guarda-roupa do santo e reserva as suas economias para a grande festa da iniciação. São todos accordes em afirmar que as despesas da iniciação são sempre muito avultadas, e que feitorias de santo têm havido entre nós, principalmente aqui na capital, em que essas despesas subiram a cento de réis. Conheço, de facto, negros, creoulos e africanos, que ficaram velhos e não conseguiram obter os meios para a iniciação do seu santo, conhecido desde a mocidade dolles. A descripção exacta de uma iniciação a que assisti ha pouco tempo, servirá de exemplo destas praticas fetichistas na Bahia.

Olympia, a iniciada, havia encontrado uma pequena pedra de forma estranha, um pouco alongada, e, tendo uma das extremidades dois pontos lateraes a modo de olhos. Acreditando que podia ser um fetiche, foi consultar Livaldim que lhe disse ser *Oxá* e que a mãe de terreiro Thecla seria a sua mãe de santo. Preparada Olympia e marcado o dia da iniciação, vai a esta cidade (porque a iniciação devia ter lugar fóra), affim de convidar para a festa um pai de terreiro que aqui reside no Kabula e é particular amigo do seu pai, que por seu turno tambem é pai do terreiro. Foram convidados ainda outros pais e mães de terreiro, entre elles a mãe de santo Thecla, velha africana octogenaria, que para comparecer não duvidou fazer uma viagem á pé de quasi tres leguas. Achavam-se assim

reuniões cinco mães e dois pais de terreiro, dos quais tres Africanos e os outros creoulos, mas todos filhos de Africanos.

Preparadas os animaes do sacrificio, à tarde, como é de praxe, teve lugar o sacrificio a *Ezú*, espirito do mal. Este sacrificio propiciatorio precede todas as festas do santo, pois a sua preterição traria como consequencia infallivel a perturbação da festa. A' noite, a inicianda tem de tomar um banho mystico, verdadeira purificação lustral, em que troca por vestes novas as que trazia, as quaes são abandonadas, em symbolo, supponho eu, de completa renuncia á vida anterior. Olympia foi tomar este banho numa fonte sagrada de um engenho da vizinhança. Acompanharam-na a mãe de terreiro, Thecla, que devia pronunciar as orações adequadas ao acto, e uma filha do santo que conduzia as vestes brancas e engommadas de *Ossu*, com que se devia revestir Olympia, depois do banho. Estou informado de que este banho, em certos ritos africanos, mesmo entre nós, se dá ás vezes com infusões de plantas que gozam de propriedades e virtudes fortemente estimulantes, e são tidas como plantas sagradas.

Voltando para essa, a inicianda foi recebida á porta por todas as dignidades sacerdotaes e conduzida ao santuario, onde se sentou em banco novo, ainda não servido. As cerimoniaes que se passam no *Péji* não podem ser assistidas por quem não tenha santo feito, e por isso não pude ser admitido no recinto do santuario. Mas, acanhada como era a casa de Thecla, da salinha onde me achava podia acompanhar perfeitamente todo o processo cerimonial que se realizava na alcova onde estava o *Péji*, pois que a porta unica que dava para a salinha tinha de ficar largamente aberta. Já anteriormente Thecla tinha feito a lavagem e preparado o fetiche, e a elle foram sacrificados os animaes, um carneiro, uma cabra, duas gallinhas e pombos. Destes animaes, alguns são sacrificados no recinto do santuario, caindo o sangue sobre os fetiches. Depois são removidos para fóra afim de serem preparados. Em seguida, já ás 10 horas da noite, teve lugar a cerimonia da epilação. A cabeça de Olympia foi rigorosamente raspada á navalha, processo que demandou muito tempo. Tenho informações de que em rituaes mais rigorosos a epilação é completa, não só das cabeças, como dos pelos das axillas, do pubis, etc., o que se serve, para esse fim, de substancias epilatorias especiaes. No entanto sempre tenho visto

limitarem-se á raspagem da cabeça á navalha, facto que tem a sua explicação natural na supposição de que é pela cabeça que penetra o santo no corpo do crente. Raspada assim a cabeça, é ella vigorosa e demoradamente lavada com uma infusão especial de plantas sagradas, processo que se acompanha de gestos e palavras cabalísticas e por cuja virtude se ha de dar a posseção, ou manifestação do santo. Com gis ou uma pasta branca, fazem nas faces da inicianda traços em tudo semelhantes pela situação, forma e numero aos gilvazes que os africanos trazem no rosto como distinctivos ethnicos, sociais ou religiosos.

Afirmam-me que quando a iniciação era de Africanos ou de filhos de Africanos libertos, em vez de symbolos, faziam-se as iniciações com um instrumento certante como é a regra na Africa. Em Olympia havia cinco traços verticaes na fronte e quatro horizontaes em cada face. Completaram-lhe a *toilette* cobrindo a cabeça raspada com uma touca branca, fina, de um tecido ou bordado de malhas largas. A inicianda ainda no santuario ingere uma bebida especial, dotada de grandes virtudes e força magica.

Ainda não consegui saber ao certo qual ou quaes as plantas com que o preparam. Disseram-me alguns que é a propria infusão ou macerato com que se banha a cabeça, outras que a composição é mais complexa. No entanto, sempre me pareceu que elles davam menos importancia aos simplices do preparado do que ás invocações sob que é feito.

Ao tempo em que se iam terminando as cerimoniaes do santuario, a orchestra, composta de cinco *tabaques* (tambores pequenos) e quatro cabaças, cobertas de uma rde de malhas, contendo grãos e contas em cada nó, começava na sala onde eu me achava, a invocação do santo. A um signal ou ordem do regente, todos os *tabaques* foram collocados reunidos no centro da sala e ao lado vieram depor um prato um com obi (noz de kola) e moedas de cobre, e uma quartinha de agua do santo, tirados do santuario. O regente levantou-se, fez ligeira genuflexão sobre o joelho esquerdo e concentrou-se como em oração. Depois tomou da quartinha, lançou um pouco d'agua de cada lado dos *tabaques*, e em seguida deitou na bocca um punhado de obi. Mastigou o obi, e, tomando os *tabaques* um a um, o invertendo-os, foi lançando dentro de cada um o obi mastigado.

Aos tabaques seguiram-se as cabaças com que empregou processo semelhante. O regente passou então o prato de obi aos outros músicos dos quais cada qual tomou a sua noz e poz-se a mastigá-la. Música e canto começaram então a invocar ou chamar o santo. O regente da orchestra não só dirige a musica como os cantos sagrados, que são recitados em lingua africana por todos os presentes.

A' uma musica e cantico especiaes, revela-se o santo e a inicianda, em estado de possessão, deve lançar-se na dança. A meia noite, me annunciaram este cantico particular para o santo *Ossu*, mas parece que o effeito desejado não se produziu, porque, depois de esperar por muito tempo, um dos pais de terreiro chamou o regente para o recinto do *Peji* e só sob a influencia do tabaque o mais de um instrumento especial de *Sagô*, começou ella a dançar, acompanhada por um dos pais de terreiro que tinha presa nas suas uma das mãos da inicianda. Sempre dançando veio ella então para a sala, onde da mesma fórma continuou a dança por largo prazo. Mas já fatigada voltou para o santuario onde ficou sentada em uma esteira.

Nos casos em que ao contrario deste a manifestação do santo é por demais forte, empregam um processo que chamam de *mater o mate* e que tem a virtude de diminuir a intensidade da excitação.

Até ás quatro horas da madrugada, prolongaram-se as danças na sala, onde houve manifestação de diversos outros santos.

Recomeçou a festa no dia seguinte. A inicianda dançava ainda toda vestida de branco, tendo de mais um corpete bordado de buxos e de menos a touca de bordado branco que havia sido substituída por um desenho feito á giz ou com massa branca sobre a cabeça raspada. O desenho pretendia representar um capacete por meio de raios divergentes que partiam de um primeiro pequeno circulo traçado na parte mais elevada do craneo e d'ahi se dirigiam para a periphéria. Concentricos a este primeiro, outros circulos de diametro gradualmente crescentes se succediam a pequenas distancias até o limite da circumferencia horizontal maxima da cabeça. Sobre este capacete, desenhado no scalp, trazia a inicianda, talvez a modo de noiva, uma coroa de flores de papel, de cores muito vivas, e dentro do circuito da coroa uma pena vermelha presa ao couro cabeludo

por uma pequena bola de oêrn. Na mão direita trazia agora uma ventarola de *Ossu*, redonda e de papel ou pollica vermelha e tendo, em vez das guarnições de metal, bordados de buxos.

Apesar de ter dançado por muitas horas seguidas, não houve ainda assim uma manifestação franca de santo, o que trouxe por todo o dia triste e acabrunhada a mãe de terreiro Theala. E como mesmo entre feiticeiros ha rivalidades profissionais, Lávaldina não se pôde conter que não me dissesse muito á puridade que Deus a livrasse de que o santo si fosse feito por ella, já não tivesse brindeo a valer. E para isso acrescentou referindo-se aos diversos pais e mães de terreiro ali reunidos, nunca tinha precisado de tanta gente.

A' noite tiveram cabo as festas desse primeiro dia, mas nem por isso estavam terminadas as cerimoniaes da iniciação. Ainda durante um prazo que varia de 16 dias a um ou mais mezes, a filha de santo não pôde sair do terreiro. Estas formalidades posteriores são mais ou menos rigorosas. Aqui na cidade, os filhos de santo ficam reclusos, não podem sair á rua a pretexto algum, ha abstinencia sexual completa, assim como de certos alimentos, em particular da carne de certos e determinados animaes, verdadeiro *luto* temporario. No campo ha menos rigor, algumas destas formalidades apenas são requeridas, abstinencia sexual, prohibição de certos trabalhos como abrir cancellas ou porteiros, abstinencia de certos alimentos. A filha de santo não fica, porém, reclusa de um modo tão absoluto como parece que é de regra. Durante este tempo de noviciado se exercitam nas praticas do culto. Tres dias depois ha nova cerimonia, mas sem musica e só acompanhada de canto. No oitavo dia, porém, dia do *Igô*, ha nova festa com *latucôgô* e invocação de santo.

Completo o prazo da iniciação, a filha de santo fica pertencendo á mãe de terreiro que lhe fez o santo e só pôde ser restituída aos seus e voltar para sua casa mediante uma verdadeira compra. O preço por que o marido, o amante, a familia emfim compra a filha de santo varia com os recursos pecuniarios de que podem dispôr. Concertada a compra, a filha de santo é conduzida em grande cerimonia até á porta da sua casa e ahí se faz a entrega solemne ao comprador.

DR. NINA ROCHA

(Continua)

# O ANIMISMO FETICHISTA<sup>1</sup>

## DOS NEGROS BAHIANOS

### CAPÍTULO II

#### LEITURIA FETICHISTA DOS AFRICO-BAHIANOS

(Continuação)

As confrarias ou collegios de casa de santo reconhecem como superior immediato o pai do terreiro, onde foi feita a iniciação dos membros da confraria, cuja subordinação e dependência espiritual não são consideradas resgatadas pela compra. Director de consciências supersticiosas, ignorantes e fanaticas, na sua qualidade de confidente dos deuses, depositario dos segredos da alta magia e interprete das revelações fatidicas, o feiticeiro exerce sobre os crentes uma tyrannia espiritual quasi descriptoria. Todos lhe prestam homenagem e lhe obedecem cegamente. Aos mais afamados é desnecessario trabalhar, de sobra têm quem o faça. Si é nos campos o serviço é prestado em trabalho agrícola. As terras ou plantações do pai do terreiro são lavradas pelos crentes que espontaneamente se concertam no melhor modo de servil-o, ou concedendo-lhes todos um certo dia de serviço na semana ou no mez; ou revesando-se cada qual de sorte a dar trabalho continuado. Si é nas cidades, o contingente das offerendas dos santos e os proventos do sacerdocio lhe garantem inteira independência. De ambos

<sup>1</sup> Vide a Revista de 15 de Junho.

### O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS 43

os casos coadjuva diversos exemplos. Mas o pai do terreiro não é só o procurador dos fetiches para receber as offerendas e ex-votos, elle é ainda antes de tudo o preparador de feitiços, fonte de pingues proventos. E' como em toda a parte, o curador de molestias, o fazedor de maleficios, o distribuidor de felicidades.

O feitiço que torna o feiticeiro ao mesmo tempo tão temido e tão procurado, ou é symbolico e indirecto, ou é material e directo, e pôde ter por fim favorecer ou prejudicar. O feitiço é *material e directo* quando o feiticeiro procura fazer ingerir preparados que podem ter uma acção nociva e material sobre o organismo. E' o feitiço-veneno de que largamente nos occuparemos em tempo. O feitiço *indirecto* ou *symbolico* consiste essencialmente em conferir por encantação propriedades uteis ou nocivas a objectos inanimados ou a seres vivos. E' o gri-gri por excellencia. E para o negro tudo pôde ser enfeitado.

O feitiço symbolico commum *coisa feita* ou *preparada*, é muito frequente entre nós. De vez em quando nesta cidade se encontra pelas ruas ou praças, na proximidade da casa ou no caminho por onde se supõe que deve passar aquelle a quem é destinado, um feitiço que consiste, com pequenas variantes, em animaes de sacrificio e restos de comida de santo. Aqui é uma caixa de madeira qualquer contendo uma gallinha morta, coberta de azeite de dendê e outras bugigangas; allé é um pruto de louça ou de barro com o invariavel azeite de dendê, peanas e dinheiro em cobre; além é um cesto com um cabrito morto, um pombo, um sapo, qualquer animal enfim, coberto de dendê, envolvido em pannos ou papéis, enfeitado de fitas, com pedaços de vela, etc. E assim sob mil fórmas outras.

A's vezes a coisa é mais apparatusa. Um meu amigo, bacharel em direito, contou-me que não ha muito tempo entrava elle alta noite em sua casa á rua da Soledade, onde se achava só porque a familia estava fóra, quando foi surpreendido pela presença de um enorme feitiço, que haviam collocado em uma das janellas do pavimento terreo. Cruzavam-se na janella duas grandes lanças pretas a que se prendiam respectivamente as extremidades de duas peças de panno preto de luto, as quaes descontroladas atravessavam a rua, de lado a lado, formando entre si um vasto triangulo, o que dava á janella um aspecto de armação funeraria. Em baixo das lanças, sobre o passeio, estava uma gallinha morta, coberta de azeite de dendê em um

prato de barro vidrado, um cordeirinho branco também sacrificado e pratos de comida de santo com muito azeite de dendê, açaô, etc.

O feitiço que ali ficou foi retirado pela manhã pela carroça de remoção do lixo da cidade. Atribuo elle o facto ou a ter naquelles dias elevado o preço de aluguel de umas casinhas proximas onde residiam uns Africanos; ou a que, estando o palacete quasi sempre deshabitado é crença que a casa é mal assombrada.

A mãe do terreiro, Isabel, deu-me da significação destes feitiços uma explicação que deve comprehender o maior numero. Em geral representam o processo de enfeitamento conhecido sob o nome de troca de cabeça. Quando um individuo infeliz ou a quem a sorte corre adversa, — o que em dicção popular se chama ter má cabeça, — vai consultar um feitiçeiro, este propõe-lhe que troque a cabeça, o que vale trocar a infelicidade que o persegue pelas venturas que almeja. Mas esta troca é symbolica, já se vê. Para isso deve mandar ao feitiçeiro um ou dois animaes que são decapitados, untados com azeite de dendê, envolvidos em uma peça de roupa branca do consultante. Por meio de processos magicos, o feitiçeiro fixa neste preparado a infelicidade que persegue o seu cliente, e manda collocar o feitiço em uma encruzilhada ou em outro ponto asaz frequentado. Quem quer que passe por cima do feitiço ou tenha a curiosidade de ir examinal-o, para logo apanha a infelicidade que elle encerra e deixa livre della aquelle que até então era perseguido. Naturalmente, assim como se faz entrar no feitiço preparado a infelicidade ou a má cabeça de alguém, ou, o que é o mesmo, o espirito que é causa da infelicidade ou da má cabeça, assim também se pôde fixar e transferir para um objecto inanimado, para um animal qualquer, ou para outro homem, o espirito que torna algum doente perigoso, malvado, etc.

Nó entanto, qualquer objecto de uso particular ou mesmo o objecto mais insignificante e sem valor pôde soffrer a encantação e tornar-se assim *porte-bonheur* ou *porte-malheur*. Isabel mostrou-me uns pós, preparados por ella, que, trazidos em amuletos ao pescoço ou mesmo no bolso, bastavam para garantir todas as felicidades. Ninho de passaros, contendo dois ovos frescos, que enterrados na porta do apaixonado que já pensasse em se tornar perjuro á fé prometida, bastavam para ter a efflencia do filtro mais poderoso.

Indicou-me sobre a mesa um feitiço particular denominado *carac-guejos de cordas*, pequena peça de madeira, de forma cylindrica em que se prendiam circularmente como raios uma infinidade de pedaços de cordões, todos do mesmo comprimento, a modo de pernas sem numero. Este feitiço foi retirado de dentro de um colchão de cama, para restituir a paz conjugal a recém-casados, em cujo lar tinha sido collocado, como vingança do abandono que soffrera, pela antiga amante do marido. É assim sem numero de peças outras, panacéas de todos os feitiços e dimensões, igualmente efficazes contra todas as infelicidades, e portadoras infalliveis de todas as venturas.

O numero em que ellas avultam ali sobre a mesa fatídica da feiteiceira, bem indica a riqueza da clientela e a extensão da crença nas virtudes do feitiço. Mas esta clientela não se recruta sempre nas negras boças e ignorantes, sendo mesmo na melhor sociedade da terra. Para levantar as suspeitas que possam recair sobre as damas de qualidade que a queiram consultar, a mãe do terreiro fez instalar na sala principal da casa, bem em evidencia, uma loja de modista. E que não é de todo falso o heito que, com insistencia correu aqui ha tempos, de que alguém não se resolvesse a aceitar a presidencia da provincia e mais tarde a pasta de ministro, sem prévia audiencia de uma cartomante mãe de terreiro, prova a offerta que Isabel me fez, dos prestimos dos seus feitiços para o caso de eu pretender ser senador!

Mas onde se exerce por excellencia a acção do feitiçeiro é na cura das molestias. Tem-se feito notar que o feitiçeiro, o adivinho, o sacerdote, o medico e o sábio começaram por se confundir num mesmo individuo. Em regra, o negro bahiano está ainda nesse estado da evolução mental em que não se admite que, fóra das mortes violentas, haja molestias e mortes naturaes. A molestia é sempre o producto da encantação, de um feitiço: ao feitiçeiro, pois, a missão de destruir pela intervenção da magia essa obra sobrenatural. Como provas da associação, daremos alguns exemplos concludentes.

O pai de uma negra, que eu conheço, foi um dia queixar-se ao senhor do engenho, onde ambos eram escravos, de que um Africano lhe tinha enfeitado a filha, dando qualquer coisa a comer em um torrão de açúcar. A mulher andava doente, estava anarchoica, com enorme ascite, que, — me garantiram ainda recentemente negros que

foram testemunhas do caso —, enchia e varava com o fluxo e o refluxo da maré. O proprietário mandou chamar o feitiçeiro e ameaçou-o de severo castigo; negou elle, porém, a autoria do facto, compromettendo-se, todavia, a pôr a mulher boa. E pouco tempo depois, estava ella completamente restabelecida. Este successo devia ter feito crescer ainda mais o prestigio do feitiçeiro de que ainda hoje, morto como elle já é, falam todos com respeito. O proprietario do engenho a quem servi, confirmou o caso, attribuindo a molestia a um envenenamento pelo salimão, bichlorureto de mercurio. Esta explicação é, porém, inaceitavel, e acredito antes na existencia de uma nephrite aguda passagiera, pois as molestias renaes são frequentes na localidade.

No engenho de um amigo vivia ultimamente uma negra, moça ainda, amasiada com um negro considerado homem sério. A filha de uma mãe do terreiro fez-se, porém, amante d'elle e no fim de alguns mezes conseguiu induzi-lo a casar com ella. A amante abandonada, receiosa de alguma offensa por parte da rival preferida, retirou-se para um engenho vizinho, onde foi viver com um outro individuo. Na nova residencia, foi, porém, acommettida de uma febre grave, que o medico assistente capitulou de typho-malaria, e succumbiu. O amante veio então queixar-se ao proprietario do engenho onde reside o casal, do que a filha da mãe do terreiro tinha enfeitado a sua victima, como em tempo havia promettido. Como prova material da sua allegação, trazia um pente que a criminosa havia enfeitado e collocado na porta da casa onde residia a fallecida, e acrescentava que na intenção de ser nocivo à victima, tambem tinham collocado um feitiço numa enruzilhada proxima. Conheço a accusada que, além de filha de uma mãe do terreiro ou feitiçeira, é por sua vez filha de santo; goza em geral de mau nome, já depois de casada abandonou o marido, esteve nesta cidade donde voltou agora para o lar conjugal. Era capaz de fazer a ameaça, e a pressão desta ameaça sobre a doente devia ter coaccorrido poderosamente para a terminação fatal da molestia.

Um negro que examinei ha alguns annos e em quem encontrei uma grave lesão cartilacea, já em periodo asystolico, falleceu como era natural, pouco tempo depois do exame medico. Mas os outros negros do engenho em que residia o doente ostentaram que a morte tinha sido devida a feitiço preparado pelo

africano Pacifico. E, como já andassem provenientes com este pai de terreiro que vivia a enfeiticar-lhes as roças fazendo abortar ou minguar as colheitas, reuniram-se certo dia, foram esperal-o á estrada e deram-lhe tanta pancada que o deixaram por morto. Presos, estavam elles tão convencidos que para se justificarem bastava provar ser Pacifico realmente feitiçeiro, que falam consistir toda a sua justificação em apresentar ás autoridades as caveiras de hodes, cabellos e unhas humanas, buzios da Costa, pedras de rio, quartinhas, etc., encontradas por elles no Pyi da sua victima.

Durante a molestia de prezadissimo amigo meu, que falleceu de uma gangrena diabetica, uma mulher negra que era amiga da familia fez serias e insistentes propostas para que fosse ouvida sobre o caso uma mãe de terreiro, do Retiro, tida por muito afamada. Tal era a convicção da mulher que aquillo era coisa feita, ou feitiço, que não a demoviam nem a recusa formal e a incredulidade da familia, nem a assistencia e o juizo dos numerosos medicos que viam o doente.

Por expressa indicação do medico, uma familia tomou para ama de leite de uma criancinha gravemente doente a uma rapariga, negra, moça e vigorosa que havia sido recommendada como de leite muito bom e abundante. Succede, porém, que na primeira noite a mudança de leite fez aggravar o estado da doentinha. A rapariga, muito emotiva, recebe forte impressão, e no dia seguinte a secreção lactea estava completamente suspensa. Redobra a emoção da rapariga que passa a noite inteira a chorar. Debalde fez-se tudo para tranquillizal-a, garantindo-lhe que o leite voltaria, desde que estivesse mais calma e confiante. No outro dia vai até a sua casa e de lá, a instigação dos seus, vai consultar uma mãe de terreiro da Calçada do Bonfim. Esta descobre que a rapariga tinha sido enfeitada, que o seu leite seria fatal a criança que o tomasse antes della ter sido curada de feitiço. Garante-lhe completo restabelecimento no fim de oito dias passados em sua casa della feitiçeira, mediante o pagamento adiantado de 50\$. A ama de leite vem consultar á familia que se nega a pactuar com esta transacção e garante-lhe o tratamento pelo medico da casa. Mas a ama declarou que preferia retirar-se a fazer mal a uma criancinha innocente, porque estava convencida de

que a prophécia da mãe de terreiro se havia de realizar. E despediu-se.

Estes exemplos são suficientes. Mas não se creia que só negros e ignorantes frequentem os terreiros e *condomblés* em busca de tratamento nos seus males. Todos nós médicos sabemos a frequência com que os doentes, a revelta do assistente, ou despedindo-o sob o pretexto mais fútil, vão se entregar aos cuidados dos feiticeiros, vão se tratar com folhas do mato, no euphemismo da frase consagrada.

DR. NIRA RODRIGUES

(Continua)

## O ANIMISMO FETICHISTA<sup>1</sup>

DOS NEGROS BAHIANOS

### CAPÍTULO III

FETIÇO, VATICÍNO; ESTADO DE POSSESSÃO, ORÁCULOS FETICHISTAS

O feitiço symbolico, expresso sob a forma de oráculos, constitui um capítulo de alta curiosidade psychologica. Como na possessão demoniaca, como na manifestação spirita, o santo fetichista póde apoderar-se, sob invocação especial, do pai de terreiro, ou ainda de qualquer filho de santo, e por intermedio delles falar e predir. A pessoa em quem o santo se manifesta, que está ou *cai de santo* na gíria de *condomblé*, não tem mais consciencia dos seus actos, não sabe o que diz, nem o que faz, porque quem fala e obra é o santo que delle se apoderou. Por esse motivo, desde que o santo se manifesta, o individuo, que é delle portador, perde a sua personalidade terreste e humana para adquirir, com todas as honras a que tem direito, a do deus que nelle se revela. É conduzido ao santuario em *Péji* onde o revestem dos paramentos e ornatos que o ritual attribue ao santo manifestado. Si, continguendo a dansar, dirige-se a algum dos presentes, este responde-lhe de joelho com o mais humilde e respeitoso acatamento.

É neste estado particular que se fazem as predições. O pontífice ou pai de terreiro que dirige as cerimoniaes é quem se comunica

<sup>1</sup> Vide a *Revista* de 15 de abril, 1 de maio, 15 de junho, e 1 de julho.

com o santo e interpreta os seus desejos e ordens. As vezes esta scena é publica, e é dançando que o santo manifesta a sua vontade, mas de ordinario o pai do terreiro conversa com o santo em particular no santuario, e do lá tira as predições que devem ser transmitidas aos crentes.

Ha neste ponto, larga porta para todos os abusos. Por uma conveniencia pecuniaria qualquer, em proveito proprio ou de terceiros que as paguem, muitos pais do terreiro sabem dar ás revelações uma interpretação conveniente e adequada aos seus interesses. Daquelle sentença não ha que recorrer ou appellar, porque, para os crentes seria incorrer em grave peccado, capaz de attrair sobre o delinquente grandes desgraças, effeitos e consequências calamitosas; para um espirito mais recalcitrante e afilado, qualquer reclamação importaria em confessar que estava fingido, ou não era verdadeiro o estado de santo, pois que, quando o santo abandona o medio, este não deve conservar a menor lembrança do que se passou.

Parece que na Africa esta qualidade de entrar em estado de santo é uma prerrogativa dos feiticieiros, ou pelo menos, de um pequeno numero de privilegiados. Aqui, na Bahia, porém, não é assim. Quasi todos os filhos e filhas de santo são susceptiveis de uma manifestação desta natureza, e só como excepção o facto não se dá. Tenho ouvido Africanos duvidarem desses estados de santo tão facéis e frequentes e attribui-los á farça e fingimento dos pais do terreiro creoulos, porque affirmam todas que, quando se manifesta um santo preparado com todas as regras e preceitos africanos, a alienação mental e as desordens motoras são violentissimas, e não têm os caracteres dos ligeiros desmaios das manifestações da maior parte dos santos preparados pelos creoulos.

No entanto, eu creio que a differença tem antes uma explicação natural, que exclui toda idéa de farça ou fingimento. Na Africa são muito mais amplos os poderes dos feiticieiros; na fiscalização severa que exercem, não toleram que as prerogativas do sacerdote estejam assim ao alcance de qualquer. Por conseguinte, os individuos, que aqui se dizem de santo, lá não se animariam a attribuir os accidentes ligeiros que experimentam a manifestações divinas. Depois, e principalmente, a superexcitação nervosa extrema em que collocam as iniciações ou processos de iniciação e invocação, — processos muito mais severos e complexos na Africa do que os que se empregam

entre nós nos casos communs, — explica sufficientemente a intensidade maior a que attingem lá as manifestações de santo. E poderosamente vem corroborar esta interpretação a natureza destes phenomenos estranhos, que ora estudamos.

Não haveria nada de mais falso que attribui-los, como se faz geralmente, á simulação ou á farça. A iniciação de Olympia mostrou-nos a possibilidade de não se manifestar o santo apesar de todas as preparadas e invocações dos feiticieiros. E este facto dá ao mesmo tempo não só a medida da sinceridade e boa fé de Olympia, como a prova mais cabal de que a iniciação não consiste na aprendizagem de meios de simulação, concertada entre o pai do terreiro e o iniciado. Nada seria mais facil do que Olympia simular ali uma perturbação qualquer, da ordem dos phenomenos de santo muito seus conhecidos, para que fossem immediatamente tidos como verdadeiros. Conheci uma rapariga já fallecida que tinha o maior sentimento de nunca ter conseguido a manifestação do seu santo, preparado no terreiro de Gantais. Gastou avultada quantia, submetten-se a todas as prescripções, e no entanto o santo nunca lhe subiu á cabeça.

Ha sem duvida muito fingimento e simulação por parte de alguns individuos. Os proprios pais do terreiro confessam o facto, declarando todavia que elles têm meios seguros de distinguir os verdadeiros dos falsos estados de santo. A simulação pôde ter mesmo por protogonista o proprio pai do terreiro, quando se lhe impõe a obtenção deste ou daquelle resultado anticipado e maduramente premeditado ou conhecido. De uma vez, vi Livaldina simular claramente um estado de santo para reprehender uma sua iniciada e para resolver negocios particulares seus. Naquelle occasião, era plena a certeza que eu tinha, de que ella não se achava em estado de possessão.

Estes factos, todavia, em nada prejudicam ou contradizem a existencia de uma convicção profundo e da fé sincera, que em geral anima aos negros fetichistas nas suas crenças religiosas. Muitas vezes os feiticieiros são compellidos a simular, por circumstancias especiaes que não havia entrado em seus planos. Girard de Rialle tinha razão em affirmar « que as exigencias da multidão fanatica têm forçado os feiticieiros, impotentes para vencer a natureza, a enganar os sectarios dos seus fetiches com algumas farças, em jogo como se achava no insuccesso a vida do feiticieiro. » Podia mesmo

ter acrescentado á vida, o prestigio ou a reputação. A iniciação de Olympia deu ainda uma prova desta asserção.

Quando já pela madrugada, vendo que o santo de Olympia não se resolvia a apparecer, tiveram de retira-la da sala, o pai do terreiro que danava com ella, de repente deu signal de se achar possuido de *Saço*, e principiou a manifestar com grande violencia todos os signaes do estado de santo. Este facto serviu para desviar a attenção da assembléa, e illudir a espectativa mallograda em que se achavam todas da manifestação do santo preparado. A fórma porquê terminou o estado do santo deixou-me convencido de que houve simulação para disfarçar o insuccesso que naquelle caso particular importava a annullação do prestigio da mãe de terreiro que estava dirigindo a iniciação.

O principal garante da sinceridade e convicção dos negros fetichistas, — simples crentes, sacerdotes ou pontífices, — é precisamente essa manifestação de phenomenos estranhos e anormaes, essa alienação passageira mas incontestavel, que, na ignorancia das suas causas, elles attribuem á intervenção extranatural do fetiche.

As circumstancias variadissimas em que esses factos têm sido observados, a multiplicidade de individuos completamente estranhos uns aos outros, em que a possessão se tem manifestado, o testemunho accordo de pessoas respeitaveis, já por si tornavam inadmissivel a hypothese de fingimento ou simulação. E a natureza e fórma das manifestações são por demais estranhas e anormaes para não impressionarem profundamente espiritos simples, incautos e supersticiosos como os dos negros.

Respeitavel senhora referiu-me que, em seu engenho, o santo de uma rapariga manifestou-se em certa occasião, com tal violencia que um venerando sacerdote catholico, dos mais respeitadas do nosso clero, nelle alta dignidade e hoje residente em Pernambuco, declarou que aquillo era sem duvida artos do demonio, por tal modo em sua presença saltava e desatinava a rapariga. Amigos meus confirmam que o santo de Placido, negro forte e robusto, que eu conheço, se manifesta por modo que elle se torna de todo furioso, corre pelos campos áfóra, sem consciencia do que faz, sendo necessario grande numero de pessoas para contel-o. No terreiro onde Placido tem santo, estas qualidades são invocadas como provas de grande valor do seu patrono, pois tanto prestigio tem naquello meio inculto

a força physica que é ella ainda o estalão porque se afforem até as qualidades dos deuses.

No terreno de Gautais, um dos *Ogus*, homem convencido e serio, de quem não tenho o direito de duvidar, confirmou-me em confiança os seguintes factos que ali são bem conhecidos e de alguns dos quaes foi elle testemunha ocular. Todas as vezes que uma das iniciadas daquelle terreiro cai em estado de santo, fica de tal fórma alienada que foge e erra pelos matos durante dia e noite a volta sempre trazendo a fronte engrinalhada e o corpo coberto de folhas de urtiga. Pois bem, quando desperta, nem só não se recorda do que fez, como não conserva vestigios da violenta urticção que aos produzir a planta. De outro referiu-me, que come braxas e méchas acoasas de algodão embebido em cles. De uma terceira, conteu-me o *Ogus* que, admoestada um dia pela mãe de terreiro pela má conducta que ia levando, caiu de repente em estado de santo, saiu a correr pela porta á fóra, subiu com agilidade extrema em uma arvore proxima que me foi mostrada, e lá de cima, trançadas as pernas em torno do forte galho, começou de balançar-se como si fosse um sino. O *Ogus* áquelle espectaculo, convencido de que a mulher ia precipitar-se, d'alli, ocasionando um desastre que lhe traria complicações com a policia, tremia pela responsabilidade que no facto como *Ogus* lhe havia de caber. Mas a mãe de terreiro aproximou-se imperturbavel e de debaixo da arvore dirigio-se em lingua africana á rapariga, que de subito atirou-se da arvore abaixo. Com passo geral, caiu sem e salva, dirigindo-se acto continuo para o *batucagé* onde entregou-se a desenfreada dança.

A manifestação da possessão do santo varia muito de grau, ou de intensidade. Desde o delirio maníaco furioso e prolongado, desde perturbações delirantes de fórma de possessão mais ou menos incoherente, mais ou menos systematizada, desde o verdadeiro estado de santo sob a fórma classica de oráculos, essas manifestações podem ir até ligeiros accidentes de ataques hystericos bruscos, ou mesmo a simples excitação ou atordoamento passageiro provocado pela fadiga e em particular pela dança.

Tenho informação de que o delirio furioso e duradouro pôde ser uma das consequencias da possessão, mas nunca tive occasião de observar casos desta especie. Os casos de possessão prolongada, de que tanto se arreceiam os negros fetichistas, são relativamente

frequentes e em lugar oportuno serão examinados. No entanto, estes accidentes são antes complicações, que naturalmente também têm a sua explicação religiosa ou animista, mas que em todo o caso constituem desvios, aberrações do verdadeiro estado de santo de que ora nos vamos occupar especialmente.

Do que tenho ouvido, dos casos que tenho observado, dos exames que tenho feito, sou levado a acreditar que os oráculos feticheiros, ou possessão de santo, não são mais do que estados de somnambulismo provocado, com desdobramentos e substituição de personalidade.

O modo porque esses estados são provocados, as suas características psicologicas, o processo educativo porque se constitui o tipo encurado no estado segundo, tudo concorre para provar ou corroborar esta asserção.

Eu não preciso recordar que os oráculos negros são provocados na Africa por meio de processos em tudo identicos aquelles de que correntemente se servem hoje os modernos hypnotizadores. Mas importa muito saber que os processos de que se servem para obter ou desenvolver a faculdade medianica são as incensas aqui e lá. Banhos, fumigações, ingestão de substancias dotadas de virtudes especiaes, jejuns prolongados, abstinencias sexuaes, mortificações diversas, etc., são meios de que se soccorrem e de que se soccorreram sempre os feticheiros de todos os tempos. Mas mais poderoso se pôde considerar neste particular a influencia da dança. É preciso ter sido testemunha dos trejeitos, das contorsões, dos movimentos desordenados e violentos a que os negros se entregam nas suas danças sagradas, por horas e horas seguidas, por dias e noites inteiras: é preciso tê-las visto cobertas de suor copiosissimo que as companheiras ou prepostas especiaes enxugam de tempos a tempos em grandes toalhas ou pannos; é preciso tê-las visto assim com as vestes literalmente encharcadas de suor e a dançar sempre: para se poder fazer uma idéa do que é e do que pôde aquelle exercicio extenuante, mas que em vez de abatê-las cõa vez os exalta e excita mais. É com uma especie de fúria crescente, de raiva, de desespero que elles acompanham em contorsões as variações endocinadas, porém nua e mais acceleradas do *batucopé*, até á manifestação final do santo.

Mas, si a dança tem assim uma influencia poderosa na predisposição para os phenomenos de possessão de santo, outras

causas, como agentes provocadores immediatos, são muito mais efficazes.

Por via de regra é a musica que provoca o estado de santo. Assim, quando o individuo que não estava dançando, nem vinha disposto a dançar, ao ouvir o *batucopé* em um possessão, não se pôde attribuir uma influencia qualquer, minima mesmo, aos processos adjuvantes da invocação. Todos os negros que tenho visto cair de santo nestas condições e a quem tenho podido consultar são unanimes em declarar que é a musica que os impelle para a dança e d'ahi para o santo. Iniciados ha que não podem ouvir a musica ou o cantico com que coincidiu o seu primeiro estado de santo, ou que na opinião delles invocou ou chamou o seu santo, sem que este para logo se manifeste. O tam-tam da Salpêtrière não teria maior efficacia para os hystericos de Charcot. O batucopé de uma monotonia insolita, capaz de rivalizar com todos os processos de provocar a hypnose pela fadiga da attenção, casa-se tão bem com os sentimentos musicaes do negro que mal o ouvem difficilmente podem sopitar trejeitos e contorsões de dança. Declarou-me um negro que eu não poderia fazer uma idéa do effeito excitante e provocador de certos instrumentos musicaes dos Africanos. Não ha clarim mais capaz de provocar a excitação guerreira nos campos de batalha, me dizia elle, do que um pequeno batucopé africano que, no seu dizer, desempenhou papel tão saliente nas sedições dos escravos deste estado, que acabaram por prohibir a sua importação da Africa.

Mas a suggestão oral não desempenha um papel menos importante. A attenção espectante em que se acha sobretudo o iniciando, a confiança inteira e illimitada que depositam nas palavras magicas e nas orações dos feticheiros, associam-se fortemente com as impressões da musica, do cantico, do meio enfim para constituir uma serie ou um systema de impressão facilmente evocado pela presença de um só dos seus elementos componentes. Um rapaz a quem me tenho referido por diversas vezes e que teve o seu santo feito quando ainda era pequeno, contou-me que um dia encontrou-se em um *rodovél*, na rua do Taboão, com o pai de terreiro que, a pedido de seu pai, tinha dirigido a sua iniciação. Começou a notar que o pai de terreiro de vez em quando olhava para elle e pronunciava em voz baixa palavras e orações de que se tinha servido por occasião de fazer-lhe o santo. O rapaz começou logo a sentir-se mal, a cabeça

atordoadas, um desejo invencível de fazer movimentos, de agitar-se ou de dançar. Assim que o outro o viu naquello estado, entou o cantico de *Oso-osi* e fez-se acompanhar pela musica. Foi tal o alalo que o rapaz sentiu, ao ouvir a musica de seu santo, que atirou com as pessoas vizinhas para os lados e fugiu precipitadamente.

Mas, qualquer que seja o processo, uma vez provocado o estado somnambulico, a systematização do typo que deve revestir o somnambulico é obra da iniciação e do exemplo ambiente.

« E' bem claro, escreve Pierre Janet, <sup>1</sup> que nestes casos (typos somnambulicos diversos, medico, dama religiosa, etc.) e em muitos outros, as circumstancias ambientes, as palavras das pessoas presentes, mais sem duvida que as suggestões propriamente ditas têm formado pouco a pouco uma verdadeira educação do somnambulico. A suggestão não crea o somnambulismo como não crea a anesthesia, mas pôde transformal-o e modificar o seu aspecto exterior. A preparação moral é tudo em taes casos, já dizia Briquet: « si são preparados para as ~~consultas~~, os somnambulicos têm convulsões; si para o extase, em extases; e agora que é moda produzir o somnambulismo, os magnetizados, convenientemente dispostos, só têm o somnambulismo. »

E mais adiante, acrescenta Janet: « o somnambulismo é antes de tudo um estado anormal, durante o qual se desenvolve uma nova forma de existencia psychologica com sensações, imagens, lembranças que lhe são proprias... O desdobraimento da personalidade, tão manifesto em certas grandes observações de dupla existencia, existe na realidade no mais simples somnambulismo. »

Nada mais facil de comprehender, pois, como as coisas se passam no estado de santo. Cada santo fetichista tem os seus distinctivos proprios; desta é uma cinta especial toda bordada de buxios; daquella, é um saio branco ou vermelho, com uma espada, uma ventarola ou um enfeite qualquer; deste outro, são voltas de contas de varias cores, e assim por diante. Deede que o santo se manifesta num membro do collegio ou confraria, este é conduzido ao *Pojé*, e ali revestido das vestes e paramentos pertencentes ao santo que nelle se acha. Assim vestido, volta elle a brincar e dançar

<sup>1</sup> Pierre Janet: *Étude mental des hystériques. Les accidents menians*. Paris, 1894., pag. 222.

até cair em lethargia ou voltar a si. Outros assim revestidos são interrogados ou consultados e pronunciam oráculos.

Ora, o iniciado conhece á fundo a historia do seu santo, dos milagres, dos feitos porque se celebrou: tem visto muitas vezes os companheiros cairem de santo; sabe como se comportam e como são tratados. Caído em estado somnambulico, as vestes, os ornatos com que o preparam suggerem-lhe, impõem-lhe a personalidade do seu deus ou santo, com a mesma facilidade com que nas suggestões gernas se transforma o hypnotizado em um sacerdote, em um rei, em um general, etc.

Psychologicamente o que caracteriza estes estados é a amnesia completa ao despertar. E' por este signal que os pais de terreiros sabem si o possuido estava ou não fingido. A rapariga já citada em quem os processos de iniciação não conseguiram provocar o estado de santo, explicava com muita expressão que ella tinha visto e ouvido tudo, sem ter perdido o conhecimento um só instante. Ha nos *casos* *casimblés* o maior cuidado em não dizer-se a um individuo que caiu de santo que elle esteve nesse estado. As explicações que me deram desta precaução foram differentes. Para uns, é porque essa declaração pôde provocar-lhe de novo a possessão. Para outros, porque सहोदeros de que estiveram fóra de si e praticaram actos de que não têm a menor consciencia, as possuidas impressionam-se tanto que acabam por ficar alienadas. Para outras finalmente, é esse cuidado simplesmente a expressão de uma delicadeza para com o possuido que se envergonharia de saber que esteve a dar-se ao espectáculo de dançar, palar, etc. Acho esta ultima explicação de uma urbanidade excessiva para *casimblés*. Mas todas ellas revelam sempre a mesma convicção de que o possuido não conserva a menor lembrança de que se passa durante o estado de santo. E todavia este estado pôde ser de uma longa duração. Conheço diversos casos de fugas, de longas viagens em estado de santo com os caracteres do automatismo ambulatorio ou viagens de hystericos em estado seguido.

A observação que se segue, curiosa e conclusiva, constitue, me parece, uma demonstração experimental de que, como vou sustentando, o estado de santo não é mais do que um simples estado somnambulico provocado.

Um dia não ha muitos mezes, assistia em a um *casimblé*, proximo da porta que dava para sala onde dançava uma rapariga em

estado de santo. Notei que uma mulher negra, moça ainda, que se achava ao meu lado seguia a dança com a maior atenção. Perguntei-lhe si também tinha santo e qual elle era. Respondeu-me que tinha santo, mas ainda não o tinha podido fazer por falta de recursos para a festa da iniciação, que ella estava, porém, se preparando, e me podia que a auxiliasse com uma esmola. Momentos depois, de subito lançou-se ella na sala e pôe-se a dançar com uma expressão tal que não tive a minima duvida de que não se achava em estado normal. Interpelli á respeito a mãe de terreiro. E esta me explicou que não são raras as casos, como o daquella rapariga, em que mesmo antes da iniciação o santo já se revela. E' o que se chama um santo *bruto*, ainda não feito. Nestes casos tom-se as manifestações como um castigo, uma perseguição do santo para que a pessoa o mande logo fazer.

Após uma dança extremamente longa e fatigante cala a rapariga em lethargia e, conduzida pelas companheiras, foi deitada numa esteira no santuario, onde eu então me achava com a mãe de terreiro. Perguntei a esta que tempo a rapariga dormiria naquella estado, respondeu-me que poderia dormir muitas horas ou logo ser despertada, o que ella não fazia para que eu assistisse. Para isso encheu a bocca de agua de santo, tomada a um pote que se achava junto ao altar e lançou-a sobre a face da rapariga que dormia coberta de suor copiosissimo. A rapariga despertou em sobresalto e levantou-se atordoadá, muito surprehendida de estar encapada por aquella forma. Deixei-a afastar-se da mãe de terreiro e das outras companheiras, e quiz nesse dia quando fui tor com ella, que por diversas vezes nas subseqüentes, sempre que a interroguei com o maior cuidado, encontrei uma lacuna na sua memoria que ia quasi do momento em que se lançou na dança até aquillo em que despertou molhada. Quando eu lhe dizia que havia sido testemunha de tudo, que tinha visto a mãe de terreiro despertar-a com a projecção da agua no rosto, ella me declarava sempre, no tom da mais viva sinceridade, que absolutamente não se lembrava de nada. E, prosa como a tinha pela promessa de auxiliá-la a fazer o seu santo, teria obtido a confissão da verdade, como obtive della outros esclarecimentos importantes que me tiraram toda a duvida sobre a sua boa fé. Via-a, depois, cair em estado de santo por mais de uma vez, e com demonstrações indiscutíveis de completa transformação.

Tempos depois encontrei-a um dia nesta cidade. E, apesar da relutancia que sempre tinha manifestado, consegui induzi-la a se deixar hypnotizar. Tendo comparecido ao consultorio, mostrou-se de extrema sensibilidade ao primeiro ensaio de hypnotização empregado. O estado somnambulico completo era facilmente provocado pelas injunções suggestivas. Estando só no consultorio, receei tentar nesse dia qualquer experiencia sobre o estado de possessão de santo. Ordenei-lhe que comparecesse no dia seguinte em que contava com a presença e o auxilio de outros collegas. O meu distincto collega e amigo Sr. Dr. Affonso Brito, professor da Faculdade, fez-me a fineza de se prestar a ver a mulher. E em sua presença, tendo-a previamente hypnotizada, suggeri-lhe que ella se achava no terreiro onde eu a tinha visto de santo. Começou logo a ver a casa, os objectos e as pessoas que lá se achavam naquella occasião. Conhecendo, como eu conhecia, a ordem em que naquella *caudombé* se succediam as musicas e os canticos sagrados, e sabendo que a do seu santo *Oubatalá* vinha em quarto lugar, suggeri-lhe então a allucinação dessas musicas a começar da de *Esa*. Ella me ia advertindo da successão dos diversos canticos e quando devia seguir-se o de *Oubatalá* affirmei-lhe com energia que ella ia cair de santo. De repente poz-se a fazer oscillar lentamente o tronco e a emitir um prolongado pschío... Chamei-a pelo nome, Fausta, e perguntei-lhe o que tinha. Respondeu-me que não era Fausta e sim *Oubatalá*, que Fausta era apenas o cavallo de *Oubatalá*. O estado em que se achava, o modo de falar eram tudo a cópia fiel do estado de santo da mãe de terreiro onde eu a tinha conhecido. Quiz, porém, obrigá-la a dançar, ao que ella se oppoz, ora allegando que não estava com as vestimentas proprias, ora que a musica de *Oubatalá* já tinha cessado e a ella se tinha seguido a de outro santo, ora finalmente que estavamos em tempo de quaresma e nesse tempo não pôde mais haver dansa de santo. Insisti, procurando suggeri-lhe que se achava com as vestes de *Oubatalá*, tentei provocar-lhe de novo a allucinação da musica desse santo, mas ella que até então se tinha mostrado passivamente obediente ás minhas suggestões, recusou-se a acceital-as. Sempre a insistir para que deixasse ir embora, *Oubatalá* deu-me ainda explicações sobre a mythologia de *Jorubá*, as suas relações com o culto catholico, de accordo com as idéas aranhadas de Fausta, que eu já conhecia bem. Por fim perguntei-lhe o que

era preciso fazer para que elle se pudesse ir embora, respondeu-me que dar um pouco d'agua ao seu cavallo. Deante que bebeu um copo com agua, Fausta despertou no estado de atordoamento e confusão em que eu a tinha visto já por muitas vezes ao sair do estado de santo. Este estado de atordoamento é mais ou menos duradouro. Muitas horas depois, Fausta estava ainda tão atordada que perdeu o dinheiro que eu lhe havia dado para a sua festa de iniciação.

Convém salientar nesta observação o contraste entre a passividade na aceitação das suggestões na primeira phase do somnambulismo e a resistencia formal opposta na segunda.

Era assim evidente que ao somnambulismo provocado pelas minhas suggestões verbaes no estado do hypnose se havia substituido o somnambulismo provocado pela allucinação da musica sacra, isto é, o estado de santo ou de possessão. Assim, pois, Pitres<sup>1</sup> tem razão de considerar o estado de possessão demoniaca como uma especie de delirio hysterico-hypnotico, delirio monoideico, que seria um estado somnambulo especial desenvolvido no que elle chamou estado *parapsorosis*, e se distinguiria do somnambulismo suggestivo ordinario pela resistencia ou opposição ás suggestões verbaes. A contestação offerecida por Pierre Janet á tentativa daquelles que, como George Guinon,<sup>2</sup> procuram distinguir o somnambulismo hysterico do somnambulismo suggestivo ordinario, firmando-se tambem nesta facilidade maior ou menor de serem os somnambulos dirigidos pela suggestão, em rigor não prejudica a applicação de Pitres, pois Janet reconhece em todo o caso a existencia de formas diversas de somnambulismo entre as quaes a do somnambulismo *monoideico*.

A seguinte observação de possessão demoniaca provocada pelas suggestões de um feiticeiro evidencia bem o contraste dos dois casos.

Uma moça branca, grande hysterica, com manifestações desde a infancia, extremamente hypnotizavel e suggestionavel, submettida já de muitos annos á hypnotherapia, casara-se com um moço, que tinha sido como amante até aos tempos de noivado uma negra que a senhora conhecia. Quinze dias depois de casada, a senhora

<sup>1</sup> Pitres. *Leçons cliniques sur l'hystérie et l'hypnotisme*, Paris, 1891, v. II, pag. 295.

<sup>2</sup> George Guinon. *Progrès Médical*, 1891.

encontra-se com ella em um arrabalde e este facto produz-lhe grande contrariedade. D'ahi só teve tempo de chegar á casa, acendendo forte dor em um pé, e sobrevindo-lhe quasi em seguida um grande ataque hysterico. A mãe da moça, que é hysterica e degenerada e vive cercada de negras influentes em *cabalésidas*, viu logo em tudo aquillo o resultado de feitiços mandados fazer pela ex-amante do genro. Foi chamado um *tie africano* que confirmou as suspeitas, declarando que a moça tinha pisado no feitiço e pelo pé doente entrara-lhe o demônio no corpo. O Africano, feiticeiro o *malé*, propoz-se a exorcismar a moça afim de afastar o demônio. Durante longos oito dias, a pobre senhora, sob a influencia das praticas exorcistas do feiticeiro, passou em verdadeiro estado de mal hysterico. Foi então que um cunhado, revoltado com o procedimento da familia, veio ter commigo para que intervisse a tempo de salvar a moça. Cheguei a casa da doente ao anoitecer quando lá devia estar o feiticeiro, e consegui que me deixassem vel-o em acção. O effeito da voz do feiticeiro foi evidente. Mal a senhora, que se achava mais calma, ouviu-a, de um salto por-se de pé, em defensiva, e segura pelo marido, de balde procurava em torno de si com que pudesse aggreir o feiticeiro.

A leitura estropiada das orações exorcistas produzia, a cada demônio que elle citava e conjurava a deixar a sua victima, um effeito notavel. A pobre hysterica mudava de gesto e de tom de voz para responder-lhe. Assim, nomeou o feiticeiro diversos demônios que se succederam uns aos outros na possessão, afinal declarou que no dia seguinte proseguiria. Fiz então ver a familia e em particular ao marido quanto era deprimente aquella scena e que somma de responsabilidades assumia elle.

A's primeiras injunções suggestivas que fiz para mostrar que aquillo era apenas a hysteria, a senhora ainda se debatia nas contorções de ataque, acalmou-se como por encanto. Dormiu um pouco, despertando depois calma e tranquilla, apenas extremamente fatigada. Com mais algumas sessões hypnoticas, desapareceram os ataques, e até hoje, mais de dois annos depois dessa grande crise-passa relativamente bem, está forte e ultimamente teve uma filha, sem mais accidentes.

Assim, ao passo que aqui a simples suggestão verbal foi sufficiente para dar cabo immediato de um estado de possessão, em Fausta na segunda phase do somnambulismo as minhas suggestões

nada conseguiram, sendo necessario recorrer a um acto particular a ingestão d'agua — para terminal-o, como tinha sido necessario um acto especial para provocal-o — a allucinação da musica sacra.

Por enquanto não me tem sido permitido levar mais longe os meus estudos. A propria Fausta não voltou ainda a esta cidade como se tinha comprometido, para completar o seu exame sob o ponto de vista dos estigmas hystericos. Tenho procurado submeter a uma experiencia analoga outros iniciados, mas em geral recusam-se formalmente a qualquer tentativa de exame em materia de possessão, ou de estado de santo. Assim, ignoro de todo si essas manifestações reduzem-se ao que tenho observado, ou si ao contrario existem ainda nelleas phenomenos mais complexos da natureza do fakirismo indiano, ou de certos phenomenos espiritas, de maior relevancia, que aliás nunca tive occasião de observar. Até hoje o que pude ver é o que vai exposto fielmente.

DR. NINA RODRIGUES

(Continúa)



*Cofre de Yemanjá  
(de costas e fechado)*

# O ANIMISMO FETICHISTA<sup>1</sup>

## DOS NEGROS BAHIANOS

### CAPITULO III

FETIÇO, VATICÍNIO; ESTADO DE POSSESSÃO, ORÁCULOS FETICHISTAS

(Continuação)

A determinação da natureza dos phenomenos observados é, no entanto, uma questão que não importa mais ao estudo do sentimento religioso do negro do que ás conveniências practicas da apreciação medico-legal do estado mental da raça negra.

Aceito o principio estabelecido por Janet<sup>2</sup> de que « esta divisão da personalidade que se manifesta no somnambulico e no médium é precisamente o que nós chamamos hysteria porque ella se encontra em todos os phenomenos que se consideram como hystericos », a questão estava por sua natureza resolvida. E a demonstração que acabo de dar da identidade entre o estado somnambulico provocado e o de possessão do santo importaria o reconhecimento implicito da natureza hystérica dessas manifestações. Mas, contestada como tem sido a existencia da hysteria na raça negra, esta conclusão deveria ser pelo menos duvidosa. E a necessidade de demonstrar a sem razão dos que negam essa existencia, os obriga a examinar o assumpto mais de perto.

<sup>1</sup> Veja a *Revista* de 15 de abril, 1 de maio, 15 de junho, 1 e 15 de julho.

<sup>2</sup> *Loc. cit.*, pag. 209.

### O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS 167

Quando, sob a informação pouco autorizada de Gaffard, que aliás apenas se havia demorado oito meses no Zambese, o Dr. Regis<sup>3</sup> affirmava que « a hysteria sobretudo parece não existir no Zambese, ou pelo menos não se encontram traços apparentes nas mulheres, o que não deveria surpreender por ser esta nevrose um producto cultivado pela «civilização», elle não sappunha por certo que esses possuidos, que descreve, « verdadeiros alienados do fórmas mysticas, chamados *malucos* (elle escreve *malucos*) palavra portuguezza que significa louco », eram nada mais nada menos do que um producto dessa nevrose de possessão cujas relações com o somnambulismo provocado acabámos de mostrar longamente. Casos, sinão identicos pelo menos semelhantes, tambem existem entre nós, e, na nota do Dr. Regis sobre elles tanto a opinião dos naturaes, como o modo de tratamento que lhes destinam, indica a sua procedencia dos estados de possessão cuja explicação pela intervenção da hysteria é hoje quasi geralmente admitida.

A opinião de Hammond, que nega a existencia da hysteria nas negras dos Estados Unidos, foi contestada pelo Dr. Philipp S. Ray<sup>4</sup> que demonstrou com factos a existencia da nevrose. Mas o debate estendeu-se directamente aos negros brasileiros.

Gillos de La Tourette<sup>5</sup> procurando demonstrar a existencia da hysteria na raça negra, accorre-se no seu tratado da hysteria, em particular, de uma communicação de Rebourgeon que residia por muito tempo na Amazonia. Affirma Rebourgeon não ser rara a hysteria nas raças negras, pois encontrou no Brazil, nos descendentes dos escravos, desde o ataque vulgar até a grande hysteria, mas na sua opinião a nevrose é mais frequente nos mestiços. Saiu a contestar-o, porém, o Sr. Dr. Lacerda<sup>6</sup> e declarando que residia por alguns annos no interior do Brazil em lugar onde as negras são numerosas e elle poude estudar esta questão, affirma que: « mas grado o

<sup>3</sup> Regis, *Un suit sur la superstition et sur la folie chez les nègres du Zambese*, L'Encephale, 1862, pag. 76.

<sup>4</sup> Philipp S. Ray, *L'hystérie chez le nègre*, L'Encephale, 1868, pag. 504.

<sup>5</sup> Gillos de La Tourette, *Traité clinique et therapeutique de l'hystérie*, Paris, 1861, IV, pag. 122.

<sup>6</sup> Dr. J. B. de Lacerda, *La folie dans la race nègre*, *Revista Médico-chirurgicale du Brésil*, Rio de Janeiro 1874, N. 3, pag. 103. Resumo da communicação ao Congresso Pan Americano.

que se diz no livro recente de Gilles de La Tourette, a hystéria é uma neuroza rara nos indivíduos da raça negra. Nunca observou uma negra atacada da grande hystéria, nem com esses estados nervosos mal definidos que são considerados hoje como hystéricos. As opiniões contradictórias se baseiam sem dúvida sobre casos de ataques simulados. »

Nada posso dizer sobre o que observou o Sr. Dr. Lacerda, mas si o Sr. Dr. Lacerda deseja observar a hystéria nas negras sob todas as suas formas, não tem mais do que vir à Bahia. Para médicos que conhecem a nevrose, a confusão da molestia verdadeira com a molestia simulada não é coisa que se leve em conta quando não se trata de um ou outro caso isolado e especial. Já não falo das mestiças do negro, em que a hystéria não existe sómente, mas é de grande frequência.

O fundo extremamente nevropathico ou hystérico do negro põe-se em relevo entre nós de um modo muito saliente. Já no caracter profundamente supersticioso do negro normal, ha alguma coisa que o prepara para esse mysticismo nevropathico. Nas suas acções exerce uma influencia notavel a frequência dos sonhos. Tylor se pronuncia assim: « O habito que têm os negros de contar os seus sonhos provoca a frequência delles: d'ahi resulta que elles têm durante o somno tantas relações com os mortos, quantas têm durante a vigilia com os vivos. Sem duvida está neste facto uma das causas das suas tendencias supersticiosas excessivas. Nellas a imaginação acha-se tão superexcitada que mal podem distinguir entre o sonho e o pensamento, entre o real e o imaginario: também desfiguram involuntariamente a verdade e pretendem ver coisas que nunca existiram. »

Estes conceitos de um autor que não se preocupava com as relações que pudesse ter o facto considerado com a genese das manifestações hystéricas, são de alta imparcialidade e isentas de todo *parti pris*.

Precisamente na psychologia do hystérico têm os sonhos função salientissima. A sua frequência excessiva é a regra dominante no caracter e influencia que exerce na suggestibilidade intrinseca, origem de graves accidentes se torna o seu exagero. E todavia a observação de afro-bahianos não contradiz, ao contrario corrobora, os dizeres de Tylor. Dentre exemplos multiplos destacarei os dois

seguintes bem precisos. Contou-me uma velha africana que o seu santo lhe fôra revelado em sonho. Dormindo, viu um santo que lhe cingia os punhos de fios de contas brancas e lhe ordenava que se vestisse toda de branco. Quando despertou, contou o sonho a companheiros que lhe aconselharum fosse consultar a respeito um pai de terreiro. Este concluiu que era *Odebalá* quem se revelava por essa forma, e ordenou á velha que tratasse de fazer o seu santo. Um rapaz crioulo, filho de Africanos que tinham sido ambos pais de terreiro, referiu-me que não ha muitos mezes foi um dia surpreendido pela visita muito matutina de um velho Africano que elle a muito não via e que tinha sido intimo amigo de seu pai. Esta visita tinha por fim communicar-lhe que a alma de seu pai havia apparecido ao amigo em sonho na noite anterior, e lhe rogara que obrigasse o filho a fazer-lhe o sacrificio de um gallo. E coisa estranha, acrescentava elle, poucos dias antes desta visita uma rapariga cujo santo tinha sido feito por seu pai, tendo caído de santo em um *condomê*, lhe havia declarado igualmente que a alma de seu pai pedia o sacrificio de um gallo. Inquiri si já tinha feito o sacrificio reclamado e elle confessou-me que ia fazel-o no domingo proximo, época que tinha sido designada. É a confirmação literal desta citação de Tylor a respeito dos negros do Guiné meridional. « Consideram todos os seus sonhos como visita dos espiritos dos seus amigos mortos. Recebem com a mais séria e a mais respeitosa attenção os conselhos, as recommendações e as advertencias que lhes vêm em sonhos, e desde que despertam apressam-se a seguir os avisos que receberam por esse modo. »

Mas não serão certamente estas provas indirectas que hão de resolver a questão. Já agora faz-se mister apontar casos inconteentes de manifestações hystéricas em negro, não com o caracter de um facto excepcional e unico, mas como casos ordinarios da clinica commum.

Foi bem, eu tenho visto casos numerosos de hystéria em pessoa da raça negra, e nesta observação não estou em unidade. Os meus distinctos collegas Drs. Alfredo Brito e Mathias Sosto, que se dedicam á especialidade de molestias nervosas, me declaram que a elles também se têm offercido occasiões multiplicas de ver a hystéria na raça negra, acontecendo que o ultimo destes dois professores recentemente prestou cuidados medicos a um bello caso

de catalepsia em uma mulher boia negra. Ha poucos meses ainda, em companhia dos Drs. Alfredo Britto, Aurelio Vianna e Juliano Moreira assistí a uma pretensa sessão espirita na rua da Calçada do Bomfim desta cidade em que grupos de negros apresentavam todas as manifestações da hysteria convulsiva.

E si alguma duvida ainda pudesse subsistir a este respeito o papel salientissimo e preponderante que representou a raça negra na grande endo-epidemia de abaxia-choroiforme que a partir de 1882 reinou neste estado em forma epidemica por quasi tres annos, por mais de dez sob forma endemica e ainda hoje existe sob forma esporadica, seria mais que sufficiente para desfazel-a em medicos e profanos.

O numero consideravel de negros atacados de abaxia-choroiforme que percorriam diariamente as ruas desta cidade, era a prova mais irrefragavel de que nenhuma immunidadade tem a raça para a hysteria. Constituem um ponto curioso desta epidemia as relações que guardavam as suas exacerbações loacas com as festas populares em que predominam sempre os sambas, os *candomblés* e outras danças dos negros. Faz-se larga parte á influencia destas festas e danças no desenvolvimento epidemico da molestia, tanto no relatório<sup>1</sup> da commissão que á convite da municipalidade estudou a epidemia em seu inicio e com grande tino capitulou-a de *choromania* de forma muito benigna, quer na importante memoria em que o meu collega Dr. Alfredo Britto<sup>2</sup> fliou as manifestações da endo-epidemia no diagnostico de *ataxia-abaxia* que havia sido feito em primeiro lugar pelo Dr. Souza Leite<sup>3</sup> sendo a fórma da abaxia-choroiforme o typo clinico predominante. Eu, que tambem consagrei a essa epidemia um pequeno trabalho<sup>4</sup> tenho conhecimento de explosões da epidemia choroiforme, quando já se tinha ella generalizado, em diversos *candomblés* e sambas.

E se comprehende que si foi notavel, como ficou provado, a influencia da marcha beri-berica no desenvolvimento da molestia,

<sup>1</sup> *Choromania*. *Gazeta Medica da Bahia*, Abril 1883.

<sup>2</sup> Dr. Alfredo Britto, *Contribuição para o estudo de a Ataxia-Abaxia neste Estado*. Terceiro Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, Bahia, 1901, pag. 99.

<sup>3</sup> Dr. Souza Leite, *Etudes de pathologie nerveuse*, Paris, 1899.

<sup>4</sup> Dr. Niaz Rodrigues, *Abaxia choroiforme epidemica no norte do Brazil*, *Brazil-Medica*, 1890.

pela apparencia longinqua que tinha com a do choroico, muito mais importante devia ter sido o effeito suggestivo das contorções das danças sagradas dos negros.

Si tudo isto, porém, torna indiscutivel a existencia da hysteria na raça negra, eu faço reserva em todo o caso sobre a frequencia relativa da molestia em comparação ao que ella é na raça branca e sobretudo nos mestiços. Um facto que tenho por acentado é que a hysteria paroxystica ou de ataques é menos frequente nos negros e acredito que esta raridade relativa dos ataques hystericos é que explica a opinião dos que negam a existencia da nevrose, naturalmente porque ainda educados na concepção da hysteria de Briquet, não podem comprehender hysteria sem ataque e, como o Sr. Dr. Lacerda, veem na hysteria interparoxystica « *esses estados nervozos mal definidos que são hoje considerados como hystericos* ».

No entanto a demonstração da hysteria na raça negra em rigor não resolve o nosso problema. O estado de auto, como um estado somnambulo que é, podia não depender da hysteria. Afóra o chamado somnambulismo espontaneo que, parece, se vai de tudo resolvendo na hysteria, o somnambulismo pôde ser ainda uma manifestação hypnotica, hystérica ou epileptica. Ora, ainda ha poucos annos o Dr. Baret,<sup>1</sup> da marinha franceza, dando conta á *Société medico-psychologique*, dos casos do *Kisano-tsuki*, uma fórma estranha e especial de possessão pelas rapozas, observada no Japão, contesta a origem hystérica que lhe attribue o Dr. Baetz, de Tokio. Reconhece a filiação desses casos á theoria geral da possessão, declarando que « *rapozas ou demônios, a etiologia é a mesma que para os possessos da idade média* »; reconhece o papel da suggestão ambiente e particularmente da auto-suggestão, declarando que « *o conhecimento pelo domo de casos de possessão e a creença firme na possibilidade de taes accidentes, é uma condição absolutamente necessaria* »; mas entende que a molestia não está ligada á hysteria, parecendo ser um *delirio neuropathico* cuja fórma se explica pelas idéas superstitiosas espinhas no paiz em que elle é observado, cuja frequencia relativa

<sup>1</sup> Dr. A. Baret, *Sur un délire neuropathique avec dédoublement de la personnalité observé au Japon, le Kisano-tsuki, ou possession par les renards*, *Annales medico-psychologiques*, 1892, vol. I, pag. 453.

se explica pela predisposição hereditária atônica, desenvolvida ha nove seculos, que tanto data da importação chinesa desta superstição e a pathogenia pela suggestão, suggestão da palavra, do exemplo, auto-suggestão, etc.

Sómente o Dr. Barot não nos diz de que natureza é esta *neuropathia delicata* especial, nem si é facil distingui-la, não da antiga hysteria, molestia preponderantemente physica, mas da hysteria na sua concepção psychologica ou vesanica actual.

Mais importante me parece uma consideração de outra ordem. Estabelecendo as condições da suggestão, Pierre Janet observa que a molestia da personalidade em que ellas se synthetizam se pôde encontrar em numerosos estados. Mais tarde estudando o estreitamento do campo da consciencia que é talvez a consequencia principal dessa alteração da synthese actual dos phenomenos, acompanhada da conservação da associação automatica dos elementos psychologicos, elle cita, alem da hysteria, certos alienados, « os neurasthenicos, os estúpidos: mesmo os imbecis e os idiotas », como casos em que esse estreitamento pôde ser observado. Ora, dado o fraco desenvolvimento intellectual dos negros africanos e a neurasthenia que deve ser uma consequencia do esgotamento em que os põem todas essas praticas extenuantes de iniciação e invocação de santo, não serão ellas acaso as condições desse desdobramento de personalidade com estado de possessão suggestivo que temos estudado sob a denominação do estado de santo? Mas então será difficil não ver inteira equivalencia entre essas condições de fraco desenvolvimento intellectual e neurasthenia provocada sem manifestações francas da hysteria, nos negros primitivos, de um lado; e a mesma hysteria com os caracteres que a nevrose adquire nas raças superiores, nos negros que se civilizam e nos seus mestiços de outro lado. O fraco desenvolvimento intellectual do negro primitivo, auxiliado pelas praticas exaurientes das superstições religiosas, como factor do estado de possessão de santo equivale, pois, á hysteria que, para os negros mais intelligentes, constitue esse factor. E se pôde então comprehender como, mesmo para os negros em que as manifestações communs da hysteria não são francas, Pierre Janet tem razão de affirmar que « esta divisão da personalidade que se manifesta no somnambulismo e no medium, é precisamente o que nós chamamos hysteria,

porque ella se encontra em todos os phenomenos que se consideram como hystericos ».

Girard de Rialle<sup>1</sup> tinha assim profunda intuição da verdade quando escrevia: « O mysticismo, que não é incompativel com as idéas fetichistas, determina, sobretudo em seres insufficientemente desenvolvidos no ponto de vista intellectual, um estado neuropathico, ou uma especie de hystoria, que não foi ainda bem estudada, mas de que os phenomenos da exaltação religiosa indicam assaz claramente a natureza, pelo menos a existencia. Esta nevrose ou hystoria tem um grande papel no desenvolvimento da religiosidade humana; e nós a encontramos amplamente em todos os povos fetichistas ».

DR. NINA RODRIGUES

(Continua.)

<sup>1</sup> Loc. cit., pag. 185.



Ochêr de Chango

## O ANIMISMO FETICHISTA<sup>1</sup>

### DOS NEGROS BAHIANOS

#### CAPÍTULO IV

CRIMÓNIAS DO CULTO FETICHISTA: CANDOMBLÉS, SACRIFÍCIOS,  
RITOS FUNERÁRIOS

Chamam-se *candomblés* as grandes festas públicas do culto yorubano, qualquer que seja a sua causa.

Entre os motivos principais, figura, como já vimos, a iniciação ou feitura de santo. Mas, uma vez iniciado, todo filho de santo contrai a obrigação moral de festejar o seu santo, com pompa variável segundo os recursos de cada um, nos anniversarios da iniciação. São as festas chamadas de *dar de comer ao santo*. Quando esta festa é a do algum pai ou mãe de terreiro, o *candomblé* toma grandes proporções, já porque o pai de terreiro em geral tem ou festeja muitos santos, já porque, sendo estas festas as épocas preferidas para as iniciações, acontece que diversos anniversarios acabam por coincidir com aquelles dias e num mesmo *candomblé* se fundem muitas festas distinctas, para que concorrem outros tantos iniciados ou crentes.

Como indica a denominação de *dar de comer ao santo*, a festa consiste essencialmente na pratica do sacrificio. Entre os negros

<sup>1</sup> Veja a *Revista* de 17 de abril, 1 de maio, 15 de junho, 1 e 15 de julho e 1 de agosto.

bahianos, como entre os seus ascendentes de Guiné, o sacrificio chegou a essa phase do seu aperfeiçoamento ou evolução em que, instigado pelo desejo de fazer economias, o crente substitue o todo pela parte. Isto é, destina-se ao santo o sangue ou uma parte das visceras dos animaes, sendo o corpo servido aos donos da festa e seus convidados. Nos *caudombês* bahianos, o sacrificio varia segundo os recursos do crente e as exigencias do ritual, desde um boi, uma cabra, um carneiro até uma gallinha ou um pombo. Como em todos os sacrificios, o sangue, na sua qualidade de vehiculo ou elemento essencial da vida, tem para os santos negros particular estima e preferencia.

O animal é conduzido a um lugar de oleição, junto de certas arvores sagradas, ou mesmo no recinto do santuario, e ahí é sangrado pelo *Aposen* ou sacerdote sacrificador, que deixa correr sobre o fetiche o sangue, que é recebido abaixo em vasos especiaes. Retira-se então o animal para ser esfolado e aberto. Vem por sua vez o pai ou mãe do terreiro e de cada parte do animal ou de certas visceras separa um pequeno pedaço, destinado aos alimentos especiaes do santo. Com estas partes de escolha, fazem-se bifes, moquecas ou guizados, *tatapás* ou *carriás*, que são collocados em pratos ou outros vasos junto ao altar do santo, ou proximo da arvore onde foi feito o sacrificio. Assim em torno ou em frente do altar dos fetiches alinham-se vasos contendo sangue, pratos de comidas, tigelas com acajás batidos e quartinhas com agua. Quasi sempre quando o fetiche é de pedra, retiram-no do lugar em que está collocado no altar e deitam-no de immersão, dentro da tigela que contém o sangue, sobre fios de contas e outros objectos considerados sagrados. No dia da grande festa de *Yé-men-já* no Garcia, o sacrificio occupa todo o recinto de *Poji*.

No centro, dentro de uma grande tigela de tampa, de frisos dourados, está o fetiche immerso em sangue de carneiro, em torno, em diversos pratos, *acajás* inteiros e batidos, sobre folhas as entranhas de uma gallinha, e outros vasos com iguarias diversas, mais afastadas ainda as quartinhas de agua de santo. O destino dos alimentos de santo é variavel. A maior parte das vezes fica ali, apodrece, é destruido de qualquer modo ou em dias determinados é substituido por outros. Certamente os negros

não acreditam que os fetiches comam os alimentos materiaes, mas que o recebem sob a fórma da alma ou fantasma do alimento.

Tylor nota com razão que quer os mortos, quer os denses são vistos muitas vezes pelos fetichistas, em sonhos ou em exâncios religiosos, trazendo os objectos que lhes foram offerecidos em sacrificios, sob uma fórma immaterial em que esses objectos seriam inacessiveis aos mortaes. No entanto, em certos casos os alimentos que serviram ao sacrificio podem ser consumidos pelos crentes. Assim, a agua de santo é tida como dotada de grandes virtudes medicamentosas. Mas só o dono do fetiche ou o feticheiro pôde servir-se do alimento divino.

Os animaes do sacrificio, afóra a pequena porção destinada aos fetiches, são consumidos pelos negros. Os pratos dos *caudombês* são afamados. Os *tatapás*, os *carriás*, os *acajás*, *abaráis*, *abereus*, *moquecas*, etc., comidas fortemente acondimentadas e gordurosas, em que entram em larga profusão a pimenta e o azeite de dendê —, que dão á cozinha bahiana a sua feição tão especial e original em todo o Brazil, não são mais do que pratos ou iguarias dos *caudombês* fetichistas.

Nos grandes terreiros, como os do *Engenho Velho* e do *Genfois* nesta cidade, a comida é dada liberalmente a todas as visitantes. Tenho assistido a esses banquetes em que se expõem grandes gamellas, bacias de barro, pratos enormes com comidas variadissimas aos convidados que dellas se queiram servir. Isto não exclue que haja mesas reservadas para as pessoas de maior distincção e que estes manjares convenientemente acondicionados sejam enviados de presentes a casas de familias.

Como era de prever, os sacrificios estão subordinados a regras e ritos particulares para cada caso ou santo, o que dá a alguns dellos feição especial. O sacrificio a *Essé*, por exemplo, é feito nos matos, nas encruzilhadas das estradas quando o *caudombê* tem lugar no campo; ou ao contrario atraz de uma porta si o *caudombê* se realiza nas cidades. Consiste em matar-se um gallo, cujo sangue é recebido sobre o fetiche a que se consagram ainda os pés, as pennas e a esboça da ave. O gallo é assado e comido fóra da casa, no lugar onde se fez o sacrificio. As mulheres, porém, nem podem comer da ave, nem são admitidas nesta cerimonia.

Já tive occasião de assistir a um destes sacrificios, na tarde inicial de um *condomê*. No ponto em que se cruzavam duas estradas de rodagem, existia um fetiche *Eso* numa especie de caramanchão talhado numa touceira de bambús. Informado da hora em que devia ter lugar a cerimonia, ali fui ter com um amigo quasi ao anoitecer. Encontramos na estrada uma fogueira em que quatro negros assavam um gallo já depennado e a que tinham retirado a cabeça e os pés. A hora adelantada não nos permitia mais verificar o que tinham feito. Voltei no dia seguinte pela manhã.

O fetiche collocado sobre uma especie de tamborete de pequena altura estava coberto com um grande fragmento de póto de barro. Aos lados, vinham-se a cabeça e os pés do gallo, um *acafé* dentro das folhas que o prepararam, duas quartinhas uma com agua e outra com um liquido cuja natureza não pude reconhecer, e uma cabaca bem pequenina contendo um liquido e suspensa a um ramo proximo. O fetiche literalmente encharcado de azeite de dendê. Na entrada do caramanchão estavam depositas as pennas do gallo.

Não faz parte do sacrificio, como aliás muita gente supõe entre nós, a pratica de feitiçaria que consiste em soltar ou abandonar certas animaes e cuja significação é a seguinte: por meio de processos magicos, o feitiçeiro fixa a molestia ou as infellicidades do seu cliente em certo e determinado animal, cabra, carneiro, gallinha ou pombo; em seguida abandona o animal expiatorio, para que alguém delle se apodere e attraia sobre si os males de que elle é portador. É uma pratica de feitiçaria muito seguida na Africa occidental, onde o objecto em que se fixa a molestia toma o nome de *Keti*.

No entanto, nem sempre o sacrificio é destinado aos deuses ou fetiches. Ha ainda sacrificios funerarios em honra aos manes ou almas dos seus maiores. Compreendendo-se com facilidade que havia de ser principalmente no que diz respeito ás honras fúnebres que a imposição das formalidades catholicas ao enterramento dos negros suppostos convertidos, devia de alterar de modo mais completo os ritos fetichistas dos Africanos. Mas ainda assim, naquillo que lhes não podiam tolher ou coagir, no culto ás almas dos seus mortos, as praticas fetichistas mantiveram-se firmes apesar da associação que soffreram com as praticas catholicas.

Hoje aparentemente o enterro de um negro fetichista, mesmo de um negro africano, faz-se como um enterro qualquer. Mas nem é tanto assim e nem sempre foi assim. O Sr. Dr. Mello Moraes nos dá a seguinte descripção, que tomamos a liberdade de simplificar, do que foi um enterro africano no Rio de Janeiro.

« Os negros no Rio de Janeiro, escreve o Dr. Mello Moraes <sup>1</sup> (*Um funeral moçambique em 1839*), enterravam os seus de um modo completamente particular enquanto ao ceremonial que antecedia ao acto da inhumação. Diversificados conforme as tribus, os moçambiques salientavam-se no apparatus funebre, a que faziam proceder por vezes de outros deveres, dependentes dos recursos pecuniarios do compatriota morto. Assim quando fallecia um pobre de sua nação, os parentes e parceiros o conduziam em uma rede que ficava desde ao amanhecer junto do muro de uma igreja ou á porta de qualquer venda. Duas negras, de face pezuosa e vestidas de luto, conservavam-se com duas velas acesas junto á rede funeraria, recolhendo dos passantes o obolo da caridade para o enterro, completando a somma os compatriotas do defunto que appareciam no momento.

« Não sendo o finado totalmente miseravel, possuindo bens ou dinheiro, as pompas fúnebres tornavam-se regulamentares, e tanto mais ruidosas quando se tratava de algum personagem illustre entre elles taes como reis, ruinhas e principes de raça. Excluindo os carregadores da rede mortuaria, o mestre de cerimonia e o tambór-mor, o prestito compunha-se de mulheres ou de homens conforme o sexo do cadaver. O de pessoas ricas congregava ambos e mais ainda as crianças. O acompanhamento era o mais atrozador e rude. . . A precisão que até a saída do corpo limitar-se-ia a meia dúzia de parentes e raros amigos do defunto, desde um pouco adiante avolumava-se consideravel, por isso que os negros da mesma terra, os conterraneos da mesma patria o seguiam ás despedidas do captivo e do tumulo.

« A frente ia o mestre de cerimonia, um pouco mais atraz o tambór-mor, e ladeando a rede coberta com um pano preto sulcado de uma cruz branca, a familia rodeada de moçambiques, que batiam palmas cadenciadas e cantavam os seus lamentos. Segurando das

<sup>1</sup> Mello Moraes Filho, *Festas e tradições populares do Brazil*, Rio de Janeiro.

lidos a cortina mortuária, os filhos e os intimos caminhavam vagarosos ao estroendo do tambor que a cada passo fazia-se ouvir ecoando lugubre. Por volta das 5 horas da tarde chegava habitualmente o cortejo à Lampadosa.<sup>1</sup>

« Estendidos em alia, os ganhadores e as quitadeiras ethiopes, com os costos e taboleiras á cabeça esperavam o prestito que ao longe era annuciado por dois sinos. Apenas estes dobravam, os contrastados pretos arriavam no chão as suas cargas, ensaiavam os seus lamentos... Os convidados da morte, na observancia de seus ritos solennaes, transpunham o largo do Rocío e entravam na rua do Sacramento. Com dois lenços vermelhos cobrindo-lhe o peito, de calça curta, e de rodilha verde na cabeça, o mestre de cerimoniaes, rompendo a marcha, fazia evoluções com uma vara á cadencia das palmas que batiam os negros nas calçadas e os acompanhadores. Nisto os sinos tangiam pela ultima vez, e o negro do tambor, escanchado em seu bombo, batucava com os punhos cerrados, aproveitando o silencio que succedia no seguimento da rede para o recinto da Igreja.

« Apenas esse feretro aereo encaminhava-se balouçando, os canticos funebres em hora do morto reanimavam-se, as palmas reproduziam-se mais acceleradas, o rufar do tambor era mais velez e a rede... penetrava no templo. Depois... a alma era profunda. E a treva, desconfio silente nos braços da noite, velava o ultimo somno do captivo. »

Bem se vê que esta descripção não é mais do que o fructo de uma observação superficial daquillo que a cerimonia devia ter de mais exterior. Assim o provam as praticas funerarias ainda hoje seguidas pelos afro-bahianos, quando elles já não possuem mais a liberdade de enterrar os seus mortos como bem lhes parece.

Os negros *musulmáes* revestem os seus mortos de uma tunica branca a que chamam de *casimá* e deitam-lhes em torno da cabeça uma especie de turbante de que cal uma extensa faixa ao longo do lado direito do corpo. O cadaver é collocado de lado no esquife e

<sup>1</sup> « A Igreja da Lampadosa que em 1830 era servida pelo ciclo negro e pertencia a uma irmandade de mulatos, constituiu-se a necropole fidejza dos Africanos desta cidade e diante do seu altar viam-se parar os funebres prestitos, executando o seu ritual lugubre no meio de alaridos selvagens e de danças funerarias. »

sempre que podem enterram-no com a orientação para o poente. A respeito das praticas funebres das *malés* e de outras nações africanas correm entre os negros versões mais ou menos estranhas de que não pude ter ainda informações exactas. Dizem que têm elles, de accordo com um rito barbaro, de fracturar todos os ossos longos dos membros, e torcer o pescoço do cadaver do modo a dar-lhe a maior mobilidade.

Os outros negros enterram hoje os seus mortos sem outras formalidades especiaes a não ser a de introduzirem no atnido do morto os seus santos ou fetiches si elle não deixa filhos ou parentes que se queiram encarregar de continuar o culto do santo. E' tal a preocupação e o zenu que accarreta ao iniciado o culto do seu santo especial, que os negros têm o maior receio de ficar com santos ou fetiches de outras pessoas e em particular de pessoas fallecidas. Entendem que do momento que conservam o fetiche alheio, cabe-lhes o dever imperioso de occupar-se delle como se occupariam do seu proprio santo. E então todos os pequenos contratempos, as molestias, as infelicidades que experimentam d'ahi por diante são interpretadas como uma consequencia das faltas commettidas para com o fetiche, que ou fica esquecido, ou não se julga convenientemente tratado. No cemiterio das quintas dos Lazaros, preferido pelas pessoas pobres, encontram-se communmente, por occasião de serem revolvidas as sepulturas antigas, do envolta com os esqueletos, innumeross fetiches e idolos africanos.

Quando, porém, o morto era iniciado, ou pessoa de sua familia, todo o terreiro a que elle pertencia toma parte no luto, comparece ao enterro e prepara-se para a missa do sétimo dia. Este acto da religião christã póde, no entanto, não ter lugar nesse prazo e sim numa época mais ou menos remota, muitas vezes depois, quando a familia tem adquirido os meios de fazer o *casombô* funerario. Manda-se então dizer uma missa a que comparecem todos os membros do terreiro, parentes e conhecidos.

Não ha nesta cidade quem não se tenha encontrado com um desses grupos enormes de Africanos, seus descendentes e amigos, no sair de uma igreja onde mandaram rozar a missa pelo seu morto. O grupo é tão especial que prende forçosamente a attenção. D'ahi dirigem-se directamente a um *casombô* funerario, cuja importancia depende dos recursos da familia. Este *casombô* dura em geral um

ou dois dias, dança-se e fazem-se nelle sacrificios á alma do morto e aos santos. É muitas vezes nesta occasião que se dá destino aos santos e paramentos do morto. Um pai de terreiro afamado sabendo-se sem descendentes, havia pedido que por sua morte parte dos ornatos do seu *Peji* fosse exposta numa arvore aagrada da vizinhança e a outra parte juntamente com os seus santos fosse lançada num rio proximo. Depois de um grande *candomblé* funerario, alta noite, foram os seus discipulos ou filhos do santo satisfazer-lhe a ultima vontade. Mas a maré estava ainda a prôa-mar, de sorte que as peças foram lançadas na praia e com a vasante ficaram pela manha a descoberto. Um meu amigo mandou recolher-as e, tendo lavado algumas, m'as enviou. Offereci-as ao museu de medicina legal da Faculdade, onde se acham actualmente. Constam de uma haste de ferro de uns trinta centímetros de comprimento adorada como fetiche de *Oya*, uma tosen espada de ferro, das mesmas dimensões e do mesmo santo; um avental vermelho bordado de busios da Costa, de *Sangô* e uma peça incompleta de *Oso-osi*, pequeno disco de ferro a que se prende por tres digitações um cabo do mesmo metal com uns vinte e tantos centímetros de comprimento. Sobre o disco devia haver uma especie de pomba, que não existe mais. Não consegui apurar, porém, si a vontade do pai do terreiro tinha sido manifestada em vida, como affirmaram os seus discipulos, ou si por invocação e possessão de algum santo, como acontece muitas vezes e tenho motivos para crêr que tivesse succedido neste caso.

As idéas que fazem da outra vida os africo-bahianos é evidentemente inspirada pelo euzino e a convivencia dos catholicos. Sempre que os interrogo a este respeito encontro nelles a idéa ou pelo menos o conhecimento de uma outra vida de recompensa para os bons e de castigos para os maus. A maior parte dos Africanos não sabe para onde vão as almas do outro mundo, mas quando se insiste com elles declaram que ellas vão para o céu ou para o inferno. Apenas em alguns negros que estiveram por muito tempo na Africa se encontram idéas da celebre instituição dos *Mombas-Jumbas*, destinada a codigar e corrigir as mulheres. Um delles me dizia que do almas do outro mundo só havia de especial na Africa uma maçmaria em que as mulheres não podiam tomar parte e em que a alma apparecia e passava pela cidade muito a sua vontade. Mas que não me podia dizer os segredos da

maçmaria porque os homens que os revelassem seriam severamente punidos por processos magicos, estivessem onde estivessem.

Todos os *candomblés* têm uma feição commum, mas as praxes e a organização da festa varia consideravelmente de terreiro a terreiro. O terreiro do *Gantois* faz a sua grande festa annual em fins do setembro, a começar de um sabbado, e do ordinario a prolonga por um mez. A mãe do terreiro Julia, velha africana, transfere-se para ali na sexta-feira afim de preparar e armar o *Peji* e dispor tudo para o *candomblé*. Assiste-a immediatamente sua filha Pulcheria. Sabbado á noite começam os preparativos; domingo pela madrugada vão as filhas do santo buscar a agua sagrada em grande romaria a uma fonte proxima. Em vasta gamella, collocada em frente ao barracão, deita-se esta agua em profusão tal que chega a formar pequeno regato pela ladeira abaixo. Esta agua é destinada a lavagem do santos e a encher os pôtes e quartilhas do *Peji*.

Para a tarde a influencia da população no terreiro é enorme. Tanto para o terreiro do *Gantois* como para o do Engenho Velho, tenho ouvido avaliar a concurrencia, nos dias principaes, em muitos milhares de pessoas. É fóra de duvida que o acrescimo de movimento nas linhas de bonda urbanas torna-se nestes dias muito sensivel. Sob o título *Candomblé* escrevia o *Diario de Noticias* desta cidade, a respeito de uma das ultimas festas do *Gantois*: «Communizam-nos que ha seis dias está funcionando, no lugar denominado *Gantois*, um grande *candomblé*. Os bonds da linha *Circular* e *Transportes* passavam, depois de meio-dia até ás cinco horas da tarde, cheios de povo que para ali tem affluído.» Este topico referia-se á festa de *Oso-osi* na quinta-feira do *candomblé*.

Feito domingo á tarde ou á noite o sacrificio proprietario a *Esú*, começam as festas sagradas com a seguinte distribuição: segunda-feira, consagrada a *Esú*; terça-feira, a *Oxomami*; quarta-feira a *Sangô*; quinta-feira, a *Oso-osi*; sexta-feira, a *Oxalafá*; ou *Oriza-lá*; sabbado, a *Oxaguina*; domingo, a todos os santos ou *evais*.

Respectivamente nos dias correspondentes da semana seguinte se repetem as festas com outros sacrificios, mudança de comida e de agua de santo. No entanto, em alguns destes dias se podem festejar no mesmo tempo varios santos, que as mais das vezes não

ou dois dias, dança-se e fazem-se nele sacrificios á alma do morto e aos santos. E' muitas vezes nesta occasião que se dá destino aos santos e paramentos do morto. Um pai de terreiro afamado sabendo-se sem descendentes, havia pedido que por sua morte parte dos ornatos do seu *Peji* fosse exposta numa arvore sagrada da vizinhança e a outra parte juntamente com os seus santos fosse lançada num rio proximo. Depois de um grande *candomblé* funerario, alta noite, foram os seus discipulos ou filhos de santo satisfazer-lhe a ultima vontade. Mas a maré estava ainda a préa-mar, de sorte que as peças foram lançadas na praia e com a vassante ficaram pela manhã a descoberto. Um meu amigo mandou recolhê-las e, tendo lavado algumas, m'as enviou. Offereci-as ao museu de medicina legal da Faculdade, onde se acham actualmente. Constam de uma haste de ferro de uns trinta centímetros de comprimento adornada como fetiche de *Oyá*, uma tocha espada de ferro, das mesmas dimensões e do mesmo santo; um avental vermelho bordado de busios da Costa, de *Sangô* e uma peça incompleta de *Oso-osi*, pequeno disco de ferro a que se prende por tres digitações um cabo do mesmo metal com uma vinte e tantos centímetros de comprimento. Sobre o disco devia haver uma especie de pomba, que não existe mais. Não consegui apurar, porém, si a vontade do pai de terreiro tinha sido manifestada em vida, como affirmaram os seus discipulos, ou si por invocação e possessão de algum santo, como acontece muitas vezes e tenho motivos para crer que tivesse succedido neste caso.

As idéas que fazem da outra vida os africo-bahianos é evidentemente inspirada pelo ensino e a convivencia dos catholicos. Sempre que os interrogo a este respeito encontro nelle a idéa ou pelo menos o conhecimento de uma outra vida de recompensa para os bons e de castigos para os maus. A maior parte dos Africanos não sabe para onde vão as almas do outro mundo, mas quando se insiste com elles declaram que ellas vão para o céu ou para o inferno. Apenas em alguns negros que estiveram por muito tempo na Africa se encontram idéas da celebre instituição dos *Mamban-Jumbon*, destinada a castigar e corrigir as mulheres. Um delles me dizia que de ahuas do outro mundo só havia de especial na Africa uma maçonaria em que as mulheres não podiam tomar parte e em que a alma apparecia e passeiava pela cidade muito a sua vontade. Mas que não lhe podia dizer os segredos da

maçonaria porque os homens que os revelassem seriam severamente punidos por processos magicos, estivessem onde estivessem.

Todos os *candomblés* têm uma feição commum, mas as praxes e a organização da festa varia consideravelmente de terreiro a terreiro. O terreiro do *Gatois* faz a sua grande festa annual em fins de setembro, a começar de um sabbado, e de ordinario a prolonga por um mez. A mãe de terreiro *Julia*, velha africana, transferio-se para ali na sexta-feira afim de preparar e armar o *Peji* e dispôr tudo para o *candomblé*. Assiste-a immediatamente sua filha *Pulcheria*. Sabbado á noite começam os preparativos; domingo pela madrugada vão as filhas do santo buscar a agua sagrada em grande romaria a uma fonte proxima. Em vaxta gamella, collocada em frente ao barracão, deita-se esta agua em profusão tal que chega a formar pequeno regato pela ladreira abaixo. Esta agua é destinada a lavagem de santos e a encher os pótes e quartinhos do *Peji*.

Para a tarde a influencia da população ao terreiro é enorme. Tanto para o terreiro do *Gatois* como para o do Engenho Velho, tenho ouvido avaliar a concurrencia, nos dias principaes, em muitos milhares de pessoas. E' fóra de duvida que o acrescimo de movimento nas linhas de bonda urbanas torna-se nestes dias muito sensível. Sob o titulo *Candomblé* escrevia o *Diario de Noticias*, desta cidade, a respeito de uma das ultimas festas do *Gatois*: «Comunicam-nos que ha seis dias está funcionando, no lugar denominado *Gatois*, um grande *candomblé*. Os bonds da linha *Circular* e *Transportes* passavam, depois de meio-dia até as cinco horas da tarde, cheios de povo que para ali tem affluído.» Este topico referia-se á festa de *Oso-osi* na quinta-feira do *candomblé*.

Feito domingo á tarde ou á noite o sacrificio propiciatorio a *Esú*, começam as festas sagradas com a seguinte distribuição: segunda-feira, consagrada a *Esú*; terça-feira, a *Oyosumaré*; quarta-feira a *Sangô*; quinta-feira, a *Oso-osi*; sexta-feira, a *Ovobalá*; ou *Orisa-Iá*; sabbado, a *Osoquiman*; domingo, a todos os santos ou *orisa*.

Respectivamente nos dias correspondentes da semana seguinte se repetem as festas com outros sacrificios, mudança de comida e de agua de santo. No entanto, em alguns destes dias se podem festejar ao mesmo tempo varios santos, que as mais das vezes não

são sinão nomes diferentes ou invocações diversas do mesmo personagem divino.

A musica e os canticos não são continuos durante todo este tempo. Grande parte do dia passam as negras em sambas e danças destituidas de caracter religioso. Nos grandes dias de festas exhibem danças de fantasia, muito no sabor da nossa população que não perde ensejo de repetir-se durante o anno. As raparigas com vestimentas de cores vistosas, trazendo os classicos turbantes e pannos da Costa, pulseiras colossaes e grandes voltas de ouro em torno do pescoço, dançam com quar tinhas douradas na cabeça, simulando a romaria á fonte sagrada.

Ao contrario destas danças que se fazem ao ar livre, debaixo das grandes arvores do terreiro, as danças sagradas se realizam quasi sempre na sala principal do barracão. Regulam-nas a hierarchia dos santos e a dos sacerdotes. Quasi sempre quem estrêa é uma das dignidades que mais se tornam respeitaveis já pelo saber em coisas fetichistas, já pela idade, já pelo caracter de visitante ou hospede. Outras vezes as figuras da dança não são isoladas, ao mesmo tempo occupam o circulo de dança formado pelos espectadores, muitas filhas de santo que marcham em grande roda umas atraz das outras e cada qual fazendo maiores tregeitos com o corpo, ao mesmo tempo que acompanham o compasso do *batucó* com movimentos alternados de elevação e abaixamento dos braços, mantidos os antebraços em meia flexão. Este acompanhamento é tão caracteristico das danças sagradas que nem só figura em todas as marcas, como ainda não é difficil nem raro ver entre os espectadores muitos que, inconsciente e talvez mesmo involuntariamente, acompanham nesse compasso as diversas evoluções da dança. De ordinario, as filhas de santo, no meio da excitação que produz a dança, saem de vez em quando de circulo para vir abraçar e cumprimentar a mão de terreiro e as outras dignidades sacerdotaes, sem todavia perder o *rhythm* dos movimentos e o compasso da musica. Estes cumprimentos variam muito de fórma: simples abraços, applicação da face de um e outro lado da face da pessoa cumprimentada, um pouco á guiza dos osculos porque se cumprimentam as senhoras da nossa sociedade, outras vezes se prostram no chão, abraçam os pés da mão de terreiro de

um e outro lado, ou no *Peji* applicam a face no sólo successivamente de um e de outro lado.

No Gantois, o *candomblé* termina sempre por uma missa mandada dizer ao Senhor do Bomfim na ultima sexta-feira e com um almoço final no domingo seguinte.

Taes são em largos traços e nas suas grandes linhas a religião e o culto fetichista dos afro-baianos no que elles conservaram de quasi puro das suas tradições africanas.

Não está ahí por certo, uma exposição completa, em todo o rigor, das minudencias do culto, extreme de uma ou outra interpretação menos exacta. Muito mais fôra necessario para conhecer a serie interminavel dos orisás e todas as particularidades dos diferentes ritos. Não sei mesmo si um conhecimento assim completo da mythologia africana no Brazil seja coisa exequivel e mais do que uma simples aspiração. A propria mythologia yorubana confunde-se com o vago do fetichismo ou animismo diffuso e incoherente de que ella mal emerge e em que apenas se esboça. Não será facil, portanto, descobrir-lhe limites ou contornos bem definidos, nem muito menos buscar ahí um corpo qualquer de doutrinas, systematizado e fixado pela escriptura, como nas grandes religiões polytheistas e monotheistas. Como quer que seja, este estudo basta aos intuitos com que fui feito, pois d'elle decorre de modo indiscutivel que o fetichismo africano, organizado em culto mais ou menos completo, ainda hoje persiste na Bahia tal como existe na Africa.

De passagem e ligeiramente indicarei, todavia, nos ethnographos brasileiros um ponto digno de ser apurado convenientemente.

E' opinião que tenho visto sustentada por autores patrios de nomeada que os negros africanos vindos para o Brazil pertenciam ao grupo bantú ou cafre. Ora, a religião dos afro-baianos torna esta opinião muito discutivel e carecedora de revisão pelo menos para a Bahia. A primeira opposição a esse modo de ver está no numero de negros mohametanos existentes neste estado. Esse numero foi muito avultado na antiga provincia e o prestigio que adquiriram os filhos de uma nação africana superequatorial, Haussá, foi tão grande que obrigou o governo brasileiro a tomar medidas de alto rigor como fosse a deportação dos *malês* libertos para a Africa, decretada em 1858.

Ora, os negros bantús foram chamados cafres (*kaffir*, infieis) pelos árabes, precisamente para significar que elles não se tinham convertido ao Islamismo. Demais é facil seguir em qualquer carta geographica africana os limites das regiões convertidas ao Islamismo na Africa, limites que estão muito acima dos negros subequatoriases ou bantús.

Depois, a mythologia de yorubá e jebús, nações africanas superequatoriases, tão bem organizada no seu culto na Bahia e tão geralmente seguida pelos afro-bahianos, ainda vem contrapor-se áquella opinião mesmo para o caso dos negros não convertidos ao Islamismo. Realmente a julgar pelos autores que puão consultar o fetichismo dos bantús é muito mais simples e rudimentar do que o dos negros da Africa Occidental. Salientando a intelligencia de que são dotados os negros bantús, o Dr. Letourneau insiste sobre a ausencia ou pelo menos a inferioridade da sua concepção mythologica. « Como se devia esperar do que precede, escreve elle <sup>1</sup>, a imaginação mythica dos cafres é muito indigente. A maior parte dos seus deuses, melhor dos seus espiritos, procede directamente das idéas de todo primitivas que têm a respeito da sobrevivencia das sombras. »] Mais adiante, em

contraposição aos cafres, elle salienta a preponderancia mythica no animo dos negros da Africa Occidental. « Na Africa Occidental, escreve elle, o animismo primitivo é mais desenvolvido. Nessas regiões onde a vida do homem é coisa tão precaria aos pobres indigenas são muito dispostos a attribuir um poder sobre-humano ás coisas e ás pessoas... Foi para essas populações da Africa Occidental que se inventou a palavra « fetichismo ». De facto, é nesta região que se vai encontrar como na Bahia, as *casas fetiches* ou *Lori-Orindé*, a feitizaria se organizando em culto, o fetichismo diffuso se constituindo em mythologias rudimentares, a idolatria em via de progresso, etc., etc.

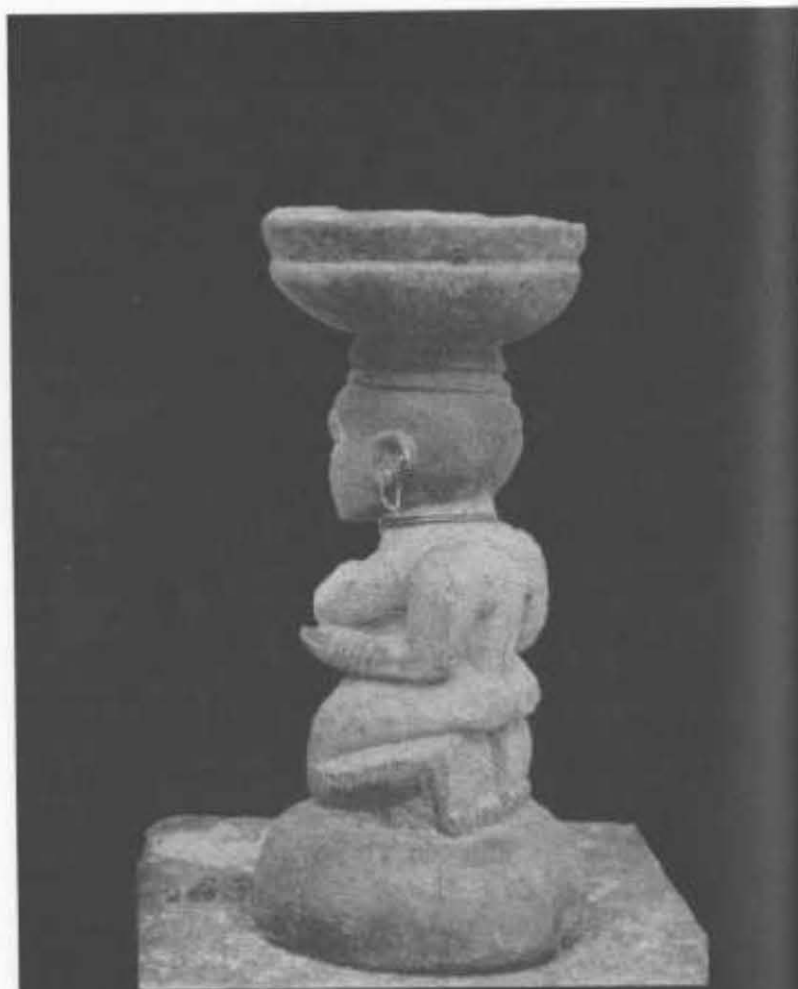
Debalde procurei entre os afro-bahianos idéas religiosas pertencentes aos negros bantús. Até hoje não conheço um só negro que faça idéa sequer do que seja o *morimó* ou o *Unkulanakulé*, dos Amazulis. Não pretendo que não existam na Bahia negros bantús,

<sup>1</sup> Letourneau, *L'évolution religieuse dans les diverses races humaines*, Paris, 1892, pag. 62.

mas apenas que a julgar pelas formas religiosas persistentes não constituiriam a procedencia principal dos negros importados pelo trafico.

Conviria apurar, pois, donde provém a contradicção apontada. Para isso, porém, fôr mister compulsar documentos e remontar a investigações de todo estruturas á indole e natureza deste trabalho. Outros mais competentes dar-lhe-ão sem duvida a solução desejada.

DR. NISA RODRIGUES



*Trono ou banco esculpido do culto de Yemanjá*

## ILLUSÕES DA CATECHESE NO BRAZIL<sup>1</sup>

51

O animismo fetichista africano, diluído no frado supersticioso da raça branca e reforçado pelo animismo incipiente do aborígene americano, constitui o sub-solo uberrimo de que brotam exuberantes todas as manifestações ocultistas e religiosas da nossa população. As crenças católicas, as práticas espíritas, a curiomancia, etc., todas recebem o reflectem por igual o influxo da feitiçaria e da idolatria fetichista do negro.

Em materia de conversão das raças inferiores as crenças religiosas das raças superiores, o negro bahiano não podia fazer excepção à regra geral. Aqui, na Bahia, como em todas as missões de catechese dos negros na Africa, sejam ellas cathólicas, protestantes ou mahometanas, logo do negro se converter ao catholicismo é o catholicismo que recebe a influencia do fetichismo, se adapta ao animismo rudimentar do negro que, para tornal-o assimilavel, materialisa a dá corpo e representação objectiva a todos os mysticos e abstracções montheistas. Quando se examinam de perto as crenças religiosas do africo-bahiano, se reconhece para logo que é indispensavel estabelecer uma distincção proxima entre os Africanos

<sup>1</sup> Extracto de um livro de medicina legal sobre a responsabilidade penal dos negros brasileiros, que a casa editora Wlker, Pivari & C., está publicando em lavoura sob o titulo — *L'animismo fetichista des negros de Bahia. Essai de ethnographie religieuse et de psychologie orientale*. Veja do mesmo A. o *Animismo fetichista dos negros baianos* na *Revista de 15 de abril*, 1 de maio, 12 de junho, 1 e 15 de julho, 1 de agosto e 15 de setembro de 1890.

52

que ainda existem aqui e uma minoria dos seus descendentes de um lado, e os negros creoulos e seus mestiços de outro.

Nos negros africanos que ainda existem neste estado, e nos filhos que os Africanos libertos puderam educar como entenderam, a conversão religiosa não fez mais do que juxtapôr as exterioridades muito mal compreendidas do culto catholico ás suas crenças e praticas fetichistas que em nada se modificaram. Concebem os seus santos ou *ovais* e os santos catholicos como de categoria igual, embora perfeitamente distinctos. Abrigada na ignorancia geral da lingua que elles falam e na facilidade com que, para condescender com os senhores, os Africanos escravizados, se declaravam e apresentavam convertidos ao catholicismo, as praticas fetichistas puderam manter-se entre elles até hoje quasi tão extremos de mescla como na Africa.

53 Sem devida os Africanos que ainda existem na Bahia, embora todos já bem velhos, representam em geral individuos que vieram para o Brazil muito crianças. Mas, afinal, isso importa pouco porque as praticas do culto e as suas crenças foram recebidas directamente do ensino de Africanos vindos adultos e que aqui fundaram templos ou *terreiros* em tudo iguaes aos da Africa. Depois, as viagens constantes para a Africa, com navegação e relações commerciaes directas como ainda hoje existem, facilitaram a reimportação de crenças e praticas, porventura um momento esquecidas ou adulteradas. Conheço muitas negras que têm feito diversas viagens á Africa e lá se têm demorado mais ou menos tempo. Da Africa recebem ellas *casuris obi* (noz de kola) e muitos outros objectos do culto.

Para o negro creoulo e para o mestiço, que não receberam a influencia tão directa da educação de pais africanos, que delles se foram segregando pela ignorancia da lingua e maior convivencia com os outros elementos da população mesclada e heterogenea do estado, as praticas fetichistas e a mythologia africana vão degenerando da sua pureza primitiva, gradualmente sendo esquecidas e abastardadas, no mesmo tempo que se transfere para os santos catholicos a adoração fetichista de que antes objecto os *ovais*. Esta phase de transição é curiosa e instructiva e convém ficar atenta por uma vez, porque, quando tiverem desaparecido de todo entre os ultimos Africanos as praticas regulares dos seus cultos será muito

mais difficil demonstrar que é ainda pura e simplesmente fetichista o culto que os negros possam dispensar aos santos catholicos. Farei observar todavia que não será certamente para muito cedo a extincção total dos cultos africanos neste estado, pois, não só são elles bem accetos pelos creoulos e mestiços, como já vai bem adiantada a obra da transmissão da sua direcção aos negros creoulos e aos mulatos.

A distincção entre *casuris obi* africanos e *casuris obi* nacionaes é hoje geralmente conhecida. Um dia inquiri de uma velhinha africana que assistia de longe as danças sagradas de Gantois, se ella não tinha santo e porque não ia dançar. Respondeu-me que o seu terreiro era de gente da Costa (Africanos) e ficava no bairro de Santo Antonio; que o terreiro de Gantois era terreiro de gente da terra (creoulos e mulatos). Conheço diversos pais e mães de terreiro creoulos. E, quer no Gantois, quer nos outros terreiros desta cidade e do interior tenho visto entre os iniciados mulatos e mestiços de todos os sangues. Os mais intelligentes, atilados e bem relacionados fazem-se *ogans*; os outros são filhos de santo ou outras dignidades inferiores.

54 Mas, si no negro africano havia e ha ainda simples juxtaposição das idéas religiosas bebidas no ensino catholico, ás idéas e crenças fetichistas, trazidas da Africa; no creoulo e no mulato ha uma tendencia manifesta e incoercivel a fundir essas crenças, a identificar esses ensinamentos. Como que para demonstrar que as leis da evolução psychologica são fundamentalmente as mesmas em todas as raças, esta fusão que tende a adaptar a comprehensão das concepções monotheistas catholicas á fraca capacidade mental do negro se está fazendo na Bahia exactamente segundo e mesmo processo porque, nos começos do christianismo, se fez a conversão da Europa polytheista ao monotheismo christão então nascente.

A proposito dessa legião de santos catholicos que cria no seio da religião christã um verdadeiro polytheismo para uso das classes menos cultas, escreve Tylor: «O culto christão aos mortos, que decorre naturalmente do antigo culto dos manes foi adoptado no momento da transição que se operou na Europa para corresponder a um outro fim. Os deuses locais, os deuses patronos de certas profissões, de certos officios, os deuses de que os homens imploravam uma assistencia especial por occasião de necessidades especiaes,

eram ainda muito caros ao coração da Europa neo-christian para que se pudesse destruí-los sem nada repor nos seus lugares. Deram-lhes por isso, como substitutos, santos que se encarregaram de suas funções especiaes e até as sucederam nos templos que lhes haviam sido construídos. Depois, com o tempo, o systema da divisão espirital do trabalho foi applicado com uma admiravel minudencia ao vasto exercito dos santos profissionais. . . »

54 E' estabelecendo por seu turno uma equivalencia, que facilmente se converte em identificação, entre os santos catholicos e os orixás yorubanos, que os negros creoulos se habilitam a comprehender a religião christian a seu modo e a serem considerados convertidos. Ora, ainda uma vez, esta equivalencia ou identificação tem aqui por base uma correspondencia profissional. Para alguns santos a equivalencia está feita e é facil de seguir o processo mental e as analogias em que ella se funda; para outros é menos clara e para alguns ainda não uniforme.

Assim, em todos os terreiros e para todos os negros que conhecem os santos africanos, *Sango* é o equivalente de Santa Barbara ou é a propria Santa Barbara. Mas *Sango* sendo masculino e Santa Barbara do sexo feminino era preciso que entre elles houvesse de commum um ponto de contacto tão capital que tornasse secundaria a differença de sexo. *Sango* é o deus do trovão e é representado por meteoritos, machados de pedra ou pedra do raio. Santa Barbara é por sua vez a padroeira das tempestades e dos raios de que foi victima. Como é o sentimento de terror provocado pelo phenomeno physico do trovão e do raio, que constitue o elemento fundamental da crença e a origem da invocação do patrono, a identidade mental dos protectores foi mais forte do que as suas differenças individuais do sexo. Todas as vezes que eu insistia com os creoulos fetichistas para me explicarem esta equivalencia physicamente absurda, elles me respondiam invariavelmente com a interrogação: pois a Santa Barbara não é a advogada dos raios? A inversão para alguns negros é mais curiosa ainda. *Sango* tinha por mulher a *Osun*, e Santa Barbara por companheiro no patronato contra os raios a S. Jeronymo. Pois bem, elles invertem as coisas; *Osun* do mulher de *Sango* passa a ser marido de Santa Barbara, e portanto S. Jeronymo. Todavia esta ultima equivalencia não é tão geralmente admitida como a primeira. Muitos negros que consultei a respeito-

de todo a desconheciam. *Oso-osi* é considerado equivalente ou synonymo de S. Jorge. Assim no dia da festa de *Oso-osi*, no terreiro do Gantoia, ao passo que no annuario fetichista em *Pyi* se sacrificava a *Oso-osi*, na grande sala de dança está um quadro com a effigie equestre não pequena de S. Jorge, collocado em um mostrador de tampa de vidro e suspenso na parede do lado direito da sala. De um e outro lado do mostrador acham-se dois castiçais em que ardem velas dia e noite. Já em tres annos seguidos ali tenho visto a imagem do santo catholico durante o *conferência*.

A explicação da equivalencia é ainda aqui muito simples. *Oso-osi* era um caçador afamado, que muitas vezes andou a cavallo e serviu-se de lança, e por esta forma é representado em alguns idolos. Por sua vez, S. Jorge é representado como um cavalleiro de lança em punho. No entanto, nos terreiros do interior do estado que eu pude observar, o orixá *Oso-osi* é conhecido, mas pouco aforado e a sua equivalencia ou identificação com S. Jorge não trivial nesta cidade, muito pouco conhecida. Para outros orixás, a equivalencia é ainda fluctuante e variavel nos differentes terreiros, o que bem prova que ella está apenas em via de formação.

Grande influencia exerce *Obatalá* ou *Oriza-lá* na devoção das classes inferiores desta cidade da Bahia porque é aqui identificado com o Senhor do Bonfim que, na sua igreja erecta na collina do mesmo nome é objecto do culto mais popular entre nós. Em alguns terreiros do interior do estado, *Oriza-lá* é considerado ao contrario equivalente de Sant'Anna. Nestes ultimos terreiros me explicavam que, sendo Sant'Anna mãe de Nossa Senhora e Nossa Senhora mãe de Deus, de Sant'Anna provem todos os santos catholicos exactamente como de *Obatalá* dependem todos os orixás yorubanos.

Torna-se assim digno de nota como os negros fetichistas se revelam por esta forma inespares, não direi de comprehender, mas de aceitar o mysterio do Deus uno e trino dos christãos, e subordinam a filiação divina ás regras e contingencias da filiação humana, fazendo, não sem logica, da avó, isto é, da mãe da mãe de Deus, ultimo termo da genealogia divina que conhecem, — a origem e a fonte de todas as divindades ou santos.

A identificação nesta capital de *Obatalá* com o Senhor do Bonfim me parece provir da paridade que existe entre o grande prestigio da devoção do Senhor do Bonfim, considerado pela nossa população

e mais milagroso dos santos bahianos, e o grande prestígio de *Obatalá* entre os negros. Diversas foram, no entanto, as explicações que desse facto me deram alguns negros, mais instruídos das suas crenças religiosas, e não duvido que ellas concorram em parte para o mesmo resultado. A uns ouvi que essa equivalencia resulta da paridade da situação dos dois santos (?) nas duas religiões, a dos brancos e a dos negros. O Senhor do Bonfim é aqui o representante de Deus na terra, como *Obatalá* é a de *Orun* na Africa. E como Deus e *Orun* não são para elles objecto de culto algum, o Senhor do Bonfim torna-se o primeiro dos santos (pelo menos nesta cidade), como *Obatalá* é o primeiro dos *Orissás*. A outros ouvi que essa equivalencia resulta de estar a Igreja do Senhor do Bonfim no alto de um monte, exactamente como na Africa, no cimo de um morro (*Ouké*) viveu e depois de morto é adorado *Obatalá*.

Um pai de terreiro referiu-me que ha aqui, no arrabalde da Plataforma um morro que tem sido adorado como *Ouké*, porque os negros depois de terem adorado *Obatalá* sobre um morro acabaram por divinizar e adorar o proprio morro. Mas seja como for o que é fóra de duvida é que o culto prestado ao Senhor do Bonfim pelas classes inferiores da nossa população está impregnado de praticas rigorosamente fetichistas. Para me tornar de todo insuspeito de qualquer *parti-pris* em favor dos meus estudos, tomarei a descripção das festas e culto do Senhor do Bonfim, no artigo as festas do *bonfim*, de um pequeno jornal literario *A Renascença* (n. 18, de 24 de Janeiro de 1895), que era publicado nesta cidade. Escreve *A Renascença*:

«O mais milagroso e festejado dos santos que temos nesta cidade é sem contestação o Senhor do Bonfim, cuja rica igreja está collocada no aprazivel arrabalde que tem o seu nome.

«Toda sexta-feira, dia que lhe é consagrado, uma romaria do povo a bunde, a carro ou a pé descalço dirige-se logo pela madrugada á igreja do miraculoso santo para ouvir as pomposas missas que são ditas neste dia, levando garrafas de azeite, velas ou milagros que consistem em quadros e peças de obra representando molestias e desgraças succedidas aos seus portadores e das quaes se livraram com vida graças á milagrosa intervenção do bondoso Senhor.»

Ora, já vimos que sexta-feira é o dia da semana consagrado a *Obatalá*, aquelle em que os iniciados deste *orixá* são obrigados a

andar de branco, trazer as contas brancas, lavar as quartinhas e mudar a agua de santo. E para provar que não é o sentimento da adoração christã que ali leva a grande massa da população todas as sexta-feiras, basta saber que quer na ida quer na volta, mesmo dentro dos bondes, as negras entoam sambas, esboçam dansas que destoam completamente das praticas christãs. As coisas chegam ao ponto da imprensa diaria reclamar providencias da policia em termos duros e por demais severos.

Sob o titulo *Vergonhoso* escrevia o *Jornal de Noticias* (n. 4640, de 31 de maio de 1895): «Para uma capital como a nossa, quotidianamente visitada por pessoas em transitio, é de pessima impressão o modo pelo qual voltam nas sexta-feiras do Bonfim, devotos dessa romaria, entoando sambas e chulas populares dentro dos bondes da *Tokentos*. Pudesse evitar fazer de publico esta reclamação e nós o faríamos.

«Infelizmente, porém, somos forçados a trazer á publicidade esses factos na esperança de uma providencia. Ahi fica o nosso protesto por semelhante abuso que muito concorre para a critica dos costumes bahianos.»

A lavagem da igreja do Senhor do Bonfim, na quinta-feira da semana da festa, é uma pratica copiada das lavagens de santo do culto fetichista e executada de accordo com os preceitos desse culto. Eis como *A Renascença* a descreve:

«A lavagem na quinta-feira era uma verdadeira bacchanal num templo christão! Negros aguadeiros e mulheres com potes d'agua e vassouras em grande alarde de sambas e vivas entravam pela igreja com o fim de lavar e os cantos obscenos, os *lundús* e a bebedeira reinavam sem respeito ao lugar, sendo toda a scena representada por homens e mulheres semi-nuas e embragadas! Terminavam sempre com disturbios, pancadaria, ciumadas, ferimentos e até, quando esquentavam-se os animos, davam-se casos de morte. Felizmente o poder competente tem prohibido semelhante festa.»

[Apenas escapou á *Renascença* observar que a prohibição se limitou á festa do Bonfim e não abrangou a lavagem no dia do fervereiro de Santo Amaro, na festa de N. Senhora das Candeias, onde o similie africano se mantém inalteravel.]

Menos constantes e claras são as equivalências das diversas invocações da Virgem Maria. A umas mãis de terreiro ouvi que lhe correspondia *Omas*, a outras que *I-mou-ji*.

Não consegui ainda saber porque fazem de Santo Antonio o equivalente de *Oyes*. Sem poder afirmar, acredito que vem aqui qualquer similitude do modo de festejar Santo Antonio com fogueiras e fogos de artifício, essa reminiscência católica do culto solar. *Oyes* é, como vimos, o deus da guerra e do ferro, das armas do fogo por tanto. É para notar que os negros festejam *Oyas*, não no dia de Santo Antonio, mas no dia de S. João.

Mas o ponto capital deste estado é que a esta equivalência das divindades corresponde a mais completa harmonia de sentimentos religiosos, na adoração prestada aos deuses dos dois cultos. E é precisamente este facto que dá a illusão da conversão catholica dos negros. Sem renunciar aos seus deuses ou *curisós*, o negro bahiano tem, pelos santos catholicos, profunda devoção levada até ao sacrificio e ao fanatismo. Mas esse sacrificio e esse fanatismo não podem ser sinais essencialmente fetichistas; os santos catholicos e até mesmo as invocações do filho de Deus constituem para os negros outros tantos *preis*.

A mãe de terreiro, Livaldina, é devotada ao mesmo tempo a N. Senhora da Conceição e a *Oyes*. O proprietario do engenho onde ella reside, admindo de ou lhe dizer que ella era ali a mãe de terreiro, me affirmava que esta negra faz grandes despesas com a festa catholica da Virgem Maria. No dia de Natal, assistiu interromper pela madrugada o *cardeoblé* que dirigia e em que se festejava *Obatalá* para ir ouvir a missa do gallo. Interpelou-a sobre o modo porque conseguia harmonizar as suas crenças catholicas e fetichista fazendo-lhe ver que não podia haver conciliação possível entre os dois cultos, pois os padres christãos não admittam a existencia das suas divindades e chamam de infieis aos que adoram pedra, idólos, etc. Ella respondeu-me que os padres não conhecem os deuses da Costa, mas que ella tem provas materiaes de que elles existem e são tão verdadeiras como os santos dos brancos. Nada tem ella que ver, porém, com a irreconciliação dos santos das duas crenças, pois não somos obrigados a expor as dissensões dos nossos amigos, e me perguntava si pelo facto de dois amigos meus se desavirem eu havia de tomar o partido de um dolles contra o outro.

Mas ha casos desta dualidade verdadeiramente notaveis pela intensidade do fervor catholico dos protagonistas. Conheço pelo menos duas negras que são catholicas fervorosas, *habituás* da igreja de N. Senhora da Piedade, submettendo-se a constantes jejuns, ouvindo missas e confessando-se de continuo e que no entanto prestam ao mesmo tempo culto igual aos fetichos africanos, vivendo na intimidade de africanos pais de terreiro, a cuja direcção espirital se submettem egamente. Uma negra que bem póde figurar no numero destas, e cujo filho de leite, hoje alumno da escola juridica, procurava convencel-a que se devia prestar a uma conferencia comigo, advertiu-lhe que não se mettesse a entender de santos da Costa, pois estava certa de que eu ainda havia de arrepende-me da minha temeridade.

Mas esta associação das praticas dos dois cultos é a coisa mais trivial e frequente nesta cidade. Nem se procura esboçar ou esquel-a. Encontram-se a cada passo vendas ou açougues como um que existe na rua da Valla onde acha-se pendurado na porta um volumoso *Osé* de Sango em quanto em um aparador, preso a uma das paredes da sala, arde dia e noite uma lamparina abaixo de um pequeno quadro de N. Senhora das Candeias.

Justamente com os outros *gris-gris* ou talismans fetichistas se encontram por toda a parte pequenas cruces de madeiras, que ao lado das figas, buzios, etc., figuram nas cestas das compradeiras, nos troleiros das vendeadeiras ambulantes, nas vendas, etc. Ha mesmo uma figa muito curiosa que se encontra em toda a parte e em que esta associação ainda é mais completa. O index da mão fechada prolonga-se bastante para terminar em uma pequena cruz.

Por este modo se torna perfeitamente comprehensivel a associação dos ritos catholico e yarubano; tem uma explicação a interposição de missas e outros actos catholicos nas grandes *ca-domblés* annuaes; das missas e requiem nos *ca-domblés* funeraes, etc.

Não se vá acreditar no entanto, que estas praticas limitem e circumscrevam a sua influencia aos negros mais boçes e ignorantes da nossa população. Tylor affirmo que é tal o prestigio communicativo das crenças fetichistas, que mesmo o europeu estabelecido na Africa experimenta a sua acção, não sendo difficil descobrir-lhe no pescoço um osso, uma garra ou um objecto semelhante, que lhe traz ás

essentidade. E' o que ali se expressa, dizendo que o individuo está apto a se — *formar negro*.

Para nos servir da expressão de Tylor ou melhor da expressão consagrada na Costa d'África, pode-se affirmar que na Bahia todas as classes, meoia a dita superior, estão aptas a se *formarem negros*. O numero dos brancos, mulatos e individuos de todas as cores e matizes que vão consultar os negros feiçeiros nas suas afflicções, nas suas desgraças, dos que creem publicamente no poder sobrenatural dos talismans e feitiços, dos que, em muito maior numero, zombam delles em publico, mas occultamente os ouvem, os consultam, esse numero seria incalculavel si não fosse mais simples dizer de um modo geral que é a população em massa, a excepção de uma pequena minoria de espiritus superiores e esclarecidos que tem a noção verdadeira do valor exacto dessas manifestações psychologicas. E' que no Brazil o mestiçamento não é só physico e intellectual, é ainda affectivo ou dos sentimentos, religioso igualmente portanto.

Todavia, nesta affirmacão geral o asserto teria pouco valor si não pudesse ser comprovado com documentos, e os dois casos que de momento posso invocar em apoio, como dos mais notaveis nos ultimos tempos, melhor o demonstrarão.

Quando ha quatro annos (1893), o cholera-morbus manifestando-se na Europa prendia a attenção do Brazil inteiro que justamente se arrojára da importação da epidemia, espalhou-se um dia em toda esta cidade a noticia de que em um dos *condoubs* dos arrabaldes, o *ooutani* ou Santo *Gowod* havia declarado no pai do terreiro que a cidade estava ameaçada da invasão de uma peste terrivel. Como unico recurso effiz para conjurar o perigo imminente indicava elle o acto expiatorio ou votivo de levar cada habitante uma vela de cera a santo Antonio da Barra, que tendo a sua igreja situada na entrada do porto, podia facilmente impedir a importação da epidemia. Para logo levar uma vela a Santo Antonio da Barra tornou-se a preoccupação exclusiva de toda a população, e a romaria tomou proporções taes que em breve quasi não havia mais espaço na igreja para receber as velas votivas.

A intervenção pela imprensa do clero catholico veio tirar toda a duvida sobre a precedencia fetichista desta manifestação a Santo Antonio da Barra, demonstrando ao mesmo tempo o prestigio e a influencia das praticas fetichistas na nossa população.

67

68

O que é mais grave é que o orgão catholico denunciou a irmandade deste santo como conivente nessa exploração da credulidade fetichista do publico. Transcrevendo aqui esses documentos de precioso valor para a demonstração da nossa these, não tenho em mira reviver as animosidades de que se resentem. Mas elles são a um tempo o reconhecimento official da existencia dos cultos africanos neste estado, a proclamação do prestigio e vasta extensão dessas crenças na população bahiana e a confissão documental do clero catholico da associação de praticas catholicas com praticas fetichistas. Não podemos assim prescudir delles.

Sob o titulo *Romaria a Santo Antonio da Barra*, o *Jornal de Noticias* (n. 4087, de 17 de julho de 1893) escreveu:

« Referindo-se a essa supersticiosa romaria que, dia a dia, torna-se mais consideravel observa o nosso collega do *Monitor Catholico*: « Temos ouvido e lido diversas versões sobre semelhante romaria e sua origem que provocam de nossa parte a mais justa indignação, que não podemos conter, profligando severamente semelhante e supersticiosa pratica, semelhante e injustificavel abuso.

« Pois havemos de ser victimas da ignorancia, da má fé, dos embustes, dos fetiches muitas vezes *alinhados* pelos interesses de quem quer auferir lucros e esmolas para a festa de Santo Antonio da Barra, para constituir-se o santo catholico alvo de manifestações estupidas e sem razao plausivel?

« Queremos o culto para os grandes heroes que o catholicismo tem levantado ás alturas da veneração, como modelos de virtude, dignos do respeito universal; queremos que as promovam festas e solemnidades as mais pomposas em sua hora; mas a especulação, essa romaria banal, não; é deponente, é anti-christna, é endruxula.

« E' necessario um remedio effiz contra semelhante mal que vai se propagando fóra da capital; pois já se fala em romarias que virão de Cachoeira, de S. Amaro, etc.. Urge uma medida energica por parte do clero que não deve ser alheio a semelhante facto. O remedio poderosissimo, effiz, na presente situação, é a pregação, a orientação do povo por parte dos senhores vigarios. E' de toda a conveniencia que em suas matizes os Revd. Srs. vigarios falem, peguem, illustrem os ignorantes com quem se está especulando.

« É necessária a pregação, quando sabemos que não são simplesmente os populares e gente das últimas camadas os que procuram a capela de Santo Antonio da Barra, mas familias e boas familias que se vão deixando cegar pela supersticiosa pratica.»

69 Não podia ser mais explicito. Mas para deitar os pontos nos z, no dia seguinte a comissão promotora da festa de Santo Antonio da Barra respondia ao *Monitor Catholico* nos seguintes termos (*Jornal de Noticias*, n. 4088 de 18 de julho de 1893):

70 « A comissão encarregada de realizar a festa do glorioso Santo Antonio da Barra, no anno de 1894, lendo no *Jornal de Noticias* de 17, uma observação extrahida do *Monitor Catholico*, não pôde deixar de responder e protestar, desde que essa folha attribua-lhe a autoria da dita romaria.

« Somos religiosos e catholicos, talvez mais que a propria folha intitulada *Monitor Catholico*, para que descessemos da nossa dignidade em ir pedir a um Africano para que esse, debaixo de um nome de seus santos, incutisse no espirito do nosso povo que deveria em romaria levar velas e esmolas a Santo Antonio da Barra, assim de que tivessamos dinheiro para fazer-se a festa do mesmo santo. É preciso que saiba o *Monitor Catholico* que todos os annos realiza-se com toda a pompa a festa de Santo Antonio da Barra, independente do romaria. Nunca assistimos a nenhum *casotomé*, porém, quem sabe si a gente do *Monitor Catholico* os não frequenta e toma parte nos lautos banquetes que nelles se dão ?

« Nunca lembrou-se o tal *Monitor Catholico* de chamar a attenção do clero deste estado quando a igreja de Santo Antonio da Barra estava em abandono e que se hoje não está no chão é devido nos esforços do Sr. José de Azevedo Fernandes, que desde 1883 tornou-se protector e benefactor da mesma; disse nunca soube e nem viu o tal *Monitor Catholico*, porém sabe agora chamar contra a romaria dos devotos que têm ido levar algumas velas e esmolas a Santo Antonio, tudo isto por inveja e porque nada lhe rende !

« Attenuemos, porém, ao tal *Monitor Catholico* que vá ao papai Terreiro ver se consegue do tal santo *Gomez* alguma romaria para si, assim de tambem ter velas para abumiar seu prelo e melhor distribuir o celeberrimo *Monitor Catholico* nos seus assignantes.»

71 Não parece no entanto que tivesse grande efficacia a pregação aconselhada pelo *Monitor Catholico*, pois a romaria a Santo Antonio

da Barra não foi a ultima façanha de S. *Gomez* cujo culto continuou então como continúa hoje inalteravel e firme. O terreiro do S. Lazaro do pai Joaquin N. da Silva onde se manifestou S. *Gomez* tem por diversas vezes depois disso chamado a attenção da policia a pedido e reclamação dos vizinhos.

O segundo exemplo não é menos eloquente pela expressão da dualidade que, apesar de todas as igualdades politicas e constitucionaes, a ethnologia estabelece na nossa população.

Quando, em dias de abril de 1895, as lutas politicas das facções partidarias deste estado, chegaram a uma tensão tal que a toda a hora se esperava o rompimento da guerra civil, aprazada para o dia da abertura do parlamento estadual, a população desta cidade, justamente sobresaltada e em parte em franco exodo, foi um dia informada de que na porta do edificio das camaras, annexocera de posto um grande feitiço ou *coisa feida*. A imprensa diaria metteu o caso a ridiculo sem se lembrar de que era aquelle um modo de intervenção da população fetichista da cidade, tão logico e legitimo na sua manifestação sociologica, quanto era natural a intervenção do digno prelado archidiocesano que, conferenciando com os chefes dos dous grupos litigantes, procurava estabelecer a paz e a concórdia na familia bahiana.

Mas não é só o culto catholico que recebe na Bahia o influxo do fetichismo negro. Tambem reflectem essa influencia as praticas espiritas e a cartomancia.

Existe nesta cidade, no Bom Gosto da Calçada do Bomfim, uma mulher que dirige sessões espiritas muito afamadas e concorridas. Em companhia dos distinctos collegas, Drs. Alfredo Brito, Aurelio Vianna e Juliano Moreira que ali iam em commissão da *Sociedade de Medicina Legal da Bahia*, tive occasião de assistir uma destas sessões onde devia colher notas curiosas para o presente estudo.

A directora da casa, mulher mestiça, quasi branca, que se diz *cobocá* (mestiça de indio) é ao mesmo tempo directora da *trope* espirita e mãe de terreiro, alternando de tempos a tempos as sessões espiritas com os *casotomé*. A historia da revelação da sua vocação espirita ou medianimica não é pouco curiosa e expressiva. Viviu em serias difficuldades financeiras com o amante que é um italiano, antigo mercador ambulante de livros velhos, quando, tendo ido um dia assistir um *casotomé* africano, caiu de repente

em estado de nudo e toda vestida e calçada como se achava lançou-se a dançar por muitas horas até tombar extenuada. Aquella visita foi uma revelação, a sua fortuna estava feita, era só abrir uma casa de consultas espiritas. Aberta a casa, a fortuna fez-se rapidamente com lucrativa clientela.

Ainda não me foi possível ir assistir o *caudouable* para que aliás já estão convidado, mas não tem pequeno alcance a sessão spirita de que fui testemunha. Na casa de um só pavimento, em que funciona a *troupe*, além da sala de espera para os consultantes e de alguns aposentos particulares da família, existem duas peças capitais. A sala das sessões, installada onde devia ter sido a sala de jantar e a capella armada num quarto vizinho.

É uma linda e bem arranjada capella catholica com muitas imagens e quadros de Christo, da Virgem e de santos. Ha ali todos os preparativos necessarios para se celebrar missa, e missas, dizem, ali se tem celebrando. A sala das sessões espiritas, larga e espaçosa, é forrada de esteira e pano porque nella devem cair os possuidos dos espiritos ou médios. Estas médias são negras, mulatas e brancas que ficam alinhadas de encontro as paredes, enquanto de pé no meio da sala, a cabocla toda vestida de branco entoa a invocação em voz de falsete, passando de um para outro lado. A formula estruxula da invocação dirige-se a Deus, a Virgem, ás almas, aos santos africanos ou *orixás*. É um specimen a seguinte:

« Andava nas matias, andava nas selvas, a Virgem sempre adorando ! Vinde homens, vinde almas, vinde sem demora, pelo poder de Deus de Israel, pelo poder do Salvador, pelo poder de Ogun ! »

Ao que as médias repetem em coro :

« Andava nas matias, andava nas selvas, um Deus verdadeiro, andava adorando. »

De repente uma ou mais das médias põe-se a tremer, a cambalear, a descrever movimentos chorativos, gestos salutaricos, etc., e por fim caem redondamente em violentas convulsões hystero-epilepticas. É a manifestação do espirito.

A cabocla dirige-se á média, interpella-a, indagando quem é o que fez e o que quer. Ella responde invariablymente que é a alma de uma pessoa que foi sua conhecida e que morren na hospital de Caridade ou em qualquer catastrophe que mais tenha impresso no espirito publico, pede uma oração qualquer que é rezada ali

mesmo e desperta em seguida. A's vezes em estado de somnambulismo procura systematizar typos conhecidos como o de um barão ha tempos fallecido ou mesmo ainda vivo, que espirrava muito e usava grande lenço de rapé; o de um hemiplegico que andava pelas ruas arrastando a perna, etc.

Como já referi quando me occupei da hysteria no negro, as manifestações mais francas da nevrose constituem o fundo do pretenso espiritismo da cabocla. Mas o que ha de curioso é que estes mesmos médios servem nos *caudouables* para as manifestações dos santos africanos ou *orixás*, o que ainda uma vez corroborava a opinião de que os estados de nudo dos afro-baianos não são mais do que manifestações de somnambulismo hysteric.

Não é para desprezar a observação que a cabocla fez á commission, de que os negros ou individuos que têm sangue de negro não são mais facéis de cair de nudo do que os brancos. Grande como é o numero de médios sobre que ella tem experimentado, a sua opinião tem autoridade neste particular.

A mais afamada e consultada das cartomantes desta cidade é ainda uma mulata que dirige *caudouables*. Ainda ha pouco tempo uma senhora da nossa melhor sociedade communicou-me confidencialmente que, tendo ouvido á cartomante Josephina sobre os seus esfrimmentos, esta aconselhou-lhe que mandasse dizer missas a diversos santos catholicos e fazer festas a *Sangô* e a *Oyá*. E como á mehora lhe declarasse que lhe era facil satisfazer a exigencia em relação aos santos catholicos, mas muito difficil em relação aos *orixás*, a cartomante propoz-lhe incumbir-se desta última parte. A cartomante Josephina tem residido em diversas partes desta cidade sempre com grande celebridade o clientela: foyda, afirma-se, até por médios distintos em apuros de concurso na Faculdade. De um se diz que foy em concurso diagnostico psychiatrico por inspiração da cartomante. Tal é a disposição de animo da nossa população em geral.

Continuar a afirmar, em face de todos estes documentos, que os negros bahianos são catholicos e que tem exito no Brazil a tentativa de conversão, é, portanto, alimentar uma illusão que pôde ser cara aos bons intuitos de quem tinha interesse de que as coisas se tivessem passado assim, mas que certamente não está conforme á realidade dos factos.

Dr. NINA RODRIGUES

## Notas

1. Na VF, a palavra "nesciência" é traduzida por *ignorance*.
2. Na VF, a palavra "freniatria" é traduzida por *psychiatrie*.
3. Na VF, a palavra "vegeta" é traduzida por *épanouit* (desabrocha), o que dá ênfase ao crescimento e ao vigor do candomblé.
4. Na VF, em vez de "rude" é usado *éprement* (violentamente).
5. Na VF, a expressão "crenças mestiçadas" é substituída por *creyances abâtardées* (crenças abastardadas).
6. Na VF, a expressão "zoologia fetichista" é substituída por *ibologie fétichiste*.
7. Na VF, não consta "e nas Antilhas".
8. Na VF, a palavra Jorubá é grafada como *Yoruba*.
9. Na VF, a palavra "turcos" é substituída por "incas".
10. Essa nota foi introduzida na VF no capítulo I.
11. Na VF, a palavra "resistência", evidente erro gráfico, é substituída por *résidence* (residência).
12. Na VF, a nota 10 foi introduzida aqui.
13. A VF remete a uma *figure 1* que não aparece no texto. É possível, porém, que

seja a mesma fotografia da inscrição no açougue que aparece como figura 6 no capítulo 5 do livro de NR, organizado por Homero Pires, *Os africanos no Brasil* (São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1932). As figuras 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8, também mencionadas ao longo do texto, não foram inseridas nem na VF, nem na edição de 1935 de Artur Ramos.

14. Na VF, insere-se o seguinte trecho:

*La conception et la représentation matérielle des Orisás yorubans marquent une phase curieuse et importante de l'évolution religieuse, qui doit déjà avoir été appréciée comme elle le mérite par les ethnographes, mais qui, en tout cas, ne se trouve pas mentionnée dans les ouvrages sur la matière que j'ai pu consulter.*

*La conception des Orisás est déjà franchement polythéiste; elle constitue une véritable mythologie, en même temps que sa représentation matérielle reste encore entièrement fétichiste. En général, les Orisás ou sont des phénomènes météorologiques divinisés ou proviennent de créations esbémériques. Pour le moment ils sont encore représentés par des objets inanimés comme l'eau, la pierre, les coquillages, le fer, le plomb etc., ou par des arbres, des fruits, que la simple singularité des formes ou tout autre caractère accidentel désigne au choix, sans qu'une ressemblance quelconque avec un être humain préoccupe les noirs.*

*Il y a cependant dans le culte yoruban des figures et des images que quelques observateurs et des voyageurs ont pris par erreur pour des idoles. J'ai cherché à me rendre compte de la signification de ces figures, et je puis affirmer qu'au moins dans la généralité des cas, elles ne sont pas destinées à représenter les Orisás. Ces figures ne sont autre chose que des ornements représentant des prêtres ou des croyants, mais où ne résident*

*pas des Orisás; elles ne sont donc par conséquent ni des fétiches ni des idoles. Ce sont des manifestations de la sculpture très rudimentaire des noirs; elles font partie des ornements des saivits et sont destinées à être portées dans les mains lorsque le prêtre ou l'intéressé dans ce état de saint.*

*Il est certain que si un prêtre ou sorcier voulait appeler ou fixer le saint dans une de ces figures, il le pourrait, puisqu'il peut appeler ou fixer le saint dans n'importe quel objet ou dans une personne quelconque, mais dans ce cas la figure cesserait de jouer le rôle qui lui est attribué dans les pratiques religieuses et deviendrait un saint ou Orisá, et comme tel ne pourrait plus être retiré de l'autel particulier aux saints.*

*Ce fait montre indiscutablement le chemin que la transformation du fétichisme en idolâtrie a parcouru chez les noirs Yorubans. Il suffit que les sorciers viennent à fixer les saints de préférence dans ces figures, pour que la transformation soit achevée.*

A concepção e a representação material dos orixás iorubanos marcam uma fase curiosa e importante da evolução religiosa, que já deve ter sido devidamente apreciada pelos etnógrafos, mas que ainda não está mencionada nos livros que consultei sobre o assunto.

A concepção dos orixás é francamente politeísta; constitui uma verdadeira mitologia, enquanto sua representação material permanece ainda inteiramente fetichista. Em geral, os orixás são fenômenos meteorológicos divinizados ou provêm de criações evemeristas. Até este momento, são representados por objetos inanimados como a água, a pedra, os búzios, o ferro, o chumbo etc., ou por árvores, frutos, escolhidos ao acaso, pela peculiaridade da forma ou por qualquer outro caráter accidental, sem que os negros procurem

nesses elementos alguma semelhança com o ser humano.

Existem, porém, no culto iorubano figuras e imagens que alguns observadores e viajantes consideraram equivocadamente como ídolos. Tentei descobrir o significado dessas figuras e posso afirmar que, pelo menos em geral, elas não se destinam a representar os orixás. Tais figuras nada mais são que enfeites representando sacerdotes ou crentes, mas nas quais não residem orixás; logo, elas não são fetiches nem ídolos. São manifestações da escultura rudimentar dos negros; fazem parte dos enfeites dos santos e destinam-se a ser carregadas nas mãos quando o sacerdote ou o iniciado dança em estado de santo.

É certo que se um sacerdote ou feiticeiro quisesse chamar ou fixar o santo em uma dessas figuras poderia fazê-lo, uma vez que pode chamar ou fixar o santo em qualquer objeto ou pessoa; mas, nesse caso, a figura deixaria de desempenhar o papel que lhe é atribuído nas práticas religiosas e se tornaria um santo ou orixá, e, como tal, não poderia mais ser retirada do altar particular dos santos.

Tal fato mostra, indiscutivelmente, o caminho percorrido pela transformação do fetichismo em idolatria entre os negros iorubanos. Basta que os feiticeiros venham fixar os santos preferidos nessas figuras para que a transformação se complete.

15. Na VF, há a seguinte frase sobre Obatalá:

*Obatalá est invoqué sous divers noms. Ses dénominations les plus importantes sont celles d'Orisa-Guinam et de Gunocô, plus spécialement adoré par les africains de la nation Taba.*

Obatalá é invocado sob diversos nomes. Os mais importantes são Orixá-Guinã e Guinocó, adorado sobretudo pelos africanos da nação tapa.

16. O autor usa alternadamente Gatais, Gantais, Gantois.

17. Na VF, é inserida a seguinte frase:

*De même qu'Obatalá, Esú est invoqué sous divers noms. Ses dénominations les plus importantes sont: Esú-Bará et Esú-Ogum. Sous la première, il est représenté par des tertres élevés par les termites, où les nègres découvrent des caractères spéciaux. Cependant dans les endroits où l'on ne trouve pas des tertres [...]*

Assim como Obatalá, Exu é invocado sob vários nomes. Suas denominações mais importantes são Exu-Bará e Exu-Ogum. Exu-Bará é representado por ninhos construídos pelos cupins, nos quais os negros descobrem sinais especiais. No entanto, nos lugares onde não há ninhos de cupins[...]

18. Na VF, o texto continua da seguinte maneira:

*[...] bien qu'il n'y eût la moindre ressemblance.*

*Esú-Ogum, au contraire, est représenté par des fétiches spéciaux dans la confection desquels entre le fer et dont font partie les ornements reproduits par les fig. 2 et 3. Ces deux figures représentent deux adorateurs africains; une femme qui apporte dans la calabasse qu'elle a en mains, les offrandes destinées au saint et un homme qui joue du*

*représentés par la fig. 4 et 5, d'un poids de plus de 15 kilogrammes chacun et d'une longueur totale de plus d'un mètre, se prennent au fétiche et sont portés sur les épaules par l'initié pendant la danse sacrée. Comme on le voit, on trouve là de tout: des peignes, des petites gourdes, des cuillers, des coquillages de différentes sortes, des nattes, des éventails, des figues, innombrables grigris du reste. Un fait bien significatif nous montre le rôle secondaire des figures d'Esú. Chez le père du terreiro à qui elles appartiennent et qui nous les a confiées pour faire faire les photographies que nous reproduisons, elles étaient jetées sur une table, couvertes de poussière, tandis que dans une corbeille placée sur un banc s'étalait le fétiche – petit morceau de fer et de bois entièrement brodé de perles en verrerie et d'un jeun fin – bien soigné, entouré d'aliments et de pots d'eau divine reposant sur les grands tas de grigris décrits plus haut.*

[...] apesar de não haver a menor semelhança.

Ao contrário, Exu-Ogum é representado por fetiches especiais, confeccionados com ferro, como se vê nos enfeites das figuras 2 e 3. Essas figuras representam dois adoradores africanos: uma mulher que traz um alguidar com as oferendas para o santo e um homem que toca uma flautinha. Os grandes adornos ou adereços reproduzidos nas figuras 4 e 5, que pesam mais de quinze quilos cada um e têm mais de um metro de comprimento, são presos ao fetiche e carregados nos ombros pelo iniciado durante a dança sagrada. Como se percebe, há de tudo: pentes, pequenas cabaças, colheres, búzios de todo tipo, esteiras, leques, figas e inúmeros grigris. Um fato significativo mostra o papel secundário das figuras de Exu. No

terreiro do pai-de-santo a quem elas pertencem e que as emprestou para que fizéssemos as fotos aqui reproduzidas, essas figuras estavam jogadas em uma mesa, empoeiradas, ao passo que em uma cesta colocada em um banco estava o fetiche – pedacinho de ferro e madeira todo coberto de miçangas e de couro – bem arrumado, cercado de alimentos e de potes com água divina, deitado sobre a montoeira de grigris acima descritos.

19. Na VF, é introduzida a seguinte nota:

*Les deux citations suivantes nous donnent l'interprétation naturelle du culte des pierres de tonnerre, des haches en silex, si répandus chez nous. "Il faut remarquer que les Sionx, au milieu de toutes les idées fantastiques à propos des orbesaux tonnerre, nous fournissent la clef du grand mythe relatif au tonnerre, mythe qui se reproduit dans tant de pays. Ils considèrent que l'éclair pénètre dans le sol et lance dans toutes les directions des pierres de tonnerre qui ne sont autre chose que des silex etc.; le raisonnement qui les a portés à adopter cette croyance est, en somme, très-fondé, car ils ont remarqué que le silex et les pierres analogues produisent des étincelles quand on les frappe" (Tylor, v. 11 p. 341).*

*"Sango, qu'on appelle aussi Dzakuta, le jeteur de pierres, car c'est lui qui, pour les Yorubas, lesquels comme tant d'autres peuples ont oublié l'âge de la pierre, a jeté du ciel les haches en pierre, que l'on trouve dans le sol et que l'on conserve comme des objets sacrés" (Tylor, p. 343).*

As duas citações seguintes oferecem a interpretação natural do culto das pedras-de-raio, dos machados de sílex, que se encontram com frequência em nossa terra. "Convém notar que os sionx, em razão a todas as idéias fantásticas

a respeito dos pássaros-raio, oferecem a chave do grande mito, difundido em tantos países, relativo ao raio. Crêem que o raio penetra no solo e espalha para todos os lados pedras de trovão que são sílex etc.; o raciocínio que os levou a essa crença tem seu fundamento, pois observaram que o sílex e as pedras desse tipo produzem faíscas quando nelas se bate" (Tylor, p. 341).

"Xangô, também chamado Dzakutá, o emissor das pedras, porque foi ele quem, para os iorubanos, como para tantos outros povos que esqueceram a idade da pedra, atirou do céu machados de pedra, que são encontrados no solo e conservados como objetos sagrados" (Tylor, p. 343).

20. Na VF, este parágrafo é substituído por:

*Dans le culte de Sango il y a encore une figure nommée Osé de Sango. Comme on le voit dans la fig. 6, il représente un prêtre revêtu des insignes de Sango, tenant dans chaque main une hache en silex ou fétiche. Selon les explications qui m'ont été données par un père de terreiro, le météorite que la figure porte à la tête, symbolise l'état de possession où Sango s'empare de l'initié au moment où il pénètre sa tête. Le fini manque parfois à la figure; le prêtre fétichiste est alors sculpté dans un morceau de bois grossier auquel la hache en silex de la tête donne la forme d'une croix.*

*Cette idole est à peine un ornement et il y a des temples ou terreiros où on ne le trouve même pas. En tout cas l'adoration du météorite est directe; les renseignements, que j'ai recueillis à cet égard sont catégoriques. Le saint ou Orixá est la pierre elle-même où, comme me le disait une négresse, le Saint se trouve enchanté. Sango est donc la manifestation la plus claire de la litholâtrie du Bahia.*

No culto de Xangô, há também uma imagem chamada Oxê de Xangô. Como se vê na figura 6, é representado como um sacerdote, revestido com as insígnias de Xangô, que segura em cada mão um machado de sílex ou fetiche. Segundo as explicações que me deu um pai-de-terreiro, o meteorito que a figura carrega na cabeça simboliza o estado de possessão pelo qual Xangô se apodera do iniciado no momento em que entra em sua cabeça. Às vezes, a figura é meio tosca; o sacerdote fetiche é esculpido em um pedaço de pau grosseiro, e o machado de sílex da cabeça dá a impressão de um báculo.

Esse ídolo é um mero enfeite, e há templos ou terreiros onde ele não existe. Em todo caso, a adoração do meteorito é direta; as informações que obtive a respeito são categóricas. O santo ou orixá é a própria pedra na qual, como me dizia uma negra, o Santo se encontra encantado. Xangô é, portanto, a manifestação mais explícita da litolatria baiana.

21. Na VF, a palavra "meteoristas" é substituída por "météorites".

22. Na VF, as duas frases:

Yansan e Osun mulheres de Sangô também são divinizadas e adoradas sob a forma de meteoritos.

Por Oké, mostrou-me Livaldina outra pedra da mesma natureza, que apenas se distinguia das precedentes por uma faixa branca devida a um veio mineral de cor diferente.

*Yansan, Osun, Osun-manrê, Yê-man-já sont, comme Sango, des divinités issues de phénomènes météorologiques, ou de l'eau, mais tous, de même que Sango, ont pour fétiches des itas, c'est-à-dire des pierres de provenances diverses.*

*Yansan, déesse ou Orisa des vents et des tempêtes, que pour ce motif on regarde comme la femme de Sango ou du tonnerre qu'elle accompagne toujours, est représentée par une pierre, mais elle a dans son culte, comme montre la fig. 7, une image de femme dont la rame, qu'elle tient en main, semble indiquer qu'on la regarde comme une déesse des navigateurs.*

*Osun, la déesse ou Orisa des sources et des lacs, regardée comme une autre femme de Sango, sans doute à cause des relations existantes entre les coups de tonnerre, les pluies et les sources, est représentée par une pierre fluviale ou lacustre spéciale. C'est exactement la nymphe des grecs et des romains, qui animait toutes les sources et les ensembles. La fontaine St. Pierre, voisine de la maison où je demeure dans cette ville, est l'objet d'un culte fétichiste fervent, parce que c'est la demeure d'un Osun.*

*Osun-manrê ou l'arc-en-ciel, ainsi que l'indique son nom, est parent très proche d'Osun.*

Iansã, Oxum, Oxumarê, Iemanjá são, como Xangô, divindades oriundas de fenômenos meteorológicos ou da água, mas todos, assim como Xangô, têm por fetiche itas, isto é, pedras de diferentes procedências.

Iansã — deusa ou orixá dos ventos e tempestades, que por esse motivo é vista como a mulher de Xangô ou do trovão que ela sempre acompanha — é representada por uma pedra, mas no culto, como se vê na figura 7, está sob a

o que parece indicá-la como deusa dos navegadores.

Oxum — deusa ou orixá das fontes e lagos, considerada como outra mulher de Xangô, provavelmente pela relação existente entre a trovoadas, a chuva e as fontes — é representada por uma pedra fluvial ou lacustre especial. É o equivalente da ninfa dos gregos e romanos, que animava todas as fontes e regatos. A fonte de São Pedro, perto da casa onde moro nesta cidade, recebe um fervoroso culto fetiche porque é a morada de um Oxum.

Oxumarê, ou arco-íris, tal como o nome indica, é parente próximo de Oxum.

23. Na VF, o autor remete o leitor a uma figura ilustrativa:

*La fig. 7 indique la manière dont il est le plus fréquemment représenté [...]*

A figura 7 mostra a maneira como costuma ser representado [...]

Esta figura 7 já havia sido citada no trecho da nota 22 como uma ilustração de uma pedra de Iansã. Aqui ela se refere à representação de Ogum. Estas figuras não aparecem em nenhuma das edições desta obra, como já foi dito.

24. Na VF, é inserido o seguinte trecho:

*Nos nègres donnent facilement le nom de mère des eaux même à des lacs insignifiants. Au Dique, petit lac souriant, encaissé au fond de la vallée où passe la route de Rio-Vermelho, les nègres de Bahia adorent Yê-man-já. Aux jours de fête, nègres et mulâtres, en procession bruyante, abortent dans de petites barques les*

*offrandes de Yê-man-já. Ils vont jusqu'au milieu du Dique où ils les jettent à l'eau.*

Nossos negros baianos dão o nome de mãe-d'água até a lagos insignificantes. No Dique, lagozinho encaixado no fundo do vale por onde passa a estrada do Rio Vermelho, os negros adoram Iemanjá. Nos dias de festa, negros e mulatos, em procissão ruidosa, trazem em pequenas canoas as oferendas para Iemanjá. Vão até o meio do Dique e tiram na água seus presentes.

25. Na VF, é inserido o seguinte trecho:

*C'est de la même manière que nous devons interpréter l'Orisa Ifá représenté par le fruit spécial d'un palmier (dendezeiro) qui par phénomène renferme parfois quatre noix: un lieu de trois, chiffre ordinaire. Ifá est le dieu des divinations par excellence, et sans vouloir créer ou forcer des analogies, cette manière de le représenter par un végétal a peut-être sa source dans la nature de l'instrument spécial dont se servent les sorciers à Ifá pour faire leur prédications ou augures. Cet instrument, comme l'indique la fig. 8, se compose d'une chaîne métallique, où l'on intercale de distance en distance la moitié d'une noix de mangue. Le sorcier jette son instrument d'une certaine façon et tire ses déductions de la position que prennent en tombant les moitiés des noix de mangue.*

Do mesmo modo deve-se interpretar o orixá Ifá, representado pelo fruto especial de uma palmeira (dendezeiro) que, excepcionalmente, pode conter quatro em vez de três sementes. Ifá é o deus das adivinhações por excelência e, sem querer criar ou forçar analogias, esse modo de representá-lo por um vegetal talvez proceda da

natureza do instrumento especial de que se servem os feiticeiros de Ifã para fazer suas prédicas ou augúrios. Esse instrumento, como se vê na figura 8, compõe-se de uma corrente de metal, onde se intercala a determinados intervalos a metade de um caroço de manga. O feiticeiro lança seu instrumento de certa maneira e faz suas deduções de acordo com a posição em que caem os caroços de manga.

26. Na VF, cita-se o nome de Girard de Rialle e não apenas Rialle.

27. Na VF, os "áfrico-baianos" aparecem como *les africains et les créoles de Bahia*; (africanos e crioulos da Bahia).

28. Na VF, há aqui uma nota:

*Jules Ribeiro dans son roman A carne (La chair), attribue aux nègres de Saint Paul la connaissance du mot xoganga. Mais, je crois bien que Ribeiro n'a pas entendu ce mot prononcé par des nègres et qu'il ne l'a appris que par les récits des voyageurs européens.*

No romance *A carne*, Júlio Ribeiro atribui aos negros de São Paulo o conhecimento da palavra *xoganga*. Mas julgo que esse autor não ouviu a palavra pronunciada por negros e sim que soube dela por meio das narrativas de viajantes europeus.

29. Na VF, o autor converte os francos para réis (2.500 francos a 400 réis o franco).

30. Na VF, o autor converte 3 léguas

31. Na VF, foi retirada esta última frase: [...] para um espírito mais recalcitrante e atilado, qualquer reclamação importaria em confessar que estava fingindo, ou não era verdadeiro o estado de santo, pois que, quando o santo abandona o médium, este não deve conservar a menor lembrança do que se passou.

32. Na VF, esse erro gráfico "sino" é corrigido e em seu lugar escrita a palavra *siège* (símio).

33. Na VF, a expressão "rapariga" aparece como *jeune négresse* (jovem negra).

34. Na VF, o nome Afonso Britto aparece como Alfredo Britto.

35. Na VF, Oubatalá é grafado como Obatalá.

36. Na VF, o nome Mateus Souto aparece como Mateus dos Santos.

37. Na VF, a expressão "abaxia-coreiforme" aparece como *abaxie coreiforme*, e na edição de 1935 de Artur Ramos, como *abasia-coreiforme*.

38. Na VF, a expressão "astasia-abaxia" aparece como *astaxie-abaxie*, e na edição de 1935 de Artur Ramos, *astasia-abasia*.

39. Na VF, a palavra "atônica" é corrigida e em seu lugar escrita a palavra *ataxique* que, na edição de 1935, Artur Ramos traduz por atávica.

40. Na VF, há aqui uma nota:

*Espèce de bouillie épaisse et consistante,*

*avec du riz ou du maïs broyé très fin. Cette pâte est très cassante et on la dit battue lorsqu'elle est divisée en petits morceaux. C'est un produit de l'art culinaire africain.*

Espécie de mingau grosso e consistente, parecido com a polenta italiana, preparado com arroz ou fubá. Essa massa se quebra com facilidade e diz-se que está batida quando é dividida em pequenos pedaços. Faz parte da culinária africana.

41. Na VF, há aqui uma nota explicando para os franceses o que significa uma "venda":

*On appelle venda, au Brésil, un établissement qui tient de l'épicerie et du cabaret.*

Chama-se venda no Brasil, um estabelecimento que é, ao mesmo tempo, mercearia e botequim.

42. Na VF, há uma nota do tradutor:

*Espèce de bourrelet [bourrelet] que les nègres plaient sous le fardeau qu'ils portent sur la tête.*

Espécie de pano enrolado que os negros colocam sob o fardo que carregam na cabeça.

43. Na VF, a expressão "outros negros" é substituída por "*autres nations africaines*" (outras nações africanas).

44. Na VF, existe a seguinte nota:

*Il est d'usage à Bahia de faire célébrer une messe pour le repos de l'âme du mort, le*

É costume na Bahia celebrar uma missa para o repouso da alma do morto, no sétimo e no trigésimo dia após sua morte.

45. Na VF, *Mumba-Jumion*.

46. Na VF, é inserido o seguinte parêntese: (*peut-être l'association nommée chez les Nagô Ogbonís*); (talvez a associação denominada Ogbonís entre os Nagô).

47. A palavra "influência" é corrigida na VF por *affluence* (afluência).

48. Na VF, a palavra é grafada como *Orisala*, e na edição de 1935 de Artur Ramos como "Orixa-lá".

49. Na VF, "bantos" está grafado *bantous* e na edição de 1935 de Artur Ramos "bantús".

50. O trecho seguinte não está presente na VF: Mais adiante, em contraposição aos cafres, ele salienta a preponderância mítica no ânimo dos negros da África Ocidental. "Na África Ocidental, escreve ele, o animismo primitivo é mais desenvolvido. Nessas regiões onde a vida do homem é coisa tão precária aos pobres indígenas são muito dispostos a atribuir um poder sobre-humano às coisas e às pessoas... [sic]. Foi para essas populações da África Ocidental que se inventou a palavra "fetichismo". De fato, é nesta região que se vai encontrar como na Bahia, as *casas fetiches* ou *Iari-Orisais*, a feitiçaria se organizando em culto, o fetichismo difuso se constituindo em mitologias rudimentais, a idolatria em via

51. Na VF, este capítulo se chama *La conversion des afro-bahianais au catholicisme*, título mantido na edição de 1935 de Artur Ramos: A conversão dos afro-baianos ao catolicismo.

52. Nesta nota o autor refere-se ao livro que seria editado pela Wilke, Picard & C., sob o título *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia. Essai d'ethnographie religieuse et de psychologie criminelle*. O livro nunca foi editado pela Wilke, Picard & C. Foi sim editado em francês, na Bahia, mas sem o subtítulo.

53. Na VF, o autor se refere a negros e não a negras.

54. Na VF, existe uma nota com a referência da citação: Tylor, loc. cit. v. II, p. 156.

55. Na VF, a grafia é *Orisa-lá*.

56. Na VF, a palavra "população" é substituída por *population blanche* (população branca).

57. Na VF, há aqui uma nota: *Voir "lundu", pg. suivante*.

58. Na VF, há uma nota:

*Sorte de danse des nègres très indécente, dans laquelle on fait toute sorte de mouvements avec le corps.*

Espécie de dança muito indecente do negros na qual se faz toda sorte de movimentos com o corpo.

*Tout ce que l'auteur de ces lignes aurait pu ajouter, c'est que ces chants étaient pour la plupart des cantiques sacrés d'Obatala ainsi que cela résulte de mes recherches personnelles.*

Tudo o que o autor dessas linhas não disse é que quase todos esses cantos eram cânticos sagrados de Obatalá, como tenho verificado em minhas pesquisas pessoais.

60. O parágrafo a seguir não está presente na VF: Apenas escapou à *Renasença* observar que a proibição se limitou à festa do Bonfim e não abrangeu a *lansagem* no dois de fevereiro de Santo Amaro, na festa de N. Senhora das Candeias, onde o símile africano se mantém inalterável.

61. Na VF, é inserida a seguinte frase:

*L'équivalence qui semble la plus naturelle est, sans aucun doute, celle qui est établie avec N. S. das Candeias à qui, dans le village du même nom, on rend un culte presque aussi renommé que celui du Bonfim et où les Candomblés d'Osun, célébrés à l'occasion des fêtes catholiques n'ont pas moindre réputation.*

A equivalência que parece mais natural é, sem dúvida, a que se estabelece com Nossa Senhora das Candeias a quem, na cidade do mesmo nome, é prestado um culto quase tão famoso quanto o do Bonfim e onde os candomblés de Oxum, realizados por ocasião das festas católicas, são muito renomados.

62. Na VF, insere-se a seguinte frase:

*[...] où les réjouissances les jouent autour*

[...] dia em que as festividades, as brincadeiras em torno da fogueira são mais animadas: é um ponto a observar.

63. Na VF, a grafia é *orissas*. O termo aparece ao longo do texto, ora acentuado ora não.

64. Na VF, insere-se esta frase:

*Au Peji de Livaldina une image de la Vierge est accrochée au mur au-dessus de fétiches.*

No peji de Livaldina, uma imagem da Virgem está pendurada na parede, acima dos fetiches.

65. Na VF, insere-se a frase:

*Osun, me disait le propriétaire de la boucherie.*

Oxum, me dizia o proprietário do açougue.

66. Na VF, o trecho seguinte é omitido:

Há mesmo uma figa muito curiosa que se encontra em toda a parte e em que esta associação ainda é mais completa. O index da mão fechada prolonga-se bastante para terminar em uma pequena cruz.

67. Na VF, esta última frase é omitida:

É que no Brasil o mestiçamento não é só físico e intelectual, é ainda afetivo ou dos sentimentos, religioso igualmente portanto.

68. Na VF, e na edição de 1935 de Artur Ramos, grafa-se *orissá*.

69. Na VF, esta linha foi omitida:

Não podia ser mais explícito. Mas para deitar os pontos nos ii [...]

70. Na VF, é aqui indicado a quem a carta foi remetida: *Au Monitor Catholico*.

71. Na VF, não é inserido o seguinte trecho:

Não parece no entanto que tivesse grande eficácia a pregação aconselhada pelo Monitor Católico, pois a romaria a Santo Antônio da Barra não foi a última façanha de S. Gonocô cujo culto continuou então como continua hoje inalterável e firme. O terreiro de S. Lázaro do pai Joaquim N. da Silva onde se manifestou S. Gonocô tem por diversas vezes depois disso chamado a atenção da polícia a pedido e reclamação dos vizinhos.

72. Na VF, insere-se o seguinte trecho:

*L'article suivant publié dans le Journal de Noticias du 22 Juillet de la même année, montre bien que le pèlerinage de Santo Antônio da Barra n'a pas été le dernier exploit de St. Gonocô, dont le culte continuait à être alors comme il est aujourd'hui, inaltérable et ferme, malgré les prédications des prêtres catholiques recommandées par le Monitor Catholico comme un remède efficace contre la superstition populaire.*

*Candomblé  
On nous écrit ce qui suit:*

M. le rédacteur du *Diário de Notícias* et ami. — Comme vous avez protesté dans votre feuille éclairée contre les abus de ce pays, j'appelle une fois votre attention sur l'inférial candomblé de St. Lazare, appartenant au sorcier nommé Joaquim N. da Silva qui, confiant dans la tolérance des autorités locales, continue ses pratiques en propageant une peste et autres calamités.

Le père Joaquim Gonocó est à St. Lazare entouré d'une nombreuse réunion, où il se vautre dans les pratiques de l'immoralité la plus raffinée et se livre à l'extorsion des petites économes des femmes de mauvaise vie, des filons [filous] et des vagabonds, pensionnaires habituels de la maison de correction. Dimanche, 23 du courant, le sorcier va dire la bonne aventure et il y a là-bas des familles qui par ignorance vont dans cet antre, dans ce sale lieu de débauche où elles sont victimes de la bestialité libidinense du père Joaquim et de ses compères.

Là, à St. Lazare, où se trouve le luxurieux sorcier, le public assistera à la scène la plus dégradante qui ait eu lieu à Bahia.

Je vous en prie, au nom de Dieu, au nom de la morale, d'appeler à cet égard l'attention de M. Le Chef de la sûreté publique pour qu'il oblige ce sorcier à vivre d'une vie honnête et pour qu'il désigne avec autres, vagabonds et filons [filous], un endroit.

O artigo seguinte, publicado no *Jornal de Notícias* de 22 de julho do mesmo ano, mostra que a romaria de Santo Antônio da Barra não foi a última façanha de São Gonocó, cujo culto persistia então, como é até hoje, inalterável e firme, apesar dos sermões dos padres católicos recomendados pelo *Monitor Católico* como antídoto da

"Candomblé"

Escrevem-nos o seguinte:

"Senhor redator do *Diário de Notícias* e amigo."

Como o senhor protestou em seu esclarecido jornal contra os abusos neste país, chamo mais uma vez sua atenção para o infernal candomblé de São Lázaro, pertencente ao feiticeiro chamado Joaquim N. da Silva que, confiante na tolerância das autoridades locais, continua suas práticas predizendo a peste e outras calamidades.

O pai Joaquim Gonocó está em São Lázaro cercado de uma grande audiência, onde ele chafurda em práticas imorais requintadas e extorquie as economias das mulheres de vida fácil, dos malandros e vagabundos, freqüentadores contumazes da casa de correção. Domingo, dia 23 do corrente, o feiticeiro vai ler a sina, e há famílias que, por ignorância, irão a esse antro, a esse horrível lugar de devassidão onde são vítimas da violência libidinosa do pai Joaquim e de seus asseclas.

Em São Lázaro, onde fica o luxurioso feiticeiro, o público vai assistir à cena mais degradante que existe na Bahia.

Rogo-lhe, em nome de Deus, em nome da moral, que alerte a esse respeito o chefe da segurança pública para que ele obrigue esse feiticeiro a viver uma vida honesta e encaminhe os outros, vagabundos e vadios, para algum lugar.

73. Na VF, o nome da cartomante é omitido.

74. Na VF, o trecho a seguir é omitido:

[...] ouvida, afirma-se, até por médicos distintos em apuros de concurso na Faculdade. De um se diz que fez, em concurso, diagnóstico psiquiátrico por inspiração da cartomante. Tal é a disposição de ânimo da nossa população em geral.

Continuar a afirmar, em face de todos estes documentos, que os negros baianos são católicos e que tem êxito no Brasil a tentativa de conversão, é, portanto, alimentar uma ilusão que pode ser cara aos bons intuitos de quem tinha interesse de que as coisas se tivessem passado assim, mas que certamente não está conforme à realidade dos fatos.

## Anexos

No início da versão em francês (VF), há uma advertência e uma introdução de Nina Rodrigues, que apresentaremos em seguida, com a respectiva tradução de Estela dos Santos Abreu:

### *Avertissement*

*Les louables efforts de l'éditeur, M. M. Reis & C. et le dévouement d'un ami qui a bien voulu me prêter son concours en m'aidant à la traduction de ce livre n'ont pu empêcher les nombreuses et regrettables erreurs commises dans la partie matérielle de l'ouvrage.*

*Nos compositeurs typographes ignorent absolument la langue française; de là les lacunes, les incorrections, les erreurs de toute sorte dont nous réclamons le pardon à la bienveillance du lecteur.*

*Les personnes qui ont fait imprimer un travail quelconque en langue étrangère dans nos pays connaissent les difficultés contre lesquelles on se heurte, les obstacles qu'il faut surmonter pour obtenir un travail plus que médiocre.*

*La pensée de placer un errata à la fin du volume nous est venue; mais nous y avons renoncé parce que outre sa longueur ce travail nous a paru inutile. Le lecteur aurait eu à y recourir trop souvent, ce qui aurait rendu la lecture bien fatigante pour qui aurait eu la patience de le consulter.*

*Nous espérons donc qu'on voudra bien nous pardonner l'imperfection matérielle du travail que nous avons l'honneur de présenter au public convaincus que l'intelligence du lecteur saura suppléer ce qui manque et rectifier les erreurs.*

## Advertência

Os louváveis esforços do editor M. M. Reis & C. e o desvelo de um amigo que me ajudou na tradução deste livro não puderam impedir os numerosos erros cometidos na parte material da obra.

Nossos tipógrafos ignoram totalmente a língua francesa; por isso, as lacunas, as incorreções, os erros de toda sorte para os quais pedimos a indulgência do leitor.

As pessoas que imprimiram qualquer trabalho em língua estrangeira em nosso país conhecem as dificuldades contra as quais nos batemos, os obstáculos que precisamos ultrapassar para obter um resultado menos medíocre.

Pensamos colocar uma errata no final deste volume, mas desistimos porque, além de ficar muito grande, nos pareceu uma tarefa inútil. O leitor teria de recorrer muito freqüentemente a ela, o que tornaria a leitura cansativa para quem tivesse a paciência de consultá-la.

Esperamos, pois, que nos perdoem a imperfeição material do trabalho que temos a honra de apresentar ao público, convencidos de que a inteligência do leitor saberá suprir o que falta e retificar os erros.

## Introduction

*Le travail que nous présentons au lecteur, n'est qu'une simple contribution de notre part au vaste problème de l'influence sociale exercée par les races noires au Brésil, influence qui depuis longtemps a appelé notre attention et la retient.*

*L'impossibilité d'aborder d'un seul coup et dans son ensemble un sujet aussi vaste nous a fait prendre la résolution de l'étudier par parties.*

*Cette étude a été publiée il y a quatre ans (1896) dans la Revista Brasileira. A cette époque la religion des nègres de la Côte des Esclaves, dont nous nous proposons d'étudier les pratiques à Bahia, nous était presque inconnue, et ce n'est que plus tard que nous avons pu consulter les oeuvres du Colonel A. B. Ellis. La lecture de ces travaux nous a démontré que notre description, récit fidèle*

*de ce que nous avions observé ici, avait été des plus heureuses. Ceci explique pourquoi nous avons voulu conserver à notre travail sa forme primitive.*

*D'accord avec les travaux précités nous pourrions faire aujourd'hui le partage des contributions apportées par les cultes des différents peuples de la Côte des Esclaves au fétichisme des nègres de notre pays. Mais ces divisions ne valent pas à nos yeux la fidélité des descriptions de ces croyances, constituées par la fusion d'éléments divers, telles qu'elles existent et se manifestent ici, et comme nous les décrivons. Nous avons continué et nous continuons nos observations et nos études; malgré cela nous ne voyons aucune utilité à modifier ce que nous avons écrit il y a quatre ans.*

*Ce livre sera prochainement suivi d'un autre que nous publierons en portugais, et dans lequel nous étudierons séparément les peuples africains que le trafic a jetés au Brésil. Ce ne sera encore qu'un essai modeste, une contribution à la solution du problème de la race noire dans l'Amérique Portugaise. La division des croyances africaines de nos nègres trouvera naturellement là sa place tout indiquée.*

*Nous ne nous dissimulons pas le peu de valeur de ces études. Mais quelque incomplètes qu'elles soient, nous avons la conviction qu'elles aideront, ne fût-ce que dans une faible mesure, à l'éclaircissement des graves questions sociales relatives à notre destinée de peuple en voie de formation. Et, sans vouloir rien préjuger, tout nous porte à condamner la parité que l'on cherche à établir entre nous et le peuple des États-Unis de l'Amérique du Nord; chez nous, un petit noyau colonial de race blanche s'est noyé par le croisement dans les races nègre et américaine; dans l'Amérique du Nord on a évité tout mélange de race.*

*La division du degré de culture des peuples noirs qui ont colonisé le Brésil est devenue ainsi une question capitale pour l'étude de notre nationalité dans ses bases et ses forces vives. Cela n'est d'aucune utilité aux États-Unis où on a toujours su ou pu conserver la race noire, dans sa totalité, à distance respectable.*

*Je suis médecin, j'ai à peine besoin de le dire et n'ai pas d'autre ambition. Les excursions de la médecine dans le domaine de l'amélioration ou du perfectionnement des peuples ont inspiré ces pages consacrées au service — petit sans doute, car je ne saurais faire mieux —, de ma chère patrie.*

Bahia, janvier de 1890 (sic)

N. R.